José Gonçalves

CPAD

Sábios Conselhos para um Viver Vitorioso



Sabedoria bíblica para quem quer vencer na vida!

JOSÉ GONÇALVES

SÁBIOS CONSELHOS PARA UM VIVER VITORIOSO

Sabedoria bíblica para quem quer vencer na vida



1ª Edição

CPAD

Rio de Janeiro
2013

Todos os direitos reservados. Copyright © 2013 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Preparação dos originais: Verônica Araujo
Revisão: Elaine Arsenio
Capa: Flamir Ambrósio
Projeto gráfico e editoração: Elisangela Santos

CDD: 248- Vida Cristã
ISBN: 978-85-263-1086-5

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: http://www.cpad.com.br.

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus
Av. Brasil, 34.401 – Bangu – Rio de Janeiro – RJ
CEP 21.852-002

1ª edição - agosto - 2013
Tiragem: 30.000

Agradecimentos

Agradeço ao Senhor que "me revestiu de força" (Sl 18.32) no processo de produção deste livro. Sem Ele essa missão seria impossível. A Ele toda honra e glória para sempre!

Agradeço à minha esposa Maria Regina (Mará), que como sempre, esteve o tempo todo ao meu lado incentivando-me e dando as suas preciosas sugestões. Faço minhas as palavras do Sábio: "Muitas mulheres procedem virtuosamente, mas tu a todas sobrepujas" (Pv 31.29). Devo muito a você, meu amor! Amo você de todo o meu coração!

Agradeço também à igreja de Água Branca pela compreensão e apoio dado. Quando precisei me recolher para cumprir a agenda da editora na produção desse livro, essa amada igreja dispensou a mim todo o carinho necessário.

Agradeço àqueles que participaram diretamente desse projeto com suas orações e incentivos, especialmente os crentes da Rua Bonjé em Água Branca, Piauí: Tios Raimundo Miguel e Ângela Rodrigues e primos Keila, Lila, José Miguel, Rosa Maria e Aline Queiroz. Que o Senhor vos abençoe grande e abundantemente.

Apresentação

Escrever um comentário sobre os Provérbios de Salomão e Eclesiastes é como quem escava um barranco à procura de ouro! A diferença é que aqui não encontramos cascalho, mas somente pepitas reluzentes e prontas para nosso uso. O Senhor ao longo dos anos burilou-as e moldou-as para nosso deleite. Hoje temos o prazer de não somente admirá-las, mas também desfrutá-las. Assim é com Provérbios e Eclesiastes, verdadeiras pérolas da sabedoria divina para o nosso enlevo espiritual.

Confesso que durante esses mais de trinta anos de fé evangélica não havia me debruçado sobre os livros de Provérbios e Eclesiastes como fiz agora! Ao longo desses anos li essas obras dezenas de vezes, mas não esquadrinhando da forma que fiz agora. Esse estudo sistematizado, regado com muita oração e meditação e apoiado pelos comentários de dezenas de eruditos, fez crescer em mim ainda mais a admiração pelos escritos de Salomão.

O que o leitor tem em mãos é, portanto, o fruto desse trabalho árduo, porém prazeroso. E não apenas isso — são anotações de um pastor que no labor do seu trabalho, cuidando diuturnamente de ovelhas, atestou na prática os conselhos dos Sábios.

José Gonçalves
Água Branca, Piauí, maio de 2013.

Sumário

Apresentação 5

Capítulo 1
O Valor dos Bons Conselhos 09

Capítulo 2
Resguardando-nos do Adultério 20

Capítulo 3
Trabalho e Prosperidade 32

Capítulo 4
Lidando de Forma Correta com o Dinheiro 43

Capítulo 5
O Cuidado com aquilo que Falamos 55

Capítulo 6
O Poder do Exemplo Pessoal no Ensino aos Filhos 67

Capítulo 7
Humildade *versus* Arrogância 79

Capítulo 8
A Mulher Virtuosa 92

Capítulo 9
O Tempo para todas as Coisas 103

Capítulo 10
Cumprindo suas Obrigações Diante de Deus 115

Capítulo 11
A Paciência Divina e o Fim dos Ímpios 126

Capítulo 12
Lança o teu Pão sobre as Águas 137

Capítulo 13
Tema a Deus em todo o Tempo 149

1

O Valor dos Bons Conselhos

Pv 1.1-7

[1]Provérbios de Salomão, filho de Davi, o rei de Israel; [2]Para aprender a sabedoria e o ensino; para entender as palavras de inteligência;[3] para obter o ensino do bom proceder,a justiça, o juízo e a equidade;[4] para dar aos simples prudência e aos jovens, conhecimento e bom siso.[5]Ouça o sábio e cresça em prudência; e o instruído adquira habilidade;[6] para entender provérbios e parábolas, as palavras e enigmas dos sábios;[7] O temor do Senhor é o princípio do saber, mas os loucos desprezam a sabedoria e o ensino. (Pv 1.1-7)

Desde criança somos ensinados a ouvir e atentar para os bons conselhos. Quem não se lembra, por exemplo, de uma máxima que ouviu na infância? Todas as culturas valem-se de parábolas, lendas, enigmas e máximas como veículo de transmissão dos seus valores morais, éticos e espirituais. Cresci ouvindo os mais velhos dizerem: *Quem trabalha, Deus ajuda!; Mais vale uma andorinha na mão do que duas voando; Um homem prevenido vale por dez.* Essas máximas sintetizam um saber popular responsável não somente pela transmissão de uma cultura, mas também funcionam como normas de conduta. "O povo, porém,

não costuma escrever", observa Ivo Storniolo, "mas reter na memória os seus 'achados' de sabedoria. É por isso que resume tudo num versinho rimado, fácil de guardar de cor. Hoje em dia, os melhores lugares para encontrar a sabedoria popular são os para-choques de caminhões, os muros pichados, as portas e paredes de banheiros públicos, os joguinhos de adivinhação das crianças, os conselhos dos velhos, as piadas que correm de boca em boca etc. Tudo isso é um tesouro que revela a alma do povo, mostrando a compreensão que ele vai formando sobre a vida como resultado da sua experiência no mundo. É o que podemos encontrar no provérbio: *Anel de ouro em focinho de porco é a mulher bonita, mas sem bom-senso* (Pv 11.22)."[1]

A Bíblia como um livro cultural também é rica em provérbios, parábolas, enigmas e máximas. São pérolas usadas pelos autores bíblicos visando facilitar a transmissão cultural de uma verdade. Vale a pena destacar que esse recurso bíblico-literário não possui apenas seu valor cultural, mas também traz consigo a revelação da sabedoria divina. Muitos livros bíblicos são ricos nessas metáforas, mas o livro de Provérbios e Eclesiastes se sobressaem no uso desse recurso. Neste trabalho enfocaremos o que as obras de Salomão têm a revelar sobre esse assunto e assim podermos desfrutar do seu extraordinário valor para o viver diário.

CONHECENDO OS PROVÉRBIOS

Autoria

Acerca da autoria de Provérbios, o expositor bíblico William MacDonald destaca: "Às vezes, o livro é chamado de 'Provérbios de Salomão', uma vez que a maioria deles foi escrito por esse rei sábio (1.1; 10.1; 25.1). Salomão formulou três mil provérbios (cf. 1 Rs 4.32), mas apenas algumas centenas deles foram agrupados sob a inspiração do Espírito Santo para fazer parte da Escritura Sagrada.

O capítulo 30 apresenta as palavras 'de Agur, filho de Jaque' (30.1), e o capítulo 31 traz as palavras "do rei Lemuel" (31.1). Não sabemos quem são esses homens, embora alguns acreditem que se tratam de outros nomes de Salomão". [2]

Data e Canonicidade

O escritor Antonio Neves de Mesquita, especialista em Antigo Testamento e hebraísta, observa que "os tradutores da Septuaginta, em 280 a.C., já incluíram Provérbios na sua tradução, ao qual deram o nome de *Paroimiai.* Portanto, quase três séculos antes de Cristo, Provérbios era um livro acabado e reconhecido como inspirado".[3] Ainda de acordo com Mesquita, esse livro não provocou debate quanto à sua canonicidade: "Nunca houve entre os rabinos qualquer discussão quanto à sua canonicidade, e, sim, quanto à sua autoria, como aconteceu com Eclesiastes e outros. Portanto, é um livro que sempre foi considerado inspirado, e os judeus devem ser reconhecidos como a autoridade máxima nesse campo, pois era um livro da sua biblioteca sagrada".[4] As fontes mais confiáveis colocam a redação final desse livro após o cativeiro babilônico, visto ter sido nessa época que os judeus demonstraram um interesse sem igual por sua Bíblia.

Propósito

A finalidade do livro de Provérbios está declarada nos seis primeiros versículos do capítulo primeiro. Esses versículos nos revelam que o propósito do livro é produzir sabedoria e fazer com que seus leitores aprofundem-se mais ainda na verdadeira sabedoria. A leitura dessa introdução dos Provérbios feita pelo Sábio Salomão demonstra que a sabedoria é um conhecimento que pode ser aprendido, adquirido e aumentado se for corretamente ensinado. Os estudiosos de provérbios observam que o livro da sabedoria mostra o meio para se chegar a esse fim:

"O meio para isso", destaca Ivo Storniolo,"é o treinamento e a disciplina mental. Em segundo lugar notemos que esse treinamento visa duas coisas: *o desenvolvimento mental* (sensatez, habilidade, sagacidade, conhecimento, reflexão, saber) e o *desenvolvimento moral* (justiça, direito, retidão). Essas duas coisas, porém, caminham juntas, pois, na visão sapiencial, os erros não são pecados em razão das falhas morais, mas da falta de bom-senso e discernimento: quem erra é mais culpado pela idiotice do que pela maldade. O verdadeiro sábio, contudo, é, ao mesmo tempo, justo e reto".[5]

A SABEDORIA DOS ANTIGOS

Salomão e os sábios da antiguidade

O texto de 1 Reis 4.29-31, diz: "Deu também Deus a Salomão sabedoria, grandíssimo entendimento e larga inteligência como a areia que está na praia do mar. Era a sabedoria de Salomão maior do que a de todos os do Oriente e do que toda a sabedoria dos egípcios. Era mais sábio do que todos os homens, mais sábio do que Etã, ezraíta, e do que Hemã, Calcol e darda, filhos de Maol; e correu a sua fama por todas as nações em redor".

Por outro lado, o livro de Provérbios faz referência às "palavras dos sábios" (Pv 22.17; 24.23). Não há ainda um consenso sobre a real identidade desses sábios citados nestes textos, mas uma coisa fica clara — a todos eles Salomão superou em sabedoria.

As máximas contidas no livro dos Provérbios contém o pensamento salomônico sobre vários aspectos da vida. Para o escritor Earl D. Radmacher, a sabedoria do livro de Provérbios "se relaciona muito mais com o que nós chamamos de 'sentido comum'. É uma maneira de entender o funcionamento do mundo. A questão não é tanto o que alguém sabe intelectualmente, mas como faz isso na prática. É uma verdade aplicada. É por isso que Provérbios abarca todos os acontecimentos do dia a dia, especialmente aqueles que envolvem interrogações morais e decisões que afetam o futuro.

A pessoa sábia (heb. *charam)* evita a maldade e promove o bem, observando os demais e buscando uma linha de ação baseada nos resultados. Assim, os Provérbios não são unicamente promessas de Deus, também são observações e princípios acerca de como funciona nossa vida.[6]

Respondendo à pergunta: *O que a sabedoria pode fazer por sua carreira, seus relacionamentos e sua vida pessoal?* O escritor norte-americano Steven K. Scott, responde: "Eis algumas recompensas que, segundo Salomão, você pode esperar se seguir os seus conselhos: Sabedoria, prudência, capacidade de julgar, preservação e proteção, sucesso, mais saúde, vida mais longa, honra, abundância financeira, estima dos poderosos, elogios e promoções, independência financeira, confiança, força de caráter, coragem, conquistas extraordinárias, realização pessoal, ótimos relacionamentos, uma vida cheia de sentido, amor e admiração de outras pessoas e compreensão".[7]

As Fontes da Sabedoria

A fonte da sabedoria popular

Embora não seja um consenso entre os intérpretes, mas parece não haver dúvidas de que Salomão se valeu de muitas máximas que circulavam nos seus dias. Isso de forma alguma pode ser considerado como um demérito para suas monumentais obras literárias. Não, de forma alguma. A obra *The New Interpreter's Dictionary of the Bible,* destaca que há de fato muita semelhança entre o que disse o sábio hebreu com aquilo que escreveu Amenemope, um sábio egípcio que viveu muito antes de Salomão (1305-1080 a.C). Esse fato é claramente demonstrado quando se faz um paralelo entre as instruções de Amenemope e os Provérbios de Salomão 22.17—24.22. No entanto, a Escritura põe em destaque que a sabedoria de Salomão sobrepujava todo o saber dos seus dias, incluindo os egípcios que eram famosos pela grande sabedoria que

possuíam (1 Rs 4.30).[8] Salomão demonstra sabedoria quando faz uma adaptação dessa cultura popular para a sua própria cultura.

Nancy Declaissé-Walford, estudiosa dos Provérbios, mostrou em um artigo, o paralelo existente entre os Provérbios de Salomão e a Sabedoria do Antigo Oriente Próximo. Por exemplo, a Instrução de Amenemope, sábio egípcio (12º século) é muito semelhante à Provérbios 22.17—24.22, sugerindo alguns empréstimos de temas proverbiais comuns e os Provérbios. A Instrução de Amenemope começa com as palavras: "Dê ouvidos; Ouça as palavras; Dê seu coração para compreendê-las» (3.9,10) enquanto Provérbios 22.17, afirma: "Inclinai os vossos ouvidos, e ouvi as minhas palavras, e aplique a sua mente para o meu ensinamento". Temas também abordados por ambos os documentos incluem o tratamento dos pobres (Pv 22.24; Instruções de Amenemope 11,13,14), o respeito pela tradição (Pv 23.10,11; Instruções de Amenemope 7,11-15), e como se comportar na presença de governantes (Pv 23.1-3; Instruções de Amenemope 13-18). Por outro lado, as Instruções Aramaicas "As palavras do Ahiqar" (Agur 7º e 5º Século a.C), dirigida ao "meu filho", contém numerosas palavras e dá conselhos sobre a disciplina dos filhos semelhante a Provérbios 23.13,14 (Ahiqar 81,82).[9]

A sabedoria divina

A sabedoria divina levou Salomão a comentar praticamente a respeito de tudo o que há debaixo do sol: "Discorreu sobre todas as plantas, desde o cedro que está no Líbano até ao hissopo que brota do muro; também falou dos animais e das aves, dos repteis e dos peixes. De todos os povos vinha gente para ouvir a sabedoria de Salomão, e também enviados de todos os reis da terra que tinham ouvido da sua sabedoria" (1 Rs 4.33,34). Lendo o capítulo três do primeiro livro dos Reis descobrimos de onde vinha tanta sabedoria:

Salomão amava ao Senhor, andando nos preceitos de Davi,
seu pai; porém sacrificava ainda nos altos e queimava incenso.
4 Foi o rei a Gibeão para lá sacrificar, porque era o alto maior;
ofereceu mil holocaustos Salomão naquele altar. 5 Em Gibeão,
apareceu o Senhor a Salomão, de noite, em sonhos. Disse-lhe
Deus: Pede-me o que queres que eu te dê. 6 Respondeu Salo-
mão: De grande benevolência usaste para com teu servo Davi,
meu pai, porque ele andou contigo em fidelidade, e em justi-
ça, e em retidão de coração, perante a tua face; mantiveste-lhe
esta grande benevolência e lhe deste um filho que se assentasse
no seu trono, como hoje se vê. 7 Agora, pois, ó Senhor, meu
Deus, tu fizeste reinar teu servo em lugar de Davi, meu pai; não
passo de uma criança, não sei como conduzir-me. 8 Teu servo
está no meio do teu povo que elegeste, povo grande, tão nume-
roso, que se não pode contar. 9 Dá, pois, ao teu servo coração
compreensivo para julgar a teu povo, para que prudentemente
discirna entre o bem e o mal; pois quem poderia julgar a este
grande povo? 10 Estas palavras agradaram ao Senhor, por haver
Salomão pedido tal coisa. 11 Disse-lhe Deus: Já que pediste esta
coisa e não pediste longevidade, nem riquezas, nem a morte
de teus inimigos; mas pediste entendimento, para discernires
o que é justo; 12 eis que faço segundo as tuas palavras: dou-te
coração sábio e inteligente, de maneira que antes de ti não hou-
ve teu igual, nem depois de ti o haverá. 13 Também até o que
me não pediste eu te dou, tanto riquezas como glória; que não
haja teu igual entre os reis, por todos os teus dias. 14 Se andares
nos meus caminhos e guardares os meus estatutos e os meus
mandamentos, como andou Davi, teu pai, prolongarei os teus
dias. 15 Despertou Salomão; e eis que era sonho. Veio a Jeru-
salém, pôs-se perante a arca da Aliança do Senhor, ofereceu
holocaustos, apresentou ofertas pacíficas e deu um banquete a
todos os seus oficiais (1 Rs 3.3-15).

Isso explica porque ninguém jamais conseguiu superar Salomão em sabedoria.

O PROPÓSITO DA SABEDORIA

Valores ético-morais e espirituais

Os seis primeiros versículos de Provérbios mostram com muita clareza que o propósito desse livro é o cultivo dos valores éticos-morais:

> Provérbios de Salomão, filho de Davi, o rei de Israel. Para aprender a sabedoria e o ensino; para entender as palavras de inteligência; para obter o ensino do bom proceder, a justiça, o juízo e a equidade; para dar aos simples a prudência e aos jovens, conhecimento e bom siso. Ouça o sábio e cresça em prudência; e o instruído adquira habilidade para entender provérbios e parábolas, as palavras e enigmas dos sábio.(Pv 1.1-6)

O livro de Provérbios, portanto, é rico em ilustrações sobre o comportamento humano e sem dúvida procura trabalhar o caráter do homem. Mas como bem observou Derek Kidner, ele não é um álbum de retratos, nem um livro de boas maneiras: oferece uma chave à vida. "As amostras de comportamento que espalha diante das nossas vistas são aquilatadas, todas elas, por um único critério, que poderia ser resumido na pergunta: Isto é sabedoria ou estultícia?" Esta é uma abordagem que unifica a vida, porque se adapta aos campos mais corriqueiros tanto quanto aos mais exaltados. A sabedoria deixa a sua assinatura em qualquer coisa bem feita ou bem julgada, desde uma observação apropriada até o próprio universo, desde uma política sábia (que brota de uma introspecção prática) até uma ação nobre (que brota de uma introspecção prática). Noutras palavras, fica igualmente bem encaixada nos ambientes da natureza e da arte, da ética e da política, sem mencionar outros, e forma uma base única de julgamento para todos eles.[10]

Por outro lado, as palavras: "O temor do Senhor é o princípio do saber, mas os loucos desprezam a sabedoria e o ensino" (Pv 1.7, ARA), demonstram que a transmissão de valores espirituais estava na mente de Salomão quando escreveu este livro. Esse também é um princípio que o filho de Davi faz sobressair em Eclesiastes, livro também de sua autoria. Dessa forma observamos que Salomão demonstra que nenhuma moral-social se firma se não tiver valores morais e espirituais como princípio.

O valor espiritual dos Provérbios fica bem demonstrado no uso que nosso Senhor Jesus Cristo fez dos mesmos. Como bem observou Antonio Neves de Mesquita:

> Jesus fez amplo uso dos ensinos de Provérbios na sua doutrinação prática. Muitas das suas parábolas estão calcadas em seus ensinos. Por exemplo, a parábola dos primeiros lugares, quando convidado para banquetes, está firmemente relacionada com Provérbios 25.6,7, onde se lê: *não se glories no meio dos reis nem te ponhas no meio dos grandes, porque melhor é que te digam: sobe para aqui, do que seres humilhado diante do príncipe.* A parábola do rico insensato está bem retratada em Provérbios 27. Jesus, na conversa com Nicodemos, parece, que copiou a palavra de Agur, filho de Jaqué em Provérbios 30.4, e quando se refere ao povo, dizendo que a sabedoria é justificada por seus filhos, está citando Provérbios no seu todo.[11]

A literatura sapiencial, representada neste capítulo pelos livros de Provérbios e Eclesiastes, revela que o temor do Senhor é o fundamento de todo o saber. Ninguém pode ser considerado sábio de fato se os seus conselhos não revelam princípios do saber divino. Um sábio não é alguém dotado apenas de muita informação ou inteligência, mas alguém que aprendeu que o temor do Senhor é a base de toda moral-social.

NOTAS

[1] STORNIOLO, Ivo. **Como Ler o Livro dos Provérbios — a sabedoria do povo.** 4ª Ed., São Paulo: Paulus, 2008.

[2] MACDONALD, William. **Comentário Bíblico Popular — versículo por versículo.** São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

[3] MESQUITA, Antonio Neves. **Estudo no Livro de Provérbios — princípios para uma vida feliz.** Rio de Janeiro: JUERP, 1979.

[4] Idem.

[5] STORNIOLO, Ivo. **Como Ler o Livro dos Provérbios — a sabedoria do povo.** São Paulo: Paulus, 2008.

[6] RADMACHER, Earl. **Nuevo Comentario Ilustrado de La Biblia.** Nashville, EUA: Thomas Nelson, 1999.

[7] SCOTT, K. Steven. **Salomão, o homem mais rico que já existiu — sabedoria da Bíblia para uma vida plena e bem-sucedida.** Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

[8] Ao comentar sobre as *Instruções de Amenemope,* a obra *O Novo Dicionário dos Intérpretes da Bíblia,* observa: "Embora vários manuscritos preservem este pedaço da literatura sapiencial egípcia como tendo sido produzida a partir de uma data posterior, todavia ela foi provavelmente composta entre a 19ª e 20ª dinastias (cerca 1305-1080 a.C). Essas instruções mostram como se um pai estivesse ensinando seu filho, trazendo vida e bem-estar para aqueles que os seguem. Tem paralelos nas "palavras de sabedoria" (Pv 22.17 — 24.22). Os estudiosos muitas vezes mostram a relação literária entre esses dois trabalhos ao mesmo tempo em que debatem a natureza exata desse relacionamento.

No entanto, a maioria vê o material de Provérbios 22.17 — 24.22, como tendo sido tirado das Instruções de Amenemope" (KEVIN A. Wilson, in *The New Interpreter's Dictionary of the Bible, vol 1 A-C,* Abingdon Press, Nashville, USA, 2006. Tradução livre do autor).

[9] DECLAISSÉ-WALFORD, Nancy. **In The New Interpreter's Dictionary of the Bible.** Vol 4, Me-R. p. 353,354. Nashville, EUA: Abingdon Press, 2008.

[10] KIDNER, Derek. **Provérbios — introdução e comentário.** São Paulo: Editora Vida Nova, 2008.

[11] MESQUITA, Antonio Neves. **Estudo no Livro de Provérbios — princípios para uma vida feliz.** Rio de Janeiro: JUERP, 1979.

2

Resguardando-nos do Adultério

Pv 5.1-6

[1]Filho meu, atende a minha sabedoria; à minha inteligência
inclina os ouvidos;
[2] para que conserves a discrição,
e os teus lábios guardem o conhecimento;

[3] porque os lábios da mulher adúltera destilam favos de mel,
e as suas palavras são mais suaves do que o azeite;

[4] mas o fim dela é amargoso como o absinto,
agudo, como a espada de dois gumes.

[5] Os seus pés descem à morte;
os seus passos conduzem-na ao inferno.

[6] Ela não pondera a vereda da vida;
anda errante nos seus caminhos e não o sabe.

O sexo se tornou o deus desta era! Escândalos sexuais envolvendo pastores, padres ou líderes religiosos sempre aconteceram na história das religiões. Isso, portanto, não é nenhuma novidade nem tampouco motivo para admiração. Todavia não podemos negar que relatos em que são denunciados

o envolvimento de religiosos, inclusive pastores, em práticas sexuais ilícitas, têm aumentado em escala geométrica. As cifras já alcançam proporções assustadoras. Agora mesmo quando escrevo este capítulo um famoso blogueiro está expondo na sua página a prisão de um pastor acusado de pedofilia. Ele faz questão de mostrar que se trata de um "pastor da Assembleia de Deus". Isso é uma observação desnecessária, bairrista e tola, pois batistas, presbiterianos, metodistas e todos os ramos do protestantismo e também do catolicismo, inclusive da confissão de fé desse blogueiro, tem experimentado o gosto amargo advindo com a queda de seus clérigos.

Depois que escrevi em 2006 o livro: *Por que Caem os Valentes?,* tenho recebido dezenas de e-mails de crentes, muitos deles pastores, contando suas tentações ou narrando alguma aventura sexual que tiveram. Não estou aqui me referindo a uma simples tentação sexual, pois acredito que todos nós estamos sujeitos a ser tentados. Refiro-me a algumas práticas que são chocantes e que de tão sórdidas que são, fica difícil de acreditar que os envolvidos nesses relatos sejam de fato crentes nascidos de novo. As histórias incluem desde a existência de um "simples caso" até mesmo a prática de pedofilia. Em uma delas, o amado irmão que me escreveu detalhou a sua odisseia. Narrou que logo após seu casamento envolveu-se com uma antiga namorada e também com a esposa de um parente próximo. Chegou ao fundo do poço quando se deu conta de que estava assediando uma menina de onze anos. Arrependeu-se, mas as suas palavras demonstram que continua com feridas profundas na alma!

O que então está havendo de errado com a sexualidade dos evangélicos hoje? De início podemos afirmar, sem medo de errar, que é muito mais fácil pecar hoje do que ontem. É mais fácil cometer algum pecado sexual hoje do que há vinte anos. Quando me converti ao evangelho, por exemplo, no início dos anos oitenta, o acesso a uma revista masculina era muito mais difícil

para quem era menor de idade. Além da embalagem plástica que protegia o periódico, havia também uma tarjeta onde se lia: *proibido para menores de dezoito anos!* Com o advento da Internet esse fraco muro de proteção foi implodido e o acesso ao caudaloso rio da pornografia está à disposição de crianças, adultos e velhos. Evidentemente que as mídias sociais — *Orkut, Facebook,* e outros — potencializaram em muito a possibilidade de alguém se prender nas teias da tentação sexual. Não é mais novidade alguma que a Internet se tornou a grande confidente de homens e mulheres que estão vivendo alguma desilusão nos seus casamentos. A porta está escancarada para uma aventura sexual.

Foi isso que ouvi de um colega pastor quando preguei em sua igreja, só para citar um dos casos, pois ouvi algo incrivelmente semelhante em outros lugares. Contou-me que acabara de ver um lar sendo desfeito por conta de um caso extraconjugal envolvendo membros de sua igreja. Segundo me disse, o esposo o procurou para relatar o que havia descoberto no histórico das redes sociais visitadas por sua esposa. Desconfiado do comportamento dela, aquele irmão contratou um *hacker* para instalar um programa espião em seu computador e assim acompanhar as páginas que a sua esposa visitava na Internet. Foi aí que descobriu que a ela havia se envolvido com um homem, inclusive se despindo em frente à sua webcam para o seu amante virtual. O amante virtual se tornou real e o casamento, que começou como um ideal, desabou!

No excelente livro *Seu Casamento e a Internet,* os escritores Thomas Whiteman e Randy Petersen observam:

"Os computadores não passam de máquinas, e não fazem qualquer tipo de juízo de valores. A Internet é uma ferramenta que pode ser utilizada tanto para o bem quanto para o mal, dependendo de quem faz uso dela. Não iremos amaldiçoá-la como um todo por causa dos possíveis descaminhos no seu uso. Não culpamos Gutemberg pelas revistas pornográficas. Será que os

automóveis também são uma invenção ruim porque algumas pessoas provocam acidentes?

Entretanto, já vimos uma grande quantidade de casamentos destruídos pela Internet, em função do fácil acesso proporcionado à pornografia e à tentação oferecida em salas de bate-papo. É claro que, talvez, não possamos colocar toda a culpa por esses rompimentos na Internet. Afinal de contas, a rede não passa de um instrumento. As pessoas envolvidas precisam arcar com a responsabilidade pelas suas ações. Contudo, a Internet tem desempenhado um papel-chave no fracasso de muitos casamentos. Mas por que isso acontece? Haveria alguma coisa na natureza da rede que a tornaria especialmente tentadora? Sim. Há diversos fatores que contribuem para uma sedução vinda da Internet que poderia ser potencialmente devastadora para os casamentos."[1]

No final deste capítulo destaco alguns cuidados que devem ser tomados para evitar a pornografia virtual e consequentemente as suas danosas consequências nos relacionamentos. Aqui cabe destacar os elementos facilitadores da traição virtual. Primeiramente há uma *falsa privacidade* e um *falso anonimato* que todo navegante do universo virtual pensa dispor. De fato um computador em uma sala de escritório ou em um quarto de uma residência parece favorecer esse "clima" privado e anônimo. Mas o fato é que toda privacidade virtual se tornará pública com o tempo e todo anonimato receberá uma identidade. As estatísticas mostram que por trás de uma grande quantidade de pedófilos, estupradores ou até mesmo clérigos envolvidos em escândalos sexuais, e que tiveram suas vidas expostas na mídia, havia a prática de sexo virtual supostamente secreto. Por que o privado se tornou público e o anônimo foi identificado?

Isso acontece porque nenhuma prática sexual exercida de forma ilegítima produz satisfação plena. Quem se envolve com pornografia vive sempre a busca de mais satisfação sexual. É um desejo que nunca se satisfaz. A porta para os desvios da sexualidade e para a prática de perversões sexuais fica escancarada. É aí

que muitos tentam viver essa "adrenalina" provocada pela concupiscência de uma forma ilegítima. Devemos sempre lembrar de que aquilo que a Escritura considera como pecado jamais vai ter aprovação divina. Não adianta racionalizar.

EVITANDO A CONCUPISCÊNCIA E A LUXÚRIA

Infelizmente há até mesmo crentes que descem nessa enxurrada e acabam por macular seus leitos. Por diversas vezes fui indagado sobre o que eu achava de casais crentes frequentarem um motel. A minha resposta tem sido sempre a mesma — "Motel" é um nome moderno para as antigas casas de prostituição. Quais são as consequências espirituais para um casal crente frequentar uma casa dedicada à prostituição? Não tenho dúvidas de que esses locais estão impregnados de demônios. Não há oração no mundo que santifique um ambiente desses pela simples razão de que o Senhor não santifica o pecado! O meu conselho é que se fuja de ambientes assim.

Por outro lado, como bem observou o psiquiatra cristão John White em seu livro *O Eros Redimido,* há também forças espirituais do mal por trás de todo sexo virtual. Satanás e seus demônios não estão interessados em manter o escravo do vício sexual no anonimato. O alvo é conduzi-lo cada vez mais a diversas formas de perversão sexual até que estas se transformem em alguma forma de crime, quer seja pedofilia, estupro ou adultério. Depois que isso se tornou uma prática dominante, então o alvo dos anjos caídos é levá-lo à escravidão e posteriormente à exposição pública. É por isso que o livro de Provérbios nos exorta a exercermos a nossa sexualidade dentro dos parâmetros do casamento (Pv 5.18-20).

Ao escrever sobre a natureza da concupiscência, John White afirmou: "O desejo legítimo dado por Deus se transforma em luxúria no momento em que fizermos dele um deus. Adorar a comida é luxúria. A preocupação neurótica em dormir também. A escravidão às sensações eróticas representa a luxúria sexual".[2]

Ainda segundo White, "o sexo pode ser um anseio quando o amor e o desejo sexual estão separados. Faz pouca diferença a forma da atividade — sexo heterossexual dentro do casamento, ou qualquer outro prazer erótico. Quando amor e desejo sexual não estão juntos (situação extremamente comum), o erotismo assemelha-se ao manjar turco mágico de Edmundo. Ao final, o anseio leva a formas de sexo ilícitas ou patológicas. O mal atinge seu objetivo. Caímos em desejos que nos deixam viciados em pornografia, masturbação, necessidade excessiva de relações sexuais (hetero ou homossexuais), molestamento de crianças e todas as formas de perversão. Ponto comum em tudo isso é uma fome que nunca se aplaca, que deixa o indivíduo mais vazio do que antes".[3]

Lidando com a Carência no Casamento

Como já observei, o Sábio nos aconselha a vivermos a nossa sexualidade com intensidade, mas sempre dentro dos parâmetros do casamento: "Bebe a água da tua própria cisterna e das correntes do teu poço. Derramar-se-iam por fora as tuas fontes, e, pelas praças, os ribeiros de águas? Sejam para ti somente e não para os estranhos contigo" (Pv 5.15-17).

Esse texto toca em um ponto nevrálgico dos relacionamentos: a *carência.* Muitos casamentos fracassam porque são carentes de afeto e amor. O escritor Harry W. Schaumburg, observa que o sexo sem amor, além de gerar um vício sexual, acaba por criar uma *falsa intimidade:* "Isso é essencialmente uma ilusão criada pela própria pessoa para ajudá-la a evitar a dor inerente à intimidade real. A falsa intimidade pode ser tão superficial quanto um marido olhar a esposa e imaginá-la como tendo longos e lindos cabelos castanhos. Algo muito mais profundo encontra-se refletido em sua imaginação. Simplificando, ele deseja mais do que tem e demonstra perceber a falta de algo. A falsa intimidade está sempre presente no vício sexual. A pessoa que é sexualmente revoltada tem um estilo

próprio de aversão sexual. O sexo, para ela, é consumidor, pois precisa ser evitado a todo custo. A pessoa que é sexualmente obcecada, por outro lado, vive para o prazer sexual. O sexo também aqui é consumidor, pois precisa ser obtido de qualquer modo".[4]

A intimidade sexual permite que os cônjuges vivam um relacionamento sadio, conforme o plano idealizado por Deus para eles. "Esta é intimidade sexual e relacional que dois cônjuges compartilham dentro de seu matrimônio comprometido e amoroso. As dúvidas sobre si mesmos existem, mas o casal se comunica e se deleita um no outro relacional e sexualmente. Considerando a realidade de um mundo de relacionamentos imperfeitos, ambos os cônjuges enfrentam decepções. Dentro do gozo da intimidade real, experimentam o temor de se exporem, o medo de abandono, o medo da perda de controle e o medo de seus respectivos desejos sexuais. Em sua expressão sexual, ambos são dependentes do que o outro cônjuge fará e ficam abertos a isso."[5]

Impondo Limites

Vejamos novamente o texto de Provérbios 6.20-24 para falarmos sobre os cuidados que devem ser tomados por quem navega na rede virtual:

> Filho meu, guarda o mandamento de teu pai e não deixes a instrução de tua mãe; ata-os perpetuamente ao teu coração, pendura-os ao pescoço. Quando caminhares, isso te guiará; quando te deitares, te guardará; quando acordares, falará contigo. Porque o mandamento é lâmpada, e a instrução, luz; e as repreensões da disciplina são o caminho da vida; para te guardarem da vil mulher e das lisonjas da mulher alheia (Pv 6.20-24).[6]

Visando um maior controle sobre o uso das mídias eletrônicas, aconselho:

• Antes de navegar seja sincero diante de Deus e diante de si mesmo. Reconheça que você é homem, tem desejos de homens e vai morrer como eles. A resposta à tentação virtual não é negar quem você é, mas assumir que você depende do Senhor para vencê-las (1 Co 10.13). Nossa natureza adâmica e pecaminosa gosta de "prostituição, impureza e lascívia" (Gl 5.19). Não adianta fazer de conta que isso não é verdade! Se a carne deseja o impuro, o imundo, imagine quando ela é estimulada por imagens ou por palavras que provoquem isso. Por que então não fazer uma oração antes de navegar na rede? Ore reconhecendo que é possuidor de uma natureza pecaminosa e que precisa da ajuda do Senhor para não pecar contra Ele.

• Evite acessar o computador quando estiver sozinho. O ideal é que o limite do cristão seja interior e não exterior (Gl 5.16). Todavia essa prática é importante até que o domínio próprio se torne um hábito (1 Co 6.12). Quando o cristão aprende a andar no Espírito, então ele terá o domínio necessário para navegar na rede tanto na presença de alguém como na ausência (Rm 8.13). Mesmo que você seja um crente que aprendeu a depender do Senhor, mas se você se envolveu com pornografia, é preciso que evite a "aleatoriedade". Navegue com propósito! Evite cair no erro de Davi que em um momento de ociosidade viu uma mulher tomando banho. Seja sincero consigo mesmo e se pergunte: o que vou fazer agora ao ligar esse computador? O que vou procurar? Evite os truques e subterfúgios que empurram você rumo ao pecado.

• Evite programas de auditório ou *reality shows* onde é explorada a sensualidade. Parece um excesso de zelo, mas não é. Se você não se prevenir, essa sensualidade legal acabará por levá-lo para o pecado sexual.

Lembre-se de que na TV brasileira há uma sensualidade "legal", mas nem por isso deixa de ser imoral. Nem tudo o que é legal é moral. Programas de auditórios são sempre realizados com a presença de dezenas de modelos seminuas. É considerado legal para a sociedade e até mesmo para o Estado, mas é imoral diante de Deus. Fuja!

• Eugene Getz aconselha a cancelar a sua TV por assinatura! Eu já fiz isso quando descobri que naquela prestadora de serviços havia canais, que mesmo não sendo "adultos", faziam publicidade erótica para aqueles que eram de fato considerados *sexy hot.* Posteriormente contratei os serviços de uma TV por assinatura com programação voltada mais para a família.

• Evite bancas de revistas e locadoras de vídeos destinados à promoção desse tipo de material.

• Renove a sua mente diariamente pela leitura da Palavra de Deus.

• Desenvolva o hábito da oração. Lembre-se de que essa é uma guerra espiritual e por trás desses vícios há demônios querendo escravizá-lo.

• Desenvolva relacionamentos fortes com quem pode ajudá-lo na intercessão. Peça ajuda a um amigo ou amiga que você sabe que é alguém com um ministério de intercessão.

• Evite salas de bate-papo com pessoas desconhecidas. E quando se tratar de amigos ou amigas evite criar um vínculo emocional em que as garras da tentação sexual possam ser fincadas em você. Nesse tipo de conversa deixe bem claro que você é uma pessoal fiel a Deus.

Cuidados também devem ser tomados com as mensagens enviadas por celular ou e-mail. Já vi muitos casamentos desabarem por conta de uma "simples" mensagem enviada via celular para uma outra pessoa. Tudo começa com um certo "ar" de inocência e como quem não quer nada, mas com o desenrolar da conversa isso evolui para um entrelaçamento emocional onde as partes envolvidas não tem mais como sair. A consequência é a traição! No meu ministério evito aconselhar casais via celular ou e-mail, mas em dois ou três casos em que a situação exigiu essa prática, tratei de me cercar de todos os cuidados necessários informando aos envolvidos as condições nas quais isso aconteceria. Sem o estabelecimento de limites, a queda é inevitável.

• Tenha cuidado quando se hospedar em algum hotel. Geralmente esses hotéis possuem TV a cabo com dezenas de canais disponíveis. É possível que dentre um deles você encontre algum que promova a impureza sexual. Um grande amigo meu e um dos maiores pregadores do Brasil, disse-me que quando está hospedado em um hotel e se depara com um desses canais que fazem promoção do sexo, ele simplesmente passa imediatamente para um outro ou desliga a TV. Uma demora aqui costuma ser fatal.

• Vigie o seu celular e *Ipad*. O acesso ao mundo virtual por meio dessas máquinas pode se tornar um tropeço para você.

• Arrependa-se se você se expôs à pornografia. Vigie e não permita que isso se torne um hábito. Exponha diante do Senhor toda atitude, pensamentos ou práticas que demonstrem inclinação para a impureza sexual. Não deixe esse tipo de entulho acumular em sua mente.

• Vigie o seu vocabulário, inclusive piadas quentes. Muitas vezes as palavras revelam o que está por dentro do indivíduo.

• Lembre-se: "Não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar" (1 Co 10.13).

• Ande no Espírito e você jamais irá satisfazer os desejos impuros da carne (Gl 5.16).

• Vimos que a fidelidade conjugal é o que Deus idealizou para seus filhos. A realidade da tentação somados à natureza adâmica que herdamos, faz com que a possibilidade de não vivermos esse ideal seja algo bem real. Todavia o Senhor nos deixou a sua Palavra com dezenas de conselhos a fim de que nos prevenir não cairmos nesse abismo.

NOTAS

[1] WHITEMAN, Thomas & PETERSEN, Randy. **Seu Casamento e a Internet — as ameaças do mundo virtual em seu mundo real**. Rio de Janeiro: CPAD, 2013.

[2] WHITE, Jonh. **O Eros Redimido.** ABU: Rio de Janeiro, 2004.

[3] WHITE, John. Idem. P.99.

[4] SCHAUMBURG, Harry W. **Falsa Intimidade — vencendo a luta contra o vício sexual.** São Paulo: Mundo Cristão, 1995.

[5] SCHUMBURG, Harry W. **Falsa Intimidade — vencendo a luta contra o vício sexual.** São Paulo: Mundo Cristão, 1995.

[6] Observe essas orientações que o pastor Edison Queirós dá para o líder casado: "A)Trate o sexo oposto com a devida distância. Cuidado com beijinhos e toques de mão; b) Evite estar sozinho com uma pessoa do sexo posto; c)Evite andar de carro com uma pessoa do sexo oposto (desde que não seja sua esposa ou parente), para evitar a aparência do mal; d)Escolha um modelo de porta para o seu gabinete pastoral que contenha uma parte em vido transparente; e) Ouça a sua esposa.

3

Trabalho e Prosperidade

Pv 3.9-10; 22.13; 24.30-34

> 9Honra ao Senhor com os teus bens e com as primícias de
> toda a tua renda; 10 e se encherão fartamente os teus celeiros,
> e transbordarão de vinho os teus lagares. Diz o preguiçoso:
> Um leão está lá fora; serei morto no meio das ruas. Passei
> pelo campo do preguiçoso e junto à vinha do homem falto
> de entendimento; eis que tudo estava cheio de espinhos, a
> sua superfície, coberta de urtigas, e o seu muro de pedra,
> em ruínas. Tendo-o visto, considerei; vi e recebi a instrução.
> Um pouco para dormir, um pouco para tosquenejar, um
> pouco para encruzar os braços em repouso, assim sobrevirá
> a tua pobreza como um ladrão, e a tua necessidade, como
> um homem armado.

No livro de minha autoria, *A Prosperidade à Luz da Bíblia,* escrevi sobre a relação existente entre trabalho e prosperidade. Nessa obra observei que a ideia de prosperar e enriquecer por outros meios que não seja o trabalho, é completamente estranho à Escritura. Ainda no paraíso coube como tarefa ao primeiro homem cuidar do Jardim, vigiando-o e lavrando-o (Gn 2.15). A teologia do Antigo Testamento refuta a prática que

transforma Deus em uma espécie de gênio da lâmpada. O Deus do Antigo Concerto faz prosperar, mas Ele o faz através do trabalho. O livro de Deuteronômio diz que o Senhor "é o que te dá força para adquirires poder" (Dt 8.18). A palavra hebraica *koach* traduzida como "força" nessa passagem significa *vigor* e *força humana*. A referência é claramente ao esforço humano como resultado do seu trabalho. Por outro lado, a palavra "poder", traduzida do hebraico *chayil,* nessa mesma passagem mantém a ideia de *eficiência, fartura* e *riqueza.* A ideia aqui é que prosperidade e trabalho são como as duas faces de uma mesma moeda. Onde um está presente o outro também deve estar.

Hans Walter Wolff (2008, p. 203) destacou que "A riqueza não é considerada como algo dado, mas como algo que pode se originar das mãos do ser humano responsável. Quanto às diferenças sociais de riqueza e pobreza, em todo caso, também devem ser observadas a laboriosidade e a desídia, a fim de não ignorar a verdadeira realidade do ser humano (...) até a liberdade e a servidão, a superioridade e a opressão também dependem da dedicação ao trabalho (Pv 13.4; 12.24)".[1]

Observei ainda naquela obra que esse fato é ampliado na literatura hebraica sapiencial que condena veementemente a indolência e a preguiça. Salomão, o homem mais sábio, e um dos mais ricos do antigo oriente, observa que "o desejo do preguiçoso o mata, porque as suas mãos recusam-se a trabalhar" (Pv 21.25). O trabalho além de dignificar o homem, o faz prosperar. Diante do Senhor ninguém será considerado "mais crente" por se ocupar somente de coisas espirituais e negligenciar as práticas materiais. Em muitos casos, aqueles que alegam "trabalharem somente para Jesus", na verdade, estão dando trabalho para a igreja. Dizem que vivem da fé, mas na verdade vivem da boa fé dos outros. A esses, mais uma vez Salomão aconselha: "Vai ter com a formiga, ó preguiçoso; olha para os seus caminhos e sê sábio" (Pv 6.6). Os homens mais espirituais da Bíblia viviam nos labores dos seus trabalhos.

O Celeiro e o Lagar

Dentre as muitas metáforas usadas por Salomão para se referir ao trabalho, encontramos a metáfora do Celeiro e do Lagar. Entendendo essas metáforas, entenderemos melhor a natureza do trabalho e como nos faz prosperar.

"Honra ao Senhor com os teus bens e com as primícias de toda a tua renda e se encherão fartamente os teus celeiros, e transbordarão de vinho os teus lagares" (Pv 3.9,10).

Russel N. Champlin observa que "Um lagar era um dispositivo simples que consistia em duas partes. Na parte superior havia a prensa (no hebraico, *gath*), onde eram pisadas as uvas. E na parte inferior (no hebraico, *yeqebh*) se recolhia o suco. Portanto, o homem que dá, terá grande abundância de uvas para pisar, e assim poderá recolher imensa quantidade de suco de uva".[2]

Ainda de acordo com Champlin, "se um homem honra ao Senhor cumprindo as leis concernentes aos dízimos, às ofertas, à ajuda aos pobres, coisas requeridas pela lei, então esse homem pode esperar corretamente ter bênçãos materiais e prosperar. É dando que recebemos. Essa é uma lei espiritual que opera o tempo todo. Os que experimentam esse método descobrem que ele é funcional. 'Essa é uma lei espiritual que homens tementes a Deus têm descoberto ser válida em todas as épocas' (Charles Fritsch, *in loc.* É um aspecto da lei da colheita segundo a semeadura. Os judeus piedosos traziam as primícias de suas plantações ao Templo de Jerusalém, para serem usadas pelos sacerdotes e pelos levitas como forma de exprimir tal gratidão a Yahweh, que lhes dera boa colheita (Dt 26.1-3,9-11). A recompensa antecipada para quem cuidasse das realidades espirituais era ter celeiros cheios de grãos e armazéns repletos de bons vinhos".[3]

Quem não honra ao Senhor com o que tem, terá os seus celeiros vazios!

Para Steven K. Scott (2008, p. 20,21): "Aqueles que trabalham com diligência dentro da sua especialidade alcançarão o sucesso material necessário para satisfazer seus desejos. No livro dos Provérbios 28.19, Salomão escreve: 'O homem que lavra a

terra sacia-se de pão, mas o que segue os levianos sacia-se de pobreza'. Aqui ele também adverte que, se você abandonar os esforços nas sua área para seguir os conselhos dos levianos, ou colocar-se sob sua influência, estará abandonando o caminho da sabedoria. Não se deixe enganar por pessoas que parecem bem-sucedidas à primeira vista e oferecem 'esquemas para enriquecer da noite para o dia', bons demais para serem verdadeiros (...) Salomão nos garante que aqueles que trabalham com diligência terão cada vez mais sucesso e riquezas, porém o dinheiro que vem fácil demais, sem verdadeiro esforço, quase sempre é perdido. 'Fortuna apressada diminui, quem ajunta pouco a pouco enriquece' (Pv 13.11). Por incrível que pareça, a maioria das pessoas que ganha na loteria perde tudo o que ganhou em relativamente pouco tempo. E até mesmo jogadores que têm a sorte de faturar alto acabam perdendo seus ganhos e se endividando".[4]

A Bênção do Senhor Enriquece

Reconhecer o Senhor como a fonte de toda prosperidade é a melhor forma de se proteger da ganância que tenazmente assedia quem possui riquezas (Sl 127.1,2). Hans Walter Wolf (2007, p.206), que prestou uma grande contribuição à antropologia bíblica, observa oportunamente que: "quem quer ver a realidade humana precisa aprender a contar com a intervenção de Javé. Sem isso, a pessoa não percebe que nem a aplicação humana ao trabalho já leva ao resultado e que a riqueza não é um valor evidente. Deve-se atentar ao sentido ambíguo dos fenômenos e das vicissitudes". Wolff ainda comenta: "A seguinte tese opõe-se categoricamente ao pensamento seguro de si, o qual julga por inferir do trabalho necessariamente o resultado (Pv 10.22): "Somente a bênção de Javé torna rico, o esforço próprio não acrescenta nada". A expectativa geral de que o trabalho traz ganho nunca se realiza concretamente sem a decisão da bênção de Javé. Também é Javé que está atuante na diferença entre a vontade do ser humano e a execução do trabalho (Pv 16.11)".[5]

APRENDENDO COM AS FORMIGAS

Lições de economia doméstica — as formigas sabem poupar

No capítulo 6.6-10 de Provérbios, encontramos uma outra metáfora usada por Salomão para ilustrar o valor do trabalho. Nessa metáfora ele contrasta o trabalho das formigas com a inércia do preguiçoso. "Vai ter com a formiga, ó preguiçoso, considera os seus cominhos e sê sábio. Não tendo ela chefe, nem oficial, nem comandante, no estio, prepara o seu pão, na sega, ajunta o seu mantimento. Ó preguiçoso, até quando ficarás deitado? Um pouco para dormir, um pouco para tosquenejar, um pouco para encruzar os braços em repouso, assim sobrevirá a tua pobreza como um ladrão, e a tua necessidade, como um homem armado."[6]

No seu comentário sobre o livro de Provérbios, Antonio N. Mesquita pôs em destaque o valor dessa metáfora: "As formigas não tem rei nem senhores, porém devem ter uma organização qualquer. Com efeito, elas oferecem uma sabedoria admirável. No verão, se dirigem a lugares distantes, abrem um carreirinho e lá se vão, cada qual carregando um grão de qualquer cereal, para seus celeiros subterrâneos. No inverno têm o que comer. Não são perdulárias; são uma sociedade trabalhadora, ordeira, cada qual ajudando a outra, num esforço comum, para o bem da coletividade. Que fartura de ensino elas oferecem. Os preguiçosos devem aprender esta lição".[7]

Conheço bem o trabalho das formigas. Grande parte da minha vida, na verdade toda a minha infância e uma boa parte da adolescência, vivi numa propriedade rural que meu pai adquirira. Ali vivíamos praticamente da agricultura de subsistência. Foi naquela propriedade, cerca de 22 quilômetros da cidade de Altos, estado do Piauí onde observei durante muitos anos como vivem as formigas. Algumas coisas me deixavam impressionado quando observava esses pequenos insetos. Elas são extremamente dedicadas ao trabalho. Bastava contemplar os grandes formigueiros e a enorme quantidade de barro extraído para se saber que elas haviam

feito um enorme esforço para construir seus abrigos. Outras vezes eu observava as longas trilhas que elas faziam entre a vegetação. Elas roçavam com grande perícia todo o capim existente, deixando atrás de si verdadeiras estradas com o propósito de conduzir através delas o mantimento que haviam encontrado. Meu pai costumava me dizer que essas formigas eram denominadas de *formigas de roça.* Uma outra coisa que me chamava a atenção era a habilidade com que elas conduziam para dentro do formigueiro pequenos pedaços de folhas de árvores que haviam selecionado para servir de mantimento. Os pesquisadores descobriram que uma formiga é capaz de transportar algo que equivale até cinco vezes o peso do seu corpo.[8] De fato o preguiçoso tem muito a aprender com a formiga!

O Temível Rei dos Animais — O Leão como Metáfora

A terceira metáfora que destaco no livro de Provérbios é a que contrasta o preguiçoso e o leão. Em Provérbios 22.13, lemos: "Diz o preguiçoso: Um leão está lá fora; serei morto no meio das ruas". Por outro lado, Provérbios 26.13 destaca: "Diz o preguiçoso: Um leão está a caminho; um leão está nas ruas".

Não falta desculpa para quem não quer trabalhar! O nordestino, que no dizer que Euclides da Cunha, "é antes de tudo um forte" está acostumado ao trabalho duro. Certa vez uma rede de televisão exibiu uma matéria sobre os efeitos da seca no sertão nordestino. Quem assistiu aquela reportagem não pôde deixar de se emocionar com o drama do sertanejo frente a esse fenômeno climático. A estiagem dizima tudo o que encontra pela frente, ficando bem pouco para o camponês sobreviver. O programa encerrou-se naquela noite com uma frase antológica de um dos heróis que vivem no semiárido nordestino. Perguntado como o sertanejo consegue viver na seca, o camponês respondeu: "A cana (de açúcar) não passa no engenho? Assim nós passamos na seca"!

O que sobra da cana após passar pelas moendas de um engenho é somente o bagaço. Mesmo a vida sendo dura dessa forma, o sertanejo não tem medo de enfrentá-la. Ele não teme o leão. Talvez seja por isso que não é raro vermos o sertanejo fazendo gracejos com quem é preguiçoso. Ouvi certa vez de um homem que de tão preguiçoso que era, pediu que o levassem para o cemitério e o enterrassem vivo! Ele não queria trabalhar. Quando era conduzido em cortejo "fúnebre", alguém resolveu livrar aquele homem da morte. Pondo-se próximo do candidato a defunto, ele indagou: "O senhor aceita um saco de arroz para não ser enterrado vivo"? Olhando fixamente nos olhos do seu interlocutor, o morto-vivo respondeu, também com uma pergunta: "O arroz está pelado"? Obtendo "não" como resposta, ele disse: "Podem prosseguir com o enterro".

Não há jeito para quem é preguiçoso e não quer trabalha

Ao escrever sobre a preguiça, o escritor Os Guinnes destaca que: "A preguiça é o quarto dos sete pecados capitais e — ao contrário das expectativas — quarto pecado do espírito, e não o primeiro pecado da carne. Sua exclusividade está no fato de ser um pecado de omissão, e não um de comissão, a ausência de uma atitude positiva, e não a presença de uma atitude negativa. De forma distinta, é o mais moderno dos vícios (um vício ausente na lista grega ou romana) e também o mais religioso. Muitos neste mundo conseguem ir bastante longe na procura de compreender o orgulho, a inveja, a ira, a avareza, a glutonaria e a cobiça sem fazer qualquer referência a Deus, porém fazer o mesmo com a preguiça muda completamente seu significado original. A preguiça é muito mais do que indolência, ociosidade física ou estado de letargia viciada em televisão ("mais perto de Ti, meu sofá", como o *New York Times* intitulou). Ela é a condição de desânimo espiritual explícito que desistiu de buscar a Deus, a verdade, o bom e o belo".[9]

Trabalhando entre Espinheiros

A última metáfora contrastando a preguiça com o trabalho que encontramos em Provérbios é da figura dos espinheiros.

"Passei pelo campo do preguiçoso e junto à vinha do homem falto de entendimento; eis que tudo estava cheio de espinhos, a sua superfície, coberta de urtigas, e o seu muro de pedra, em ruínas. Tendo o visto, considerei; vi e recebi a instrução. Um pouco para dormir, um pouco para tosquenejar, um pouco para encruzar os braços em repouso, assim sobrevirá a tua pobreza como um ladrão, e atua necessidade, como um homem armado" (Pv 24.30-34).

Como nas outras metáforas, aqui também o Sábio fala da falta de dedicação ao trabalho por parte do preguiçoso: "Passei pelo campo do preguiçoso e junto á vinha do homem falto de entendimento; eis que tudo estava cheio de espinhos". A roça ou fazenda do preguiçoso estava cheia de espinhos. Em vez de legumes, havia espinheiros! O capítulo 8 do Evangelho de Lucas mostra que uma das razões da semente não ter frutificado foi por que esta foi sufocada pelos espinhos. Se o lavrador não demonstrar diligência na sua lavoura, os espinhos e as ervas daninhas tomam conta da mesma. É o que acontece com a roça do preguiçoso.

Trabalho e Lazer

Quem ler os Provérbios sem muita atenção fica com a impressão de que Salomão exalta o trabalho e não deixa espaço para o lazer. Se por um lado o Sábio exalta o valor do trabalho nos Provérbios, por outro ele mostra que há também espaço para o lazer. Isso fica mais claro no seu livro de Eclesiastes. Todavia o que deve ser observado é que até mesmo no nosso trabalho podemos encontrar satisfação, alegria e prazer.

O lazer, portanto, pode ser obtido quando nos vemos e nos reconhecemos naquilo que fazemos. Para o filósofo Mário Sergio Cortella, precisamos ver o trabalho como algo no qual nos

reconhecemos e não como um castigo que merecemos. Em uma excelente exposição sobre as várias concepções que as sociedades atribuíram ao trabalho ao longo da história, ele diz: "Etimologicamente, a palavra 'trabalho' em latim é *labor.* A ideia de *tribalium* aparecerá dentro do latim vulgar como sendo, de fato, forma de castigo. Mas a gente tem de substituir isso pela ideia de obra, que os gregos chamavam de *poiesis,* que significa minha obra, aquilo que faço, que construo, em que me vejo. A minha criação, na qual crio a mim mesmo na medida em que crio no mundo ...

[...] Porque um bombeiro, que não ganha muito e trabalha de uma maneira contínua em algo que a maioria de nós não gostaria de fazer, volta para casa cansado, mas de cabeça erguida? Por causa do sentido que ele vê no que faz. Por causa da obra honesta, a serviço do outro, independentemente do *status* desse outro, da origem, da etnia, da escolaridade etc. Aí, não é suplício".[10]

Em seu livro *O Ócio Criativo,* o sociólogo italiano Domenico De Masi, mostra a relação entre o trabalho e o lazer. Para ele estamos passando de uma sociedade industrial, de trabalho puramente mecânico para uma outra onde até mesmo o ócio é valorizado. Mas para De Masi a palavra ócio não possui o mesmo sentido que nós lhe atribuímos no cotidiano, isto é, *desocupação, preguiça, moleza e, indolência.* Não, não é isso. Na introdução do seu livro, feita por Maria Serena Palieri é destacado que De Masi está mais preocupado com a inovação existencial do que logística. Ela destaca que ócio para ele: "É a mistura entre as suas atividades: quanto de trabalho, quanto de estudo e quanto de jogo existem em cada uma delas. A sua nova sabedoria, diz, exige que em toda ação estejam presente trabalho, jogo (lazer) e aprendizado. Quando dá uma aula ou uma entrevista, quando assiste a um filme ou discute animadamente com os amigos, deve sempre existir a criação de um valor e, junto com isso, divertimento e formação. É justamente isso que ele chama de "ócio criativo".[11]

Embora a tese de De Masi tenha como ponto de partida a realidade do primeiro mundo, em que as condições de trabalho são diametralmente opostas às de um trabalhador terceiro-mundista, todavia o principio de que devemos desfrutar do lazer como um fruto do trabalho permanece válido.[12] Nesse aspecto, ócio não é ficar sem fazer nada, mas justamente o contrário — é aproveitar de forma agradável cada momento de nossa vida, quer estejamos trabalhando com amigos ou em nossa casa.

Notas

[1] WOLFF, Hans Walter. **Antropologia do Antigo Testamento.** São Paulo: Hagnos, 2008.

[2] CHAMPLIN, Russel N. **O Antigo Testamento Interpretado Versículo por Versículo.** Rio de Janeiro: CPAD.

[3] Idem, IBID.

[4] SCOTT, Steven K. **Salomão, o homem mais rico que já existiu**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

[5] WOLF, Hans Waler. **Antropologia do Antigo Testamento.** São Paulo: Hagnus, 2007.

[6] Derek Kidner observa que *a formiga* citada aqui é a formiga ceifadora, que é comum na Palestina: Agur a menciona em PV 30.25, e um rei de Siquem do Séc. XIV a.C. cita um provérbio sobre a sua pugnacidade (KIDNER, Derek. *Provérbios — introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, p.70.

[7] MESQUITA, Antonio Neves. **Estudo no Livro de Provérbios — princípios para uma vida Feliz.** Rio de Janeiro: JUERP, 1979

[8] Os insetos tem muito a nos ensinar. A propósito, a *Bíblia de Estudo Almeida*, observa que a redação de provérbios 6.8 na Septuaginta grega recebe a seguinte redação: *Ou observe a abelha, o quanto é diligente, e como é importante o trabalho que faz.o mel que produz é usado por reis e povos para a sua saúde. Todos buscam e apreciam. Mesmo que a abelha seja débil, a respeitam por honrar a sabedoria.*

[9] GUINNES, Os. **Sete Pecados Capitais — navegando através do caos em uma era de confusão moral.** Shedd Publicações, São Paulo, 2006.

[10] CORTELLA, Mario Sérgio. **Qual a tua Obra? Inquietações propositivas sobre gestão**, liderança e ética. 18ª Ed, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

[11] DE MASI, Domenico. **O Ócio Criativo — entrevista a Maria Serena Palieri**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

[12] O contexto europeu da tese de De Masi é visto claramente nas palavras: "Assim sendo, acredito que o foco desta nossa conversa deva ser esta tríplice passagem da espécie humana: da atividade física para a intelectual, da atividade intelectual de tipo repetitivo à atividade intelectual criativo, do trabalho -labuta nitidamente separado do tempo livre e do estudo ao "ócio criativo", no qual estudo, trabalho e jogo acabam coincidindo cada vez mais" (De MASI, Domenico. O Ócio Criativo, Sextante, p.16,17).

4

Lidando de Forma Correta com o Dinheiro

Pv 6.1-5

[1]Filho meu, se ficaste por fiador do teu companheiro e se te empenhaste ao estranho,

[2] estás enredado com o que dizem os teus lábios, estás preso com as palavras da tua boca.

[3] Agora, pois, faze isto, filho meu, e livra-te, pois caíste nas mãos do teu companheiro: vai, prostra-te e importuna o teu companheiro;

[4] não dês sono aos teus olhos, nem repouso às tuas pálpebras;

[5] livra-te, como a gazela, da mão do caçador e, como a ave, da mão do passarinheiro.

O Amor ao Dinheiro!

Em sua poesia: *A Escrava do Dinheiro,* Patativa do Assaré, disse com acerto:

"Dinheiro transforma tudo,
Dinheiro é quem leva e traz,
Eu nem quero nem dizer

Tudo o que o dinheiro faz.
Apenas aqui eu conto
Que ele pra tudo tá pronto,
Ele é cabreiro e traidor,
É carrasco e é vingativo,
Só presta pra ser cativo,
Não presta pra ser senhor."[1]

Cuidado com Fianças e Empréstimos

O livro de Provérbios adverte "Quem fica por fiador de outrem sofrerá males, mas o que foge de o ser estará seguro" (Pv 11.15).

Cuidado ao se tornar fiador ou avalista de alguém! Já vi gente se tornar fiador de empréstimos de terceiros e perder tudo o que tinha para as financeiras porque o avalizado não honrou seu compromisso! A propósito, certa vez fui procurado por um amigo que queria que eu lhe emprestasse algumas folhas de cheques. Explicou que havia montado um negócio e precisava desses cheques para negociar com os credores. Emprestei-lhe então algumas folhas. No mês seguinte, ele procurou-me novamente pedindo mais folhas de cheques.

Como das outras vezes, emprestei-lhe. O processo se repetiu por uns seis meses sem problema, mas certo dia após conferir o meu extrato bancário observei que uns dos cheques emprestados àquele amigo foram descontados antes do prazo previsto. O cheque foi apresentado ao Banco e este efetuou o pagamento, mesmo antes da data prevista: "bom para o dia...". Liguei para ele para informar do incidente e ouvi a explicação que isso não iria mais ocorrer. Todavia, pouco tempo depois o processo voltou a se repetir. Desta vez informei-lhe que iria sustar os cheques porque não dispunha de fundos para cobri-los e se outros cheques fossem apresentados, seria posto no cadastro do SERASA. Foi o que fiz. Essa minha decisão foi suficiente para deixá-lo furioso e romper nossa amizade.

Depois desse incidente resolvi não emprestar mais folhas de cheques a ninguém. Não quero perder mais os amigos!

A Lição do Vai-e-Vem!

Meu pai costumava contar uma historinha engraçada sobre empréstimos. Contava que dois fazendeiros eram muito amigos e com frequência emprestavam um ao outro suas ferramentas. Certo dia um deles mandou o filho a casa do amigo pegar um serrote emprestado. Naquela região essa ferramenta também era conhecida com o nome de *Vai-e-Vem.* O amigo procurado, já sabendo que suas ferramentas demoravam em ser devolvidas, resolveu mandar um recado para o amigo:

> "Jovem, diga ao seu pai que se o *Vai-e-Vem* fosse e viesse, o *Vai-e-Vem* iria. Mas como o *Vai-e-Vem* vai, mas não vem, o *Vai-e-Vem* não vai"!

Aqui cabe uma palavra sobre as compras a crédito, antigamente denominadas de "fiado". O texto é bem claro: "se não tens com que pagar porque arriscar"? (Pv 22.27) Comprou? Pague! Tomou emprestado? Devolva! Quem compra e não paga, toma emprestado e não devolve é caloteiro e desonesto! É simples assim.

Baseado em Romanos 13.8, lancei numa igreja pastoreada por mim, a campanha: *"A ninguém fiqueis devendo coisa alguma".* Ministrei um estudo bíblico sobre o assunto: *"Cinco grandes pecados cometidos por quem compra e não paga".* Segui o seguinte esboço:

1) Peca contra Deus — escandalizando o evangelho (2 Co 6.3);

2) Peca contra o próximo — dando calote; 3) Peca contra si mesmo — formando um mau caráter; 4) Peca contra o Estado — impedindo a arrecadação de impostos; 5) Peca contra a igreja — trazendo um mau testemunho.

Fiquei surpreso com a repercussão que essa campanha provocou! Vi que a mensagem trouxe desconforto em muitos crentes. Quando a notícia saiu dos portões da igreja, os próprios empresários que se sentiram lesados por haver confiado vender a crédito para os crentes começaram a me procurar. Chegaram às minhas mãos boletos vencidos, notas promissórias, etc. Alguns desses documentos já vencidos a cerca de seis anos! Esse fato deixou-me perplexo! Eu não sabia que a coisa ali era tão grave. Como o evangelho iria repercutir na sociedade com um problema desses? Passei a exigir dos devedores o pagamento de suas dívidas!

Cuidado com o lucro fácil

Evitando a usura ou agiotagem

De fato, esse termo, na sua forma verbal, mantém no hebraico bíblico o sentido de *"mordida de arrancar um pedaço.* Foi pensando nisso que Davi disse que somente habitará no Tabernáculo do Senhor "O que não empresta o seu dinheiro com usura, nem aceita suborno contra o inocente" (Sl 15.6). O livro de Provérbios adverte: "O que aumenta os seus bens com juros e ganância ajunta-os para o que se compadece do pobre" (Pv 28.8).

Infelizmente tem muito crente lucrando por meio da usura ou agiotagem. Emprestam dinheiro a juros exorbitantes! E o que é mais grave — alguns desses agiotas são obreiros! Já ouvi histórias de irmãos que tiveram seus bens confiscados e espoliados por obreiros porque não conseguiram pagar os juros estratosféricos cobrados. Alguns perderam lojas, outros perderam veículos. É lamentável que isso possa ocorrer no meio do povo de Deus. Mais lamentável ainda é que esses obreiros ainda estejam no púlpito.

No site www.*financeiro24horas.com,* encontramos uma excelente explanação sobre a agiotagem e como se prevenir dela.[2] Vou reproduzi-la aqui.

A primeira justificativa para que uma pessoa que precisa de dinheiro não recorra a um agiota é que a Constituição Federal

considera crime o empréstimo de dinheiro mediante cobrança de juros, sem autorização do Banco Central. Ou seja, o agiota não pode nem emprestar dinheiro, quanto mais cobrar juros por isso. Diz ainda o artigo 192, parágrafo 3: "As taxas de juros reais, nelas incluídas comissões e quaisquer outras remunerações direta e indiretamente referidas à concessão de crédito, não poderão ser superiores a 12% ao ano. A cobrança deste limite será conceituada como crime de usura (lucro abusivo)".

Mas antes que você pense que os bancos e financeiras podem estar cometendo crime ao cobrar taxas de juros que podem ir de 24% a 168% ao ano, o presidente da Comissão de Defesa do Consumidor da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Nelson Miyahara, explica: "Esta lei não se aplica às instituições financeiras, mas há uma ação tramitando no Supremo Tribunal Federal (STF) para que isso mude".

Dicas importantes:

* Fuja dos agiotas e dos classificados de jornais que oferecem dinheiro fácil.

* Jamais passe a escritura de seu imóvel ou de outros bens, a título de garantia para nenhuma pessoa.

* Nunca peça dinheiro emprestado por telefone ou Internet.

* Nunca assine notas promissórias, cheques, duplicatas em branco ou confissões de dívidas.

* A pessoa lesada por agiota deve registrar um B.O. (mas só se tiver provas) na delegacia. Em seguida, é preciso ir a um órgão de defesa do consumidor para pedir uma representação no Ministério Público.

* Nunca forneça dados pessoais por telefone.

* Para os consumidores que passaram os seus bens ao agiota, há recursos jurídicos que possibilitam reavê-los; neste caso é preciso consultar um advogado.

Mas, voltando aos agiotas: o problema é que eles sabem que praticam um crime, então dificilmente deixam rastros contra ele, o que às vezes inviabiliza uma possível ação judicial. Não são feitos contratos ou recibos, por exemplo, como nos bancos e financeiras. As negociações geralmente são verbais e por telefone, cujos números (na maioria das vezes de celular) são publicados em anúncio de jornais. "Isso dificulta a abertura de um inquérito criminal, já que, no geral, não há provas e, se a vítima registra um Boletim de Ocorrência contra a pessoa que emprestou o dinheiro a juros exorbitantes, ela precisa provar; se não, ainda corre o risco de enfrentar um processo de calúnia e difamação", alerta Nelson Miyahara.

A Associação Nacional de Defesa dos Consumidores do Sistema Financeiro (Andif) lançou a 'Cartilha do Agiota'. Nela, os agiotas são classificados como "predadores vorazes que espreitam suas vítimas, prevalecendo-se da fragilidade psicológica e desespero momentâneo que as acometem, aplicam seus golpes, tomando os últimos recursos de que dispõem". Eles só emprestam dinheiro para quem tem como garantir a dívida. Às vezes, exigem que a vítima assine cheques ou notas promissórias em branco e até dê um bem, como carro ou casa. Os juros variam de 14,5% a 35% ao mês, o que pode resultar em até 420% ao ano. Segundo a Andif, a partir de então eles passam a administrar a dívida que cresce de forma descontrolada, inviabilizando a retomada do bem pela vítima e chegando até a ameaçá-las. "Há casos em que, após a transferência legal do imóvel, em quatro ou cinco meses a dívida aumentou 200%."

Ainda sobre a aquisição de dinheiro fácil, convém lembrar que os estelionatários e golpistas sabem que muitas pessoas desejam o lucro fácil. É aí que usam toda a sua criatividade para darem seus golpes. Os mais comuns são aqueles em que o golpista oferece

algo extremamente vantajoso, como o pagamento de um prêmio que a vítima supostamente ganhou. Exigem como garantia do recebimento do benefício, o pagamento de uma pequena taxa simbólica. É aí que está o golpe. Mas por que muitos entram nessa enrascada? Por que a ganância fala mais alto do que a razão. Pensam no lucro fácil e aí se tornam vitimas fáceis dos golpistas.

Recentemente soube de um casal que tomou de seu pastor dinheiro emprestado a juros! Devido à inexperiência daquele casal no novo empreendimento, o negócio não prosperou como eles imaginaram. Começaram os problemas financeiros e com eles as cobranças dos credores. No meio dos cobradores apareceu também o pastor daquele casal. Segundo me contou um pessoa ligada ao casal, os juros cobrados eram exorbitantes e fora da realidade financeira do casal. Não havendo como pagar, o casal entregou o empreendimento ao pastor como pagamento da dívida. A última notícia que recebi sobre esse nefasto relato é de que um dos cônjuges ficou decepcionado e agora não frequenta mais a igreja! Se isso não é pecado, então as palavras perderam o seu significado.

Evitando o Suborno

Um outro problema ligado ao dinheiro e que deve ser evitado a todo custo é aquele relacionado ao suborno. A palavra hebraica *shohad,* traduzida como "suborno", mantém o sentido na língua original de *dar presentes, dádiva, recompensa, incentivo.* O expositor bíblico Victor P. Hamilton comentando sobre o sentido dessa palavra no Antigo Testamento, destaca: "Pode-se começar com a observação de que proibições de receber suborno (presumivelmente impostas aos juízes) se encontram nos trechos legais do Pentateuco (Êx 23.8; Dt 16.19). Conquanto os dois versículos comecem de modo semelhante, Deuteronômio 16.19 assim termina: "o suborno cega os olhos dos sábios" [*hakamim].* Cf. Isaías 1.23; 5.23; Miqueias 3.11.

Caso o preço seja aceito, um suborno pode até mesmo produzir um assassino de aluguel, que matará uma pessoa inocente (Dt 27.25; Ez 22.12; Sl 26.10) ou no mínimo perverterá o julgamento (Pv 17.23).

Somente aquele que desiste de uma violação tão flagrante da lei tanto moral quanto criminal poderá permanecer na presença de Deus (2 Cr 19.7; Sl 15.5; Is 33.15). O próprio Deus está acima de qualquer censura a respeito (Dt 10.17; cf. 1 Pe 1.17).

Dada a cobiça do homem em todas as épocas e civilizações, é interessante que no Antigo Testamento há menção de apenas três casos de suborno (com uso da palavra *shohad*): os filhos de Eli (1 Sm 8.3);os reis Asa e Bem-Hadade (1 Rs 15.19); e os reis Acaz e Tglate-Pileser (2 Rs 16.8).[3]

Hoje, na nossa cultura, o suborno acontece de forma bem sutil. Às vezes ele bate à porta na forma de um fiscal da fazenda pública que quer ganhar vantagens além daquela que recebe pelo seu trabalho. Promete cancelar a multa que acabou de lavrar tão somente se o comerciante aceitar lhe dar uma parte do valor devido em dinheiro. Outras vezes o suborno acontece de forma mais sutil ainda. Não são poucos os relatos de irmãos que aceitam serem subornados em cargos públicos. Geralmente a coisa acontece quando determinado político assume um mandato público, quer seja de vereador, deputado federal, estadual ou ainda senador. Muitos dos novos contratratados com as famosas verbas de gabinete aceitam receber somente uma parte do dinheiro em troca do emprego. O resto é embolsado pelo parlamentar. A justificativa é que eles ganham sem trabalhar! De fato muitos desses assessores não sabem nem mesmo onde fica o gabinete do seu chefe.

Por outro lado, muitos líderes aceitam ser incluso na folha de pagamento de algum órgão público em troca de apoio político. Vendem suas igrejas, suas famílias, seus ministérios.

Por isso é melhor dar o duro mesmo, mas ter a bênção de Deus: "Os bens que facilmente se ganham, esses diminuem, mas o que ajunta à força do trabalho terá aumento" (Pv 13.11).

Buscando o Equilíbrio Financeiro

Lemos em Provérbios: "Duas coisas peço: não mas negues, antes que eu morra: afasta de mim a falsidade e a mentira; não me dês nem pobreza nem a riqueza; para não suceder que, estando eu farto, te negue e diga: Quem é o Senhor? Ou que, empobrecido, venha a furtar e profane o nome de Deus" (Pv 30.8,9).

Esta passagem bíblica é uma das que melhor ilustra a busca por uma vida equilibrada. "Os dois pedidos, que se convergem num só alvo", observa Derek Kidner, "dizem respeito a (a) o caráter (Pv 8a), e (b) as circunstâncias, que são um perigo para o caráter (Pv 8b, c, 9). A oração confirma a humildade que foi expressada nos vv. 2ss., mostrando que se trata de (a) humildade de ambição (um anseio — *antes que eu morra* — pela integridade conforme a vontade de Deus, não de "grandes coisas para si"), e (b) a humildade do autoconhecimento — pois (conforme indica Toy) poderia ter orado, pedindo a capacidade de empregar corretamente a pobreza ou as riquezas, mas conhece bem demais a sua própria fraqueza".[4] Por outro lado, a obra *The Expositor's Bible Commentary* destaca que: "Agur ora para Deus impedi-lo de tornar-se falso (v 8a) e autossuficiente (vv.8b, 9). Ele quer ser honesto em todas as suas relações, e ele quer uma vida de bênçãos materiais equilibrada. Ele raciocina que, se ele tem muito, pode tornar-se independente de Deus (veja Dt 8.11-14.), e se ele tem pouco, poderia roubar e, portanto, profanar o nome de Deus.

Assim, reconhecendo a sua própria ignorância, confiando na Palavra de Deus para a segurança na vida, e orando para que Deus o guarde de cair em tentação, Agur está pronto para oferecer suas palavras.[5]

Matthew Henry, ao comentar essa passagem bíblica, destaca: "Duas coisas que ele pede a Deus são: 1. Graça para sua alma: *aparta de mim a falsidade e a mentira.* Para viver com retidão é mister amar a verdade e a integridade, sem deixar-se enganar pelas vaidades da vida.

2. Alimentação conveniente para seu corpo: *Não me dês nem pobreza nem riqueza; concedi-me* (diariamente) *ração de pão* (como Mt 6.11; 1 Tm 6.8). Roga contra os dois extremos da abundância e da miséria (v. 8b) e apresenta boas razões para isso: *não aconteça que me sacie e te negue,* quer dizer, que me esqueças que dependo de ti em tudo. A prosperidade dá lugar ao orgulho e ao esquecimento de Deus, como se já não necessitasse dEle. *E que sendo pobre* (melhor, *empobrecendo-me,* como em 20.13), *furte.* A pobreza extrema é uma tentação à desonestidade e a *profanar o nome de Deus* (Êx 20.7), seja jurando falsamente ou queixando-se da providência de Deus".[6]

Infelizmente tudo isso acontece por conta de nossa cultura do ganha-ganha. Todos querem ganhar e ninguém aceita perder. A corrida rumo ao lucro fácil é estimulada todos os dias. E uma das formas em moda hoje em dia é aquele praticado pelas loterias. Nessa modalidade de jogo, em que o ganho fácil é uma tentação real, o governo fomenta a cultura do ganhar sem esforço. Não somente cria essas loterias, mas também estimula por meio de massiva propaganda. E os crentes, o que que tem ver com isso? Infelizmente alguns acham que o equilíbrio financeiro pode vir quando forem um dos "sortudos" da Mega-Sena. Em seu livro *As Sete Ciladas do Inimigo,* o escritor Erwin W. Lutzer, mostra como é perigoso o crente querer prosperar por meio dos jogos de azar.

"Em tempos passados, a igreja havia assumido uma posição contrária ao jogo. Hoje não se ouve nem uma palavra sobre o assunto. E o fato é que, embora o quadro que vamos pintar aqui pareça sombrio, na realidade, ele é ainda pior. Basta que perguntemos aos filhos cujos pais se separaram por causa de perdas no jogo. Perguntemos àqueles cuja mãe gasta cem dólares por semana em bilhetes de loteria, em vez de comprar roupas e alimentos. Em suma, o jogo destrói as famílias."[7]

Respondendo à pergunta: É pecado Jogar?, Lutzer responde:

"É verdade que não existe um décimo primeiro mandamento que diz:

Não participarás em jogos de azar" (...) conta-se que George Washington teria dito o seguinte: "O jogo é filho da avareza, irmão da iniquidade e pai de todo tipo de erro".

E eu concordo com ele. Creio que foi mesmo o Diabo que inventou o jogo. Portanto, é pecado. Apesar de a Bíblia não conter nenhuma orientação específica sobre o assunto, ela apresenta algumas princípios que contribuem para essa ideia. Vejamos alguns deles.

O jogo contraria o princípio da ética no trabalho. O jogo zomba do trabalho como forma de subsistência. Certa vez, vimos uma frase publicitária que dizia que existem apenas duas maneiras de se ganhar um milhão de dólares. Uma delas era trabalhar muito; a outra era jogar. E dizia mais:

> "Quem vai trabalhar todo dia, quando poderia ganhar um milhão de dólares na loteria, é um idiota".

Entretanto, o apóstolo Paulo escreveu o seguinte: "Se alguém não quiser trabalhar, também não coma" (2 Ts 3.10).

Quem joga não está sendo um mordomo de seus bens.
É insatisfeito com o que Deus lhe dá.[8]

Notas

[1] ASSARÉ, Patativa. **Cante lá que eu Canto cá — filosofia de um trovador nordestino.** Rio de Janeiro: Vozes.

[2] http://www.financeiro24horas.com/informativo.aspx?CodMateria=438, acessado em 31.05.2013.

[3] HAMILTON, Victor, P. **In: Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento.** São Paulo: Editora Vida Nova.

[4] KIDNER, Derek. **Provérbios — introdução e comentário.** São Paulo: Vida Nova.

[5] GAEBELEIN, Frank E. **The Expositor's Commentary — Psalms, Proverbs, Ecclesiastes, Song of Song.** Zondervan, USA, 2002.

[6] HENRY, Matthew. **Comentario bíblico de Matthew Henry – traducido y adaptado al castellano por Francisco Lacueva — 13 tomos em 1 — obra completa sin abreviar.** Espanha: Editorial CLIE, Barcelona.

[7] LUTZER, Erwin W. **As Sete Ciladas do Inimigo — e o que você pode fazer para não cair nelas.** Rio de Janeiro: Betânia.

[8] LUTZER, Erwin W. idem.

5

O Cuidado com aquilo que Falamos

Pv 6.16-19; 15.1,2,23; 16.21,24; Tg 3.1-11

Seis coisas o Senhor aborrece, e a sétima a sua alma abomina: olhos altivos, língua mentirosa, mãos que derramam sangue inocente, coração que trama projetos iníquos, pés que se apressam a correr para o mal, testemunha falsa que profere mentiras e o que semeia contendas entre irmãos.

A resposta branda desvia o furor, mas a palavra
dura suscita a ira.

A língua dos sábios adorna o conhecimento, mas a boca dos insensatos derrama a estultícia.

O homem se alegra em dar resposta adequada, e a palavra, a seu tempo, quão boa é!

O sábio de coração é chamado prudente, e a doçura no falar aumenta o saber.

Palavras agradáveis são como favo de mel: doces para a alma e medicina para o corpo.

TIAGO 3.1-11

[1]Meus irmãos, não vos torneis, muitos de vós, mestres, sabendo que havemos de receber maior juízo.

[2] Porque todos tropeçamos em muitas coisas. Se alguém não tropeça no falar, é perfeito varão, capaz de refrear também todo o corpo.

[3] Ora, se pomos freio na boca dos cavalos, para nos obedecerem, também lhes dirigimos o corpo inteiro.

[4] Observai, igualmente, os navios que, sendo tão grandes e batidos de rijos ventos, por um pequeníssimo leme são dirigidos para onde queira o impulso do timoneiro.

[5] Assim, também a língua, pequeno órgão, se gaba de grandes coisas. Vede como uma fagulha põe em brasas tão grande selva!

[6] Ora, a língua é fogo; é mundo de iniqüidade; a língua está situada entre os membros de nosso corpo, e contamina o corpo inteiro, e não só põe em chamas toda a carreira da existência humana, como também é posta ela mesma em chamas pelo inferno.

[7] Pois toda espécie de feras, de aves, de répteis e de seres marinhos se doma e tem sido domada pelo gênero humano;

[8] a língua, porém, nenhum dos homens é capaz de domar; é mal incontido, carregado de veneno mortífero.

[9] Com ela, bendizemos ao Senhor e Pai; também, com ela, amaldiçoamos os homens, feitos à semelhança de Deus.

[10] De uma só boca procede bênção e maldição. Meus irmãos, não é conveniente que estas coisas sejam assim.

[11] Acaso, pode a fonte jorrar do mesmo lugar o que é doce e o que é amargoso?

12 Acaso, meus irmãos, pode a figueira produzir azeitonas ou a videira, figos? Tampouco fonte de água salgada pode dar água doce.

O Uso da Língua de Acordo com Tiago:

Visto que os ensinos de Salomão sobre o uso da língua foram assimilados pelo apóstolo Tiago, mantendo um paralelismo muito próximo com os Provérbios de Salomão, desejo começar com o entendimento que o apóstolo possuía sobre esse minúsculo membro do corpo humano.

O apóstolo Tiago em um primeiro momento é posto em destaque por ele aqueles que verbalizam pensamentos, princípios, preceitos, etc. Estes são os mestres (gr *didaskalos*). Em um segundo momento ele toca em um ponto sensível da vida humana, mas muitas vezes esquecido pelos cristãos — o devido uso da língua. Na sua análise a língua, se usada indevidamente, põe em risco não somente o indivíduo que dela faz uso, mas até mesmo toda a humanidade (Tg. 3.6). Possuindo uma arma tão poderosa, cabe ao cristão seguir as orientações dadas por Deus para viver em paz.

Advertência aos Profissionais da Fala

Um recado aos mestres

Tiago inicia a sua argumentação com uma exortação direta aos mestres e àqueles que porventura quisessem ensinar. "Meus irmãos, não vos torneis, muitos de vós, mestres, sabendo que havemos de receber maior juízo" (Tg 3.1). Estas palavras de Tiago necessitam ser analisadas dentro do contexto educacional da cultura hebraica e seu desenvolvimento dentro da Igreja Primitiva. As palavras hebraicas para ensinar e suas correlatas ocorrem mais de 270 vezes nas Escrituras do Antigo Testamento. Por outro lado, a palavra grega *didaskalos*, traduzida por Tiago como mestre, juntamente com aquelas de mesma raiz, ocorrem 211 vezes no

texto grego do Novo Testamento. A frequência com que esses vocábulos ocorrem nas Escrituras Sagradas revelam que o mestre ocupava uma posição de destaque na cultura bíblica. É de se notar que a escola de um judeu era primeiramente o seu próprio lar onde recebia instrução de seus pais (Pv 22.6); mas a educação mais formal ficava a cargo dos sacerdotes e profetas. As Escrituras registram, por exemplo, que "Esdras tinha disposto o coração para buscar a Lei do SENHOR, e para a cumprir, e para ensinar em Israel os seus estatutos e os seus juízos" (Ed 7.10). Em outro estágio da cultura hebraica esse ensino mais formal ficaria a cargo dos escribas.

No mundo do Novo Testamento os mestres não eram estranhos. Além da herança cultural judaica, o processo de helenização promovido por Alexandre, O Grande, solidificaria mais ainda a estrutura educacional. Graças a universalização da língua grega e a popularização do ensino, Paulo podia ser ouvido e entendido em todos os lugares. "Paulo e Barnabé demoraram-se em Antioquia, ensinando e pregando, com muitos outros, a palavra do Senhor" (At 15.35; 19.9). Os mestres, portanto, passaram a ganhar grande visibilidade, e muitos eram tentados a se tornarem mestres. Muitos, às vezes, não possuíam qualificação para isso, e acabavam ensinando o que não deviam. "Assim como, no meio do povo, surgiram falsos profetas, assim também haverá entre vós falsos mestres, os quais introduzirão, dissimuladamente, heresias destruidoras, até o ponto de renegarem o Soberano Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição" (2 Pe 2.1). Diante de um quadro como esse, Tiago adverte aos crentes sobre a grande responsabilidade que esse cargo exige. Não era somente ensinar, mas o que ensinar. Não era somente falar, mas que conteúdos eram revelados nessa fala. Ele lembra aos mestres cristãos que contas seriam pedidas do exercício desse ofício. "Havemos de receber maior julgamento." Tiago tem em mente o julgamento de um tribunal, já que a palavra grega *krima* usada

por ele mantém o sentido de "julgamento de um juiz". Nesse particular o tribuno seria o próprio Deus. Esse era um cuidado que aqueles que vivem da fala deveriam sempre lembrar. Quão grande responsabilidade pesa sobre os que ensinam.

Tirando o Veneno da Língua

A língua necessita de controle. Do versículo 2 até o versículo 12 Tiago passa a tratar diretamente sobre o devido uso da língua. É uma advertência àqueles que gostam de falar ou vivem sempre falando. A língua, mais do que qualquer outro órgão do corpo, necessita de controle. Há toda uma linguagem metafórica usada por Tiago para ilustrar o poder negativo da língua. São símbolos extraídos do cotidiano de pessoas comuns, mas que em Tiago crescem em dramaticidade.

1. Freios

Tiago fala da necessidade de se pôr freios (*gr kalinós*) na boca assim como são postos nos cavalos. Há quatro ocorrências dessa palavra no Novo Testamento grego; três em Tiago (Tg 1.26; 3.2; 3.3) e uma em Apocalipse (Ap 14.20). O sentido no original é de um freio ou cabresto colocado na boca do animal. A lição é muito clara: aqueles que gostam de falar muito, e por isso acabam falando o que não devem, necessitam pôr freios na sua própria boca. Uma solução já apontada anteriormente por Tiago seria primeiramente ouvir e somente depois falar (Tg 1.19). Não há como fugir do paralelo que surge entre o "freio" de Tiago e o "domínio próprio" citado por Paulo em Gálatas 5.21-23. O freio deve controlar o animal e o domínio próprio, a língua do crente.

2. Leme

A língua necessita de freio porque ela tem um poder muito grande de traçar rumos e destinos. Assim como o leme (gr. *pedalion*) tem o poder de conduzir uma embarcação a qualquer

lugar desejado, da mesma forma a língua. "Observai, igualmente, os navios que, sendo tão grandes e batidos de rijos ventos, por um pequeníssimo leme são dirigidos para onde queira o impulso do timoneiro" (Tg 3.4). O leme controla o navio, a língua, o crente.

3. Fogo

Talvez a imagem mais dramática usada por Tiago para ilustrar o poder da língua seja a do "fogo". Tiago diz que "a língua é fogo" (Tg 3.6). A figura evocada pelo homem de Deus aqui é do poder destrutivo do fogo. O fogo queima, o fogo incinera. Uma língua sem freios e fora de controle queima como fogo! Quantas pessoas estão hoje literalmente "queimadas" por conta de comentários maldosos que foram feitos sobre elas. Na maioria das vezes não houve uma visão adequada dos fatos. Devemos tomar cuidado com aquilo que falamos.

3. Mundo

Há uma disputa entre os intérpretes sobre o real significado deste termo usado aqui por Tiago. Isso porque a palavra *kosmos* (Tg 3.6) traduzida por "mundo", aqui tem uma variedade de significados no contexto do Novo Testamento. O sentido mais natural do texto é que Tiago fala de "mundo" como a esfera onde as coisas acontecem. Nesse sentido a língua é um pequeno órgão, mas que pode se tornar um grande universo de coisas ruins. Isso explica porque a palavra "iniquidade" ou "injustiça" vem associada a "mundo" no versículo 6 do capítulo 3.

4. Veneno

O mau uso da língua pode desencaminhar uma vida e até mesmo matar. Há um veneno na língua que precisa ser tirado (Tg 3.8). O veneno mortífero do qual fala Tiago reside no poder que a língua tem de servir ao mesmo tempo para abençoar ou amaldiçoar. "Com ela, bendizemos ao Senhor e Pai; também, com ela, amaldiçoamos os homens, feitos à semelhança de Deus.

De uma só boca procede bênção e maldição. Meus irmãos, não é conveniente que estas coisas sejam assim" (Tg 3.9,10). Há regiões no Brasil onde se usa o termo "língua grande" para pessoas que fofocam ou falam demais. O perigo está em alguém possuir uma "língua grande"e, além disso, "envenenada".

5. Fonte

A outra figura usada nesta carta é a de uma fonte. Os orientais sabiam da importância que as fontes de águas doces e perenes possuíam para eles. Mais do que qualquer outra coisa, a água era um bem extremamente precioso. A ideia que Tiago sugere é o de uma fonte jorrante (*gr. bryo,* v.11). A analogia é simples, mas extremamente forte — assim como das fontes jorravam águas doces, próprias para o consumo, assim também a nossa língua deve ser. "Acaso, pode a fonte jorrar do mesmo lugar o que é doce e o que é amargoso?" (Tg 3.11,12).

6. Árvore

Tiago apela para a peculiaridade de cada espécie. "Acaso, meus irmãos, pode a figueira produzir azeitonas ou a videira, figos?" (Tg 3.12). Uma figueira produz figos, uma videira produz uvas (Tg 3.12). A lógica é simples: Uma mangueira produz mangas e uma laranjeira, laranja. A boca do crente não deve produzir maldição, mas bênção, pois isso faz parte de sua nova natureza (2 Co 5.17; Ef 4.17-22).[1]

Tiago é nosso contemporâneo e fala hoje. As suas advertências sobre o uso da língua chegam até nós como verdadeiras preciosidades. Em um contexto em que os relacionamentos se fracionam e são trincados com relativa facilidade, deveríamos atentar para as exortações que o Senhor nos faz por meio desse escrito. Assim como o anjo tocou nos lábios de Isaias e purificou a sua boca (Is 6.7), da mesma forma devemos permitir que o Espírito Santo faça o mesmo com a nossa língua.

Pois bem, se por um lado Tiago procurou tirar o veneno da língua, por outro Salomão procura deixá-la mais curta ainda.

O Uso das Palavras de Acordo com Salomão

"Seis coisas o SENHOR aborrece, e a sétima a sua alma abomina. Olhos altivos, língua mentirosa, mãos que derramam sangue inocente, coração que trama projetos iníquos, pés que se apressam a correr para o mal, testemunha falsa que profere mentiras e o que semeia contendas entre irmãos". (Pv 6.16-19)

Formigueiro humano!

Pouco tempo depois de ter sido consagrado ao ministério de Evangelista, eu tive um sonho inquietante. Já compartilhei dessa experiência em outros textos que escrevi.[2] Mas aqui desejo relatá-lo por duas razões: a primeira é que ele é uma boa ilustração do assunto que ora tratamos e a segunda é que ele me marcou de uma forma profunda. Esse sonho aconteceu antes que o meu pastor a quem eu auxiliava me delegasse funções pastorais. Sonhei que um homem de estatura mediana, vestindo roupas brancas dizia que queria me mostrar algo. Convidando-me a segui-lo, aquele mensageiro falou: "Desejo mostrar a você uma melancia, mas é uma melancia incomum". Até aquele momento, as melancias que eu conhecia não tinham nada de extraordinário. Eu havia sido lavrador juntamente com meus pais, de forma que estava acostumado a ver melancias. Quando ainda ponderava no significado daquelas palavras, o mensageiro celestial prosseguiu: "Esta melancia fica debaixo da terra". Aquelas palavras me surpreenderam. Iria ele me mostrar uma melancia abaixo da superfície, e que se desenvolvia à semelhança de uma raiz? Foi exatamente isso o que presenciei.

Pois bem, o mensageiro cavou o chão e ao remover um pouco de terra, aproximadamente uns 30 cm abaixo da superfície, o fruto por ele anunciado apareceu. A sua forma parecia-se muito com o que chamamos de "melão japonês". Dando início a sua missão,

ele começou a remover a melancia. Foi nesse momento que a cena que eu presenciaria me marcaria de forma dramática. Observei que ao começar a ser removida, centenas de formigas que se alojavam na parte inferior do fruto assanharam-se. Elas começaram a subir para a superfície da melancia. Foi então que despertei! Exatamente dois dias depois, fui designado por meu pastor para assumir a principal congregação da igreja de nossa cidade. Tomando posse, logo o significado daquelas imagens oníricas começou a ficar claro para mim.

Maledicência — a sétima abominação

O problema se situava na área dos relacionamentos. Havia um clima de animosidade entre os crentes ali. A comunhão estava trincada. Era aquilo que a Bíblia denominava em Provérbios 6.16-19 de *a sétima abominação*. Era uma fuxicaria sem fim. O trabalho do Senhor simplesmente não conseguia prosperar. O próprio líder que me antecedera naquela congregação me contou posteriormente que havia sido afastado porque alguém dali conseguira envolvê-lo em um fuxico. O clima era pesado. À medida que mais me envolvia com a obra, mais consciente ficava da presença da semente de contenda espalhada entre os irmãos. Resolvi agir pela Palavra de Deus. Durante os primeiros meses me dediquei quase que exclusivamente a pregar sobre relacionamentos. Usei como base o livro de Provérbios.

Koinonia, a genuína comunhão cristã

Uma das doutrinas mais exaltadas nas páginas da Bíblia é a da unidade cristã. A falta de unidade foi uma das principais razões que levou o apóstolo Paulo a escrever a sua primeira carta aos Coríntios. Escrevendo àquela igreja ele disse estar informado "de que havia contendas entre eles" (1 Co 1.11). Aos efésios o mesmo apóstolo os aconselhou a que se esforçassem diligentemente para "manter a unidade do Espírito" (Ef 4.3); a dois crentes filipenses o apóstolo dos gentios recomendou: "pensem concordemente, no Senhor" (Fp 4.2).

É inegável o valor da unidade cristã. A unidade traz a comunhão. É bom lembrar que um dos segredos do grande e explosivo crescimento da Igreja Primitiva era justamente a comunhão existente entre os crentes. No livro da história da igreja, Os Atos dos Apóstolos, lemos: "E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações" (At 2.42). A palavra "comunhão" traduz o termo grego *koinonia*. W. E. Vine observa que a *koinonia* é "um ter em comum, companheirismo, comunhão" e denota "a parte que um tem em qualquer coisa, uma participação, um companheirismo reconhecido, e se usa das experiências e interesses comuns dos cristãos".[3] É oportuno observarmos o uso desse termo na literatura grega, incluindo o Novo Testamento. William Barclay nos dá uma excelente visão panorâmica desse termo na literatura grega, incluindo o Novo Testamento:

1. Na vida cristã há uma *koinonia* que significa um "compartilhar de amizade" e uma permanência no convívio dos outros (At 2.42; 2 Co 6.14).

2. Na vida cristã há uma *koinonia* que significa uma "divisão prática" com os que são menos afortunados. A comunhão cristã é uma coisa prática (Rm 15.26; 2 Co 8.4; 9.13)

3. Na vida cristã há uma *koinonia* que é uma "cooperação na obra de Cristo" (Fp 1.15).

4. Na vida cristã há uma *Koinonia* "na fé". O cristão nunca é uma unidade isolada; é membro de um convívio da fé (Ef 3.9).

5. Na vida cristã há uma "comunhão (*koinonia*) no Espírito" (2 Co 13.14; Fp 2.1).

6. Na vida cristã há uma *koinonia* "com Cristo". Os cristãos são chamados para a *koinonia* de Jesus Cristo, o Filho de Deus (1 Co 1.9).

7. Na vida cristã há a *koinonia* "com Deus" (1 Jo 1.3). Mas deve ser notado que aquela comunhão tem condições éticas, porque não é para aqueles que escolheram andar nas trevas (1 Jo 1.6). A *Koinonia* cristã é aquele vínculo que liga os cristãos aos outros, a Cristo e a Deus.[4]

Princípios Bíblicos para um Bom Relacionamento

Abaixo estão alguns princípios bíblicos que extrai do livro de Provérbios que nos ajudarão a nos relacionar bem uns com os outros:

1. Saiba ouvir (Pv 18.13).

Um dos grandes problemas em nos relacionar bem uns com os outros surge por conta da nossa falha em ouvir. Ouvimos, mas ouvimos mal. Ou ainda: ouvimos mais do que foi dito. Precisamos aprender a ouvir.

2. Não se apresse para falar (Pv 17.28; 19.2).

A precipitação em falar é outro grande problema. Jesus mesmo condenou o juízo temerário. Isto é, falar apressadamente sem um conhecimento total dos fatos.

3. Fale pouco (Pv 10.19; 13.3; 12.18).

Aqui talvez esteja um dos maiores fatores de desajuste nos relacionamentos. É um comentário inoportuno que fazemos. Uma palavra a mais, que aparentemente não tem a intenção de ofender, mas que vem sublimada.

4. Fale coisas boas das pessoas (Pv 16.24; 16.28; 20.19).
A tendência de só enxergar coisas ruins nos outros é uma herança da nossa velha natureza adâmica. Dificilmente falamos de alguém para exaltar suas virtudes. Necessitamos enxergar algo de bom no nosso semelhante se queremos nos relacionar bem.

5. Não atice (fomente) conversas (Pv 30.33; 26.20,21).
Acredito que se não passássemos à frente as fofocas que chegam até nós muitas intrigas seriam evitadas.

6. Fale pouco de si mesmo (Pv 27.2).
A atitude de falar de si mesmo, além de revelar um complexo de inferioridade, acaba também por arranhar os relacionamentos. Isso por uma razão simples: é difícil louvar a si mesmo sem diminuir o outro.

Notas

[1] *Veja um estudo detalhado na* **Chave Linguística do Novo Testamento Grego.** São Paulo: Vida Nova.

[2] GONÇALVES, José. **As Ovelhas também Gemem**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

[3] WINE, W.E. **Diccionario de Palabras Del Nuevo Testamento**. Barcelona, Espanha: Editorial CLIE.

[4] BARCLAY, William. **Palavras-Chaves do Novo Testamento.** São Paulo: Vida Nova.

6

O Poder do Exemplo Pessoal no Ensino aos Filhos

Pv 4. 1-9

[1]Ouvi, filhos, a instrução do pai e estai atentos para conhecerdes o entendimento; [2]porque vos dou boa doutrina; não deixeis o meu ensino. [3]Quando eu era filho em companhia de meu pai, tenro e único diante de minha mãe, [4]então, ele me ensinava e me dizia: Retenha o teu coração as minhas palavras; guarda os meus mandamentos e vive; [5]adquire a sabedoria, adquire o entendimento e não te esqueças das palavras da minha boca, nem delas te apartes. [6]Não desampares a sabedoria, e ela te guardará; ama-a, e ela te protegerá. [7]O princípio da sabedoria é: Adquire a sabedoria; sim, com tudo o que possuis, adquire o entendimento. [8]Estima-a, e ela te exaltará; se a abraçares, ela te honrará; [9]dará à tua cabeça um diadema de graça e uma coroa de glória te entregará.

O escritor Alexandre Rangel em seu livro *As mais Belas Parábolas de todos os Tempos,* conta-nos uma história que ilustra o poder do exemplo.[1]

Napoleão Bonaparte, sem dúvida, foi um dos maiores líderes que este mundo já conheceu. Certa vez, seu exército estava se preparando para uma das maiores batalhas. As forças adversárias

tinham um contingente três vezes superior ao seu, além de um equipamento mais moderno. Napoleão avisou a seus generais que ele estava indo para a frente de batalha, e estes procuraram convencê-lo a mudar de ideia.

— Comandante, o senhor é o império. Se morrer, o império deixará de existir. A batalha será muito difícil. Deixe que cuidaremos de tudo. Por favor, fique. Confiem em nós.

Tudo em vão; não houve nada que o fizesse mudar de ideia. No meio da noite, o general Junot, um de seus brilhantes auxiliares e também amigo, procurou-o, e de novo, tentou mostrar o perigo de ir para a frente de batalha. Napoleão olhou-o com firmeza e disse:

— Não tem jeito, eu vou.

— Mas por que, comandante?

— É mais fácil puxar do que empurrar!

Sem dúvida é muito mais fácil liderar através do exemplo. Ensinar também! Todos nós somos carentes de modelos e crescemos procurando imitá-los. Quando não há modelos ou referenciais ficamos à deriva. Os modelos ou paradigmas fazem parte de nossa vida assim com o ar que respiramos. Na história bíblica observamos que quando havia uma crise política ou religiosa, essa crise se dava em razão da falta de modelos ou referenciais. Aconteceu assim no período dos Juízes (Jz 17) e também em outros momentos da história da nação hebraica. Quando Arão construiu o bezerro de ouro, o fez porque o povo se achou sem um modelo para seguir. O longo período em que Moisés, o grande legislador hebreu, ficou ausente, favoreceu esse fato (Êx 32.1). No vácuo criado pela ausência de Moisés, o povo queria seguir os deuses pagãos como modelo.

O certo é que todos nós em algum momento de nossas vidas espelhamo-nos em algum modelo. Esse modelo pode ser certo ou errado. É por isso que os pais devem ter muito cuidado na

educação dos filhos. Que modelos eles estão seguindo? Em um primeiro momento os pais são os próprios modelos para os filhos. São neles que os filhos se espelham. Se o exemplo dado é deformado ou hipócrita, isso não deixará de criar uma confusão na mente dos filhos. Os pais são seus heróis. Mas se o modelo que passam for distorcido, acabarão se tornando seus vilões.

No livro *Crescendo com o seu Filho Adolescente,* o escritor Eugene Peterson chama a atenção para esse fato.

"Durante a infância, a criança aceita os pais sem críticas. É verdade que as crianças se rebelam contra regras e desafiam ordens. Desobedecem e ignoram os pais. Mas não costumam envolver nisso nada *pessoal.* Não estão avaliando as palavras dos pais nem questionando a autoridade deles. E, de repente, com a chegada da adolescência, começam a questionar. Deve ser um grande choque acordar um dia e perceber que os pais não são onipotentes nem oniscientes (que não eram onipresentes as crianças já tinham descoberto há vários anos!). Os adolescentes começam a enxergar um mundo de moralidade mais amplo. Conquistam a liberdade de conceber *princípios* morais. A moralidade, que para a criança é uma coleção desorganizada de sim e não, começa a se encaixar em um padrão. Por exemplo, para a criança, honestidade significa não colar na prova, já para o adolescente, é um principio a ser aplicado em qualquer situação. Logo os pais se tornam uma dessas situações. Os pais percebem que o filho ou a filha examina o comportamento deles com uma lente de aumento moral que eles mesmos lhe deram. Os jovens fazem julgamento moral com base nos princípios que os pais lhes ensinaram do governo, escola, colegas e não excluem os pais do escrutínio."[2]

Além dos modelos pessoais como a figura dos pais, dos amigos, etc, há também os modelos culturais. Foi Hegel, filósofo alemão, quem disse que quer queira quer não todos nós somos produtos do nosso tempo e de nossa época. Isso quer dizer que nós, como seres sociais, seguimos até mesmo sem tomar consciência disso, um modelo cultural. Esse modelo cultural no qual estamos inseridos foi

batizado pelos filósofos de *paradigma.* Paradigma, portanto, é um modelo ou padrão ao qual seguimos. Funciona como um referencial que norteia o movimento da sociedade.

Durante muitos séculos, a cultura ocidental se orientou pelo paradigma judaico-cristão. Os valores que norteavam a nossa cultura eram valores advindos da cultura bíblica. Esses valores serviam de norte e de elemento de coesão do funcionamento da máquina social. Na verdade, esse paradigma judaico-cristão funcionava como uma espécie de óculos através dos quais os fenômenos sociais eram interpretados. Neste aspecto dizemos que havia uma cosmovisão cristã que servia de mapa que orientava a adoção ou não de determinado valor. Funcionava, portanto, como uma espécie de "marco" orientador de nossas ações.

QUEDA DE MODELOS

As culturas modernas e pós-modernas

Pois bem, no livro de Provérbios encontramos referência aos "marcos antigos" (Pv 23.10). No caso do Ocidente, eram eles que formavam o paradigma ou modelo cultural e, que orientaram essa cultura por centenas de anos. Com o passar do tempo, eles começam a ser duramente questionados. Esse questionamento foi feito primeiramente pelo que se denomina de *modernidade* ou *cientificismo,* fenômeno cultural que descartou a religião e entronizou a ciência (cerca do ano 1600 d.C). Esse paradigma, como observam os filósofos sociais, possui alguns pressupostos:

1. **Fé na liberdade** — Busca-se a emancipação do homem de todos os seus tutores. Floresce a crença na subjetividade humana; cada ser humano pode valer suas aspirações pessoais; pode julgar e criticar e valer suas próprias opiniões;

2. **Fé na ciência** — Em torno de 1700 há uma mudança de pensamento concernente a cosmologia, o universo

deixa de ser visto como um organismo vivo e passa a ser visto como uma máquina;

3. **Fé no progresso** — O avanço científico alimentou o ideal do progresso humano;

4. **Fé na história** — Se concebe a ideia de que aquilo que a pessoa é não vem condicionada pelo passado ou pela genética etnia; senão pela vontade, esforço e superação pessoal;

5. **Fé no ser humano** — Aparece a ideia de um contrato social com Rousseau. O ideal de igualdade, democracia e educação. A modernidade se caracteriza por sua confiança no ser humano e nas metas que pode conseguir se ele se educa adequadamente;

6. **Fé em Deus** — A secularização e não o secularismo aparece como um movimento histórico positivo para o cristianismo porque liberta a fé da superstição; o secularismo, ao contrário, é uma ideologia negativa que propõe a destruição do fator religioso.[3]

Por outro lado, a *Pós-Modernidade,* fenômeno cultural iniciado entre os anos 60 e 70, com muito mais intensidade, faz um esforço enorme no sentido de desacreditar a *modernidade*. Esse ataque que sofre a cultura *moderna* fica mais visível quando observamos o contraste existente entre ambas. O filósofo Antonio Cruz mostrou com muita precisão como era "o antes" e como ficou "o agora":

1. **Fé *versus* incredulidade** — Da certeza se passou para a incerteza;

2. **Sacralização *versus* secularização** — A Modernidade herdou da Idade Média certo dogmatismo das ideias e das crenças.

A Pós-Modernidade secularizou todos esses mitos;

1. **Absoluto *versus* relativo** — Hoje se crê em pequenas verdades relativas, nenhuma é absoluta;

2. **Objetividade *versus* subjetividade** — Em vez da objetividade dos grandes fins ficou em seu lugar o pensamento débil e fragmentado;

3. **Razão *versus* sentimento** — Ao perder o fundamento da razão, o centro da moral e da pessoa passa a ser o "eu", os sentimentos e os gostos individuais;

4. **Ética *versus* estética** — A Pós-modernidade propõe como alternativa a ética tradicional, a estetização da vida, a eliminação de toda norma, o relativismo das condutas e o politeísmo dos valores;

5. **Culpa *versus* sentimento de culpa** — Tudo depende do momento e do critério de cada pessoa;

6. **Passado/futuro *versus* presente** — O pós-moderno deseja viver somente do presente sem se preocupar com o passado;

7. **História *versus* histórias** — A Modernidade cria na história, já na Pós-Modernidade não se acredita em um sentido para a história;

8. **Unidade *versus* diversidade** — A Modernidade procurava unificar as culturas, a Pós-Modernidade acredita na diversidade cultural;

9. **Coletivo *versus* individual** — O coletivo da Modernidade dá lugar ao individual na Pós-Modernidade;

10. **Progresso *versus* neoconservadorismo** — A Modernidade acreditava nas ideologias, o pós-moderno desconfia dela;

11. **Inconformismo *versus* conformismo** — A Modernidade foi fecunda em revoluções sociais, o pós-moderno não está interessado nisso;

12. **Idealismo *versus* realismo** — Os projetos idealistas da Modernidade não fazem sentido no mundo pós-moderno;

13. **Humanismo *versus* anti-humanismo** — A Modernidade olhava para o passado a fim de extrair lições para o presente e construir o futuro, a Pós-Modernidade não imita nada, vive e deixa viver;

14. **Segurança *versus* insegurança** — O homem moderno estava seguro naquilo que cria, o pós-moderno perdeu aquela segurança;

15. **Forte *versus* light** — A razão forte caiu para dar lugar ao inseguro, instável e frágil;

16. **Esforço *versus* prazer** — A cultura do esforço da Modernidade deu lugar a cultura do prazer na Pós-Modernidade;

17. **Prometeismo *versus* narcisismo** — No mito Prometeus arrisca sua vida pelos homens, simbolizando assim o mundo moderno. Na Pós-Modernidade Narciso não arrisca a vida por ninguém, mas como os pós-modernos está interessado no prazer;

18. **Seriedade *versus* humor** — O humor é visto na Pós-Modernidade como terapia com a desilusão moderna;

19. **Intolerância *versus* tolerância** — A Pós-Modernidade ao contrário da Modernidade considera perigoso todas as grandes narrativas. Em seu lugar prefere ficar com o débil que é mais compreensível e tolerante;

20. **Formalidade *versus* informalidade** — Na Modernidade não bastava ser bom, mas parecer ser bom. Na Pós-Modernidade não há porque guardar as aparências;

21. **Necessário *versus* acessório** — A Modernidade sabia distinguir entre o necessário e o supérfluo. Na sociedade de consumo pós-moderno há uma corrida rumo ao supérfluo.[4]

A cultura pós-moderna pulverizou as crenças do cientificismo e agora tenta a todo custo descartar os valores da cultura judaico-cristã. Caindo o paradigma ou modelo judaico-cristão, cai com ele todo o conjunto de valores éticos e morais que tem servido de parâmetro para nossa sociedade.

A IMPORTÂNCIA DE IMPOR LIMITES

No meio desse caldo cultural, uma pergunta que parece bastante pertinente é: como educar em meio a tudo isso? Vimos nesse texto que o livro de Provérbios contém dezenas de princípios para a condução do processo educativo tomando por base os valores éticos-morais. Vale a pena destacar o que o psiquiatra e educador Içami Tiba escreveu sobre o desafio de educar. Ele sublinhou: "Educar não é deixar a criança fazer só o que quer (buscar saciedade). Isso dá mais trabalho do que simplesmente cuidar, porque equivale a incutir na criança critérios de valor.

A criança é regida pela vontade de brincar, de fazer. A cada movimento, está descobrindo coisas, num processo natural de aprendizagem. Junto a isso entram os valores.

Construir uma casa é muito mais difícil do que reformá-la. Reformar, no caso de um filho, seria o mesmo que sempre dizer 'não' para algo que ele já fez muitas vezes. Melhor ensinar aos poucos.

Quando quer fazer alguma coisa, a criança observa a reação dos pais; se ouve um 'não', insiste. Quer testar se o que dizem é mesmo

para valer — até incorporar a regra. Leva algum tempo, mas ela aprende. Então aquele critério de valor passa a fazer parte dela.

É interessante notar como desde tenra idade a simples repressão já não funciona. É preciso estabelecer uma diferença ao incentivar o comportamento certo. A simples aprovação é uma recompensa para a criança, como o silêncio é uma permissão."[5]

Educar, portanto, requer a imposição de limites, mas sem se valer de métodos castradores ou violentos. O livro de Provérbios diz: "O que retém a vara aborrece a seu filho, mas o que o ama, cedo, o disciplina" (Pv 13.24).

Mais uma vez, o Dr. Içami Tiba, que sem dúvida é um dos maiores especialistas na educação de jovens e adultos, chama a atenção em seu excelente livro para o que denomina de "lágrimas de crocodilo". Observando o comportamento das crianças, ele destaca que:

> "Há dois tipos de choro: o que expressa dor e o que busca poder.

Se o filho descobrir que pode usar o choro como fonte de poder, os pais estão perdidos. Nunca mais saberão dizer se ele chora por dor ou por poder.

> (...) Esse tipo de choro (por poder) apela para o lado 'coitadinho', inspira ternura. É o domínio pela chantagem afetiva.

É difícil neutralizar o uso do choro como arma. Pai e mãe têm de entender que um pouco de dor não matará a criança, assim como um pouco de poder não matará os pais. Só há um jeito de aprender a diferenciá-los: acertando e errando.

> (...) Um erro cometido pelos pais, desde que não seja baseado na violência, em surras, socos e pontapés não traz problema nenhum. Atos como esses descarregam a raiva, mas não têm força educativa, pois violência só gera violência".[6]

ENSINANDO POR MEIO DO EXEMPLO (VALORES)

Ética da personalidade

Stephen Covey observa que esse modelo possui dois "caminhos básicos: um deles é o das técnicas nas relações públicas e humanas e o outro uma atitude mental positiva (AMP). Parte desta filosofia se exprime através de máximas por vezes válidas, como 'Sua atitude determina sua altitude', 'Sorrisos conquistam mais amigos do que caras feias' e 'A mente humana pode conquistar qualquer coisa que consiga conceber e acreditar'. Outras práticas da abordagem personalista eram claramente manipuladoras, quase enganosas, encorajando as pessoas a utilizar técnicas que levassem os outros a gostar delas, ou a fingir interesse pelos hobbies alheios para arrancar o que pretendiam, ou a usar o 'poder do olhar' ou a intimidação para abrir caminho no mundo".[7]

ÉTICA DO CARÁTER

De acordo com Stephen Covey, a literatura antiga era focalizada: "No que se poderia chamar de Ética do Caráter, considerada a base do sucesso — coisas como a integridade, humildade, fidelidade, persistência, coragem, justiça, paciência, diligência, modéstia e a regra do ouro (fazer aos outros o que desejamos que nos façam). A biografia de Benjamin Franklin é representativa desta literatura. Trata, basicamente, do esforço de um homem para interiorizar certos princípios e hábitos. A Ética do Caráter ensina que existem princípios básicos para uma vida proveitosa, e que as pessoas só podem conquistar o verdadeiro sucesso e a felicidade duradoura quando aprendem a integrar estes princípios a seu caráter básico".[8]

EDUCAÇÃO INTEGRAL

Os educadores chamam a atenção para o fato de se educar tomando por base um modelo integrado. Esse novo paradigma na

educação recebe o nome de: Teoria da Integração Relacional. Esse novo modelo destaca que "as clássicas teorias psicológicas não têm sido suficientes para a compreensão do atual comportamento dos alunos e o adequado procedimento preventivo e terapêutico dos conflitos vividos em sala de aula. Há necessidade de introduzir elementos novos, como amor, disciplina, gratidão, religiosidade, ética e cidadania, para a avaliação da saúde relacional. Uma pessoa integrada relacionalmente vive um equilíbrio dinâmico entre as satisfações física, psíquica, ecossistêmica e ética nos contextos familiar, profissional e social".[9]

Muito à frente de nosso tempo, Salomão já se preocupava com a construção do homem na sua integralidade. Possivelmente nenhum outro livro contenha tantos princípios educativos como o livro de Provérbios. Nos Provérbios encontramos ensinos precisos para a educação de crianças, jovens e adultos. É um manual recheado de belos ensinamentos que favorecem o crescimento intelectual, psicológico, social e espiritual.

Notas

[1] RANGEL. Alexandre. **As Mais Belas Parábolas de todos os Tempos.** *vol. 1.* Belo Horizonte: Leitura, 2002.

[2] PETERSON, Eugene. **Crescendo com seu Filho Adolescente — conselhos para pais de adolescentes.** Brasília: Palavra, 2011.

[3] Veja os livros: **La Postmodernidad** de Antonio Cruz e **Fim de Milênio — Os perigos da Pós-Modernidade,** de Ricardo Gondim.

[4] CRUZ, Antonio. **La Postmodenidad.** Barcelona, Espanha: Editorial CLIE, 1996.

[5] TIBA, Içami. **Quem Ama Educa.** São Paulo: Gente, 2002.

[6] TIBA, Içami. **Quem Ama Educa.** São Paulo: Gente, 2002.

[7] COVEY, Stephen. **Os Sete Hábitos das Pessoas Altamente Eficazes.** Best-seller.

[8] COVEY, Stephen. **Os Sete Hábitos das Pessoas Altamente Eficazes.** Best-seller.

[9] TIBA, Içami. **Ensinar Aprendendo — Novos paradigmas na educação.** Integrare.

7

Humildade *versus* Arrogância

Pv 8.13-21

[13]O temor do Senhor consiste em aborrecer o mal; a soberba, a arrogância, o mau caminho e a boca perversa, eu os aborreço. [14] Meu é o conselho e a verdadeira sabedoria, eu sou o Entendimento, minha é a fortaleza.[15] Por meu intermédio, reinam os reis, e os príncipes decretam justiça. [16] Por meu intermédio, governam os príncipes, os nobres e todos os juízes da terra. [17] Eu amo os que me amam; os que me procuram me acham. [18] Riquezas e honra estão comigo, bens duráveis e justiça. [19]Melhor é o meu fruto do que o ouro, do que o ouro refinado; e o meu rendimento, melhor do que a prata escolhida. [20]Ando pelo caminho da justiça, no meio das veredas do juízo, [21]para dotar de bens os que me amam e lhes encher os tesouros.

No livro de minha autoria, *Por que Caem os Valentes?*, escrevi sobre as fontes da moralidade ocidental. Destaquei que esse fundamento se firma em um desses tripés: Deus, a natureza ou o homem. A construção da moralidade ocidental, portanto, oscila entre aquilo que é relativo e o que é absoluto. Muitos filósofos não pouparam nem tinta nem papel

para discorrer sobre esse assunto. O mais impetuoso deles foi Friedrich Nietzsche.[1]

Na sua análise sobre os valores, Nietzsche atacou duramente os pensadores gregos Sócrates e Platão, acusando-os de "domesticar" o ser humano por meio de princípios morais. Para ele, antes desses dois pensadores, o homem primitivo não seguia a normas morais inventadas, mas agia de acordo com seus instintos. Prevalecia então o que ele denominava de "vontade de potência". Nietzsche, para ilustrar o seu pensamento, recorreu a dois personagens da mitologia grega — os deuses Apolo e Dionísio. Na mitologia grega, Dionísio é a imagem da força instintiva, é a fonte dos prazeres e da paixão sensual. Por outro lado, Apolo é o deus da moderação, aquilo que faz as coisas seguirem o seu equilíbrio. Para ele, o que Sócrates e Platão fizeram foi "anular" o lado dionisíaco do homem, negando seus instintos e afirmando somente o seu lado racional. Essa "anulação" foi feita através de princípios morais ardilosamente inventados. Em seu famoso livro, *A Genealogia da Moral,* ele procura provar que todos os valores morais são criação do próprio homem. Nietzsche acusou também os cristãos de anular esse lado dionisíaco do homem, implantando aquilo que ele denominava de "moral de escravo". Na sua fúria contra o cristianismo, esse pensador chegou a chamar o apóstolo Paulo de "o mais sanguinário dos apóstolos". Mas o seu furor contra os valores morais cristãos está bem sintetizado nessa frase de sua autoria: "Sócrates foi um equívoco, toda a moral do aperfeiçoamento, inclusive a cristã, foi um equívoco".[2]

Por que essa análise sobre a construção do pensamento nietzschiano é importante quando estudamos a humildade no contexto dos Provérbios? Porque assim como a coragem é uma virtude, a humildade também o é. Se por um lado Nietzsche acaba por incentivar a arrogância, por outro lado Salomão exalta a humildade. "Antes da ruína, gaba-se o coração do homem, e diante da honra vai a humildade" (Pv 18.12); "A soberba precede a ruína e a altivez

de espírito a queda" (Pv 16.18). Como podemos observar, não há espaço para a virtude da humildade dentro da filosofia nietzschiana. Em vez disso ele exalta a "vontade de potência", como um valor a ser cultivado por todos que querem viver com autenticidade. Dentro desse modelo distorcido, a arrogância e não a humildade seria o alvo a ser alcançado.

Por natureza, o homem que não conhece a Deus é arrogante. A arrogância é uma marca distintiva da natureza humana não regenerada. Na história bíblica há o registro de vários acontecimentos em que a arrogância, a prepotência e a presunção estão presentes na vida de homens sem Deus.

Vejamos alguns desses casos clássicos de arrogância registrados na Bíblia.

Casos Clássicos de Arrogância na Bíblia

Faraó (Êx 5.1-9)

[1]Depois, foram Moisés e Arão e disseram a Faraó: Assim diz o Senhor, Deus de Israel: Deixa ir o meu povo, para que me celebre uma festa no deserto.[2] Respondeu Faraó: Quem é o Senhor para que lhe ouça eu a voz e deixe ir a Israel? Não conheço o Senhor, nem tampouco deixarei ir a Israel.[3] Eles prosseguiram: O Deus dos hebreus nos encontrou; deixa-nos ir, pois, caminho de três dias ao deserto, para que ofereçamos sacrifícios ao Senhor, nosso Deus, e não venha ele sobre nós com pestilência ou com espada.[4] Então, lhes disse o rei do Egito: Por que, Moisés e Arão, por que interrompeis o povo no seu trabalho? Ide às vossas tarefas.[5] Disse também Faraó: O povo da terra já é muito, e vós o distraís das suas tarefas.[6] Naquele mesmo dia, pois, deu ordem Faraó aos superintendentes do povo e aos seus capatazes, dizendo: [7] Daqui em diante não torneis a dar palha ao povo, para fazer tijolos, como antes; eles mesmos que vão e ajuntem para si a palha.[8] E exigireis deles a mesma conta de tijolos que antes faziam; nada diminuireis

dela; estão ociosos e, por isso, clamam: Vamos e sacrifiquemos ao nosso Deus. [9] Agrave-se o serviço sobre esses homens, para que nele se apliquem e não deem ouvidos a palavras mentirosas.

Golias (1 Sm 17.42-49)

Olhando o filisteu e vendo a Davi, o desprezou, porquanto era moço ruivo e de boa aparência. [43] Disse o filisteu a Davi: Sou eu algum cão, para vires a mim com paus? E, pelos seus deuses, amaldiçoou o filisteu a Davi. [44] Disse mais o filisteu a Davi: Vem a mim, e darei a tua carne às aves do céu e às bestas-feras do campo. [45] Davi, porém, disse ao filisteu: Tu vens contra mim com espada, e com lança, e com escudo; eu, porém, vou contra ti em nome do SENHOR dos Exércitos, o Deus dos exércitos de Israel, a quem tens afrontado. [46] Hoje mesmo, o SENHOR te entregará nas minhas mãos; ferir-te-ei, tirar-te-ei a cabeça e os cadáveres do arraial dos filisteus darei, hoje mesmo, às aves dos céus e às bestas-feras da terra; e toda a terra saberá que há Deus em Israel. [47] Saberá toda esta multidão que o SENHOR salva, não com espada, nem com lança; porque do SENHOR é a guerra, e ele vos entregará nas nossas mãos. [48] Sucedeu que, dispondo-se o filisteu a encontrar-se com Davi, este se apressou e, deixando as suas fileiras, correu de encontro ao filisteu. [49] Davi meteu a mão no alforje, e tomou dali uma pedra, e com a funda lha atirou, e feriu o filisteu na testa; a pedra encravou-se-lhe na testa, e ele caiu com o rosto em terra.

Senaqueribe (2 Cr 32.9-20)

Depois disto, enquanto Senaqueribe, rei da Assíria, com todo o seu exército sitiava Laquis, enviou os seus servos a Ezequias, rei de Judá, que estava em Jerusalém, dizendo: [10] Assim diz Senaqueribe, rei da Assíria: Em que confiais vós, para vos deixardes sitiar em Jerusalém? [11] Acaso, não vos incita Ezequias, para morrerdes à fome e à sede, dizendo: O Senhor, nosso Deus, nos livrará das mãos do rei da Assíria? [12] Não é Ezequias o mesmo que tirou os

seus altos e os seus altares e falou a Judá e a Jerusalém, dizendo: Diante de apenas um altar vos prostrareis e sobre ele queimareis incenso?[13] Não sabeis vós o que eu e meus pais fizemos a todos os povos das terras? Acaso, puderam, de qualquer maneira, os deuses das nações daquelas terras livrar o seu país das minhas mãos?[14] Qual é, de todos os deuses daquelas nações que meus pais destruíram, que pôde livrar o seu povo das minhas mãos, para que vosso Deus vos possa livrar das minhas mãos?[15] Agora, pois, não vos engane Ezequias, nem vos incite assim, nem lhe deis crédito; porque nenhum deus de nação alguma, nem de reino algum pôde livrar o seu povo das minhas mãos, nem das mãos de meus pais; quanto menos vos poderá livrar o vosso Deus das minhas mãos?[16] Os seus servos falaram ainda mais contra o Senhor Deus e contra Ezequias, seu servo.[17] Senaqueribe escreveu também cartas, para blasfemar do Senhor, Deus de Israel, e para falar contra ele, dizendo: Assim como os deuses das nações de outras terras não livraram o seu povo das minhas mãos, assim também o Deus de Ezequias não livrará o seu povo das minhas mãos.[18] Clamaram os servos em alta voz em judaico contra o povo de Jerusalém, que estava sobre o muro, para os atemorizar e os perturbar, para tomarem a cidade.[19] Falaram do Deus de Jerusalém, como dos deuses dos povos da terra, obras das mãos dos homens.[20] Porém o rei Ezequias e Isaías, o profeta, filho de Amoz, oraram por causa disso e clamaram ao céu.

Nabucodonosor (Dn 4.29-37)

Ao cabo de doze meses, passeando sobre o palácio real da cidade de Babilônia,[30] falou o rei e disse: Não é esta a grande Babilônia que eu edifiquei para a casa real, com o meu grandioso poder e para glória da minha majestade?[31] Falava ainda o rei quando desceu uma voz do céu: A ti se diz, ó rei Nabucodonosor: Já passou de ti o reino.[32] Serás expulso de entre os homens, e a tua morada será com os animais do campo; e far-te-ão comer ervas

como os bois, e passar-se-ão sete tempos por cima de ti, até que aprendas que o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens e o dá a quem quer.[33] No mesmo instante, se cumpriu a palavra sobre Nabucodonosor; e foi expulso de entre os homens e passou a comer erva como os bois, o seu corpo foi molhado do orvalho do céu, até que lhe cresceram os cabelos como as penas da águia, e as suas unhas, como as das aves.[34] Mas ao fim daqueles dias, eu, Nabucodonosor, levantei os olhos ao céu, tornou-me a vir o entendimento, e eu bendisse o Altíssimo, e louvei, e glorifiquei ao que vive para sempre, cujo domínio é sempiterno, e cujo reino é de geração em geração.[35] Todos os moradores da terra são por ele reputados em nada; e, segundo a sua vontade, ele opera com o exército do céu e os moradores da terra; não há quem lhe possa deter a mão, nem lhe dizer: Que fazes?[36] Tão logo me tornou a vir o entendimento, também, para a dignidade do meu reino, tornou-me a vir a minha majestade e o meu resplendor; buscaram-me os meus conselheiros e os meus grandes; fui restabelecido no meu reino, e a mim se me ajuntou extraordinária grandeza.[37] Agora, pois, eu, Nabucodonosor, louvo, exalço e glorifico ao Rei do céu, porque todas as suas obras são verdadeiras, e os seus caminhos, justos, e pode humilhar aos que andam na soberba.

Herodes (At 12.20-23)

Ora, havia séria divergência entre Herodes e os habitantes de Tiro e de Sidom; porém estes, de comum acordo, se apresentaram a ele e, depois de alcançar o favor de Blasto, camarista do rei, pediram reconciliação, porque a sua terra se abastecia do país do rei. [21] Em dia designado, Herodes, vestido de trajo real, assentado no trono, dirigiu-lhes a palavra; [22] e o povo clamava: É voz de um deus, e não de homem! [23] No mesmo instante, um anjo do Senhor o feriu, por ele não haver dado glória a Deus; e, comido de vermes, expirou.

No contexto do livro de Provérbios os termos contrastantes: "humildade" e "arrogância" ocorrem com muita frequência.

Mas um fato a se observar é que eles ocorrem sempre dentro do contexto das interações humanas. Dessa forma para se conhecer quem é o sábio, o autor de Provérbios põe no cenário, como figura contrastante, o insensato. Da mesma forma o injusto será contrastado com o justo; o rico com o pobre; o escravo com o príncipe.

O SÁBIO *VERSUS* O INSENSATO

Em Provérbios 11.2, lemos: "Em vindo a soberba, sobrevém a desonra, mas com os humildes está a sabedoria". Matthew Henry comentando Provérbios 11.2, destaca:

> O orgulho é uma vergonha para o homem, o qual foi formado do pó da terra, vive de esmola, já que depende de Deus em tudo e, com o orgulho perde o direito de possuir tudo o que tem. O altivo se faz a si mesmo depreciável; é um pecado porque Deus, com muita frequência, abate os homens ao nível mais baixo, como fez com Nabucodonosor e Herodes, cuja vergonha veio imediatamente depois de sua vanglória. Assim como o orgulho é necedade, pois, acaba em desonra, *com os humildes está a sabedoria.* O vocábulo hebraico para "humilde" só ocorre aqui e em Miqueias 6.8, porção sublime.[3]

Por outro lado, "o orgulhoso", observa Derek Kidner, "é colocado entre os piores pecadores em Provérbios, sendo o primeiro na lista das "sete abominações" em 6.17, e sua condenação é garantida com a do adúltero (6.29), o qual faz juramento falso (19.5), e outros pecadores dos mais destacados, embora ele possa "dar graças a Deus" por não se assemelhar a eles (...) o mal especial do orgulhoso e que se opõe aos primeiros princípios da sabedoria (o temor do Senhor e os dois grande mandamentos. O orgulhoso, portanto, está mal consigo mesmo (8.36), com seu próximo (13.10) e com o Senhor (16.5). Por isso, a ruína pode chegar, apropriadamente, de qualquer direção".[4]

O JUSTO *VERSUS* O INJUSTO

Justiça e humildade

Nos Provérbios a humilde é característica de uma pessoa sensata, modesta e mansa e por isso sabe que a justiça é de origem divina (Pv 29.26); que ela exalta as nações (Pv 14.34); livra da morte (Pv 10.2); guarda o que anda em integridade (Pv 13.6); é amada por Deus (Pv 15.9) e por isso deve ser exercitada (Pv 21.3).

Comentando Provérbios 14.34, Antonio Neves de Mesquita destaca:

> O pecado é o opróbrio dos povos. Aqui está toda a sabedoria de Provérbios. O pecado, sempre o pecado, que cria o invejoso, o prepotente, o opressor e toda essa coorte de sinistros elementos que infelicitam a vida. A falta de justiça na terra também resulta do pecado. Todo o mal é produto ou subproduto do pecado na vida. A seguir vem o texto áureo deste capítulo. A justiça exalta as nações... Há um folheto publicado por Howard Hoton sobre o título A Justiça Exalta as Nações (...) é um estudo socioeconômico das nações antigas e modernas a respeito das suas práticas de justiça social. No conceito desse autor citado, só a Justiça é capaz de dar aos povos a paz e harmonia que desejam, e essa justiça só pode vir do uso e prática da Bíblia. Fora dela não há justiça possível, nos termos em que a mesma Bíblia compreende. Os povos mais justos do mundo são os mais prósperos e os mais pacíficos, porém os menos justos são os mais pobres e os menos pacíficos.[5]

Em seu comentário do Livro de Provérbios, Warren W. Wiersbe destaca: "Vários teólogos acreditam que o orgulho é o "pecado dos pecados", pois foi o orgulho eu transformou um anjo no Diabo (Is 14.12-15). As palavras de Lúcifer "serei semelhante ao Altíssimo" (v.14), foram um desafio ao próprio trono de Deus e, no jardim do Éden, transformaram-se na declaração "como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal" (Gn 3.5). Eva acreditou nessas palavras,

e o restante da história é conhecido. "Glória ao homem nas maiores alturas" — esse é o grito de guerra da humanidade orgulhosa e ímpia que continua desafiando Deus e tentando construir o céu na terra (11.1-9; Ap 18). Quanto ao soberbo e presumido, zombador é o seu nome; procede com indignação e arrogância (Pv 21.24). "Antes da ruína, gaba-se o coração do homem, e diante da honra vai a humildade" (Pv 18.12, ARA; ver 29.23). Deus aborrece "olhos altivos" (6.16,17) e promete destruir "a casa dos soberbos" (15.25). Quase todo cristão sabe Provérbios 16.18 de cor, mas nem todos nós atentamos para o que esse versículo diz:

"A soberba precede a ruína, e altivez do espírito precede a queda".[6]

O RICO *VERSUS* O POBRE

Riqueza e arrogância

O rico orgulhoso[7]

"Vive do jeito que gosta
Pisando sobre os pequenos,
Levando o mundo nas costas
E vomitando veneno.
Mas quando a hora é chegada
E a morte dele se agrada,
Nem mesmo o doutor socorre,
Não tem orgulho que empate,
O seu cachimbo ele bate
Do jeito que os pobres morrem.
Quando um orgulhoso morre,
Se alguém tem pena e perdoa,
Depois que a notícia corre,
Outro diz: ô coisa boa!
Ele agora vai pagar.
Já outro diz, de acolá:

Cadê tanta soberbia
E tanta perversidade?
Toma, bicho sem piedade,
Era o que você queria!

A riqueza passa a ser estimada pelo próprio Deus quando atende aos seus propósitos: "O que oprime ao pobre insulta aquele que o criou, mas a este honra o que se compadece do necessitado" (Pv 14.31, ARA). Nesse aspecto, riqueza e humildade podem até mesmo andarem juntas: "O galardão da humildade e o temor do Senhor são riquezas, e honra, e vida" (Pv 22.4)

R. N. Champlin destaca que "em contraste com a situação dos pobres, devemos considerar o caso do homem arrogante, que não tem medo da face de ninguém. Ele se pavoneia como se fosse um galo, emitindo o seu cântico tolo. Ele pode dar a outros respostas duras e apimentadas, sem temer o que possam fazer e sem se importar se eles gostam ou não do que ele faz. Portanto, bendito seja o dinheiro! Os ricos respondem duramente aos pobres, quando estes querem dinheiro. Talvez seja essa a principal questão tencionada nessas respostas. O pobre é mal recebido quando se dirige ao rico, para pedir-lhe que aumento seu salário, que lhe dê um empréstimo ou alguma importância em dinheiro para alguma necessidade especial. "A pobreza gera a impotência e a humildade; as riquezas geram a autossuficiência e a arrogância" (Fausset, in loc.).[8]

Os versículos 11 de Provérbios 28 é entendido pelo *Comentário Beacon* da seguinte forma: "A presunção do rico é o tema do versículo 11. O homem arrogante pensa que a sua habilidade para os negócios é uma indicação de sabedoria superior, mas o pobre consegue perceber coisas por trás das limitações desse homem e possuir a verdadeira sabedoria e segurança (veja comentário de 18.11)".[9]

Lawrence O. Richards destaca em seu comentário o que chama de "vantagens de ser pobre":

1. Os pobres sabem que têm necessidade urgente de redenção.
2. Os pobres conhecem não somente a sua dependência de Deus e de pessoas poderosas, como também a sua dependência dos outros.
3. Os pobres descansam na sua segurança, não em coisas, mas em pessoas.
4. Os pobres não têm um sentimento exagerado sobre a sua própria importância, nem uma necessidade exagerada de privacidade.
5. Os pobres esperam pouco da competição, e muito da cooperação.
6. Os pobres podem distinguir entre as necessidades e os supérfluos.
7. Os pobres podem esperar, porque adquiriram um tipo de paciência tenaz, nascida da dependência reconhecida.
8. Os medos dos pobres são mais realistas e menos exagerados, porque eles já sabem que é possível sobreviver a grandes sofrimentos e necessidades.
9. Quando o evangelho é pregado aos pobres, fica bastante claro que são as Boas-Novas, e não uma ameaça ou uma repreensão.
10. Os pobres podem responder ao chamado do evangelho com certo abandono e uma totalidade descomplicada, porque têm muito pouco a perder, e estão dispostos a tudo.[10]

O PRÍNCIPE *VERSUS* O ESCRAVO

Em seu *Comentário Devocional da Bíblia,* o expositor bíblico Lawrence O. Richard, discorre sobre o sentido de Provérbios 31.1-9:

> Esses versículos de conselho, dados por um rei que escrevia sob o pseudônimo de Lemuel, revelam uma visão elevada da responsabilidade real. O rei é servo do seu povo, e deve proteger os oprimidos e julgar com justiça. A indulgência pessoal "não é própria dos reis". Eles devem despender a sua força e o seu vigor servindo ao seu povo, não procurando mulheres ou embriagando-se.
>
> Essas palavras de uma mãe nos lembram de que devemos considerar toda autoridade no contexto da servidão. O homem, que é o "cabeça da casa", como o rei desses versículos, não deve usar a sua autoridade para explorar ou "dominar" a sua esposa, mas para servir tanto a ela, como aos filhos que tiver com ela.[11]

Dessa forma, através da sabedoria o rei justo deveria promover o bem-estar social: "O rei justo sustém a terra, mas o amigo de impostos a transtorna" (Pv 29.4, ARA). Quando esse governante não teme a Deus, mas age de forma perversa e arrogante o povo logo sente os reflexos: "Quando se multiplicam os justos, o povo se alegra, quando, porém, domina o perverso, o povo suspira" (Pv 29.2, ARA). Por isso o governante sábio dará atenção especial aos mais humildes: "O rei que julga os pobres com equidade firmará o seu trono para sempre" (Pv 29.14, ARA).

NOTAS

[1] Hoje há uma farta literatura de autoajuda escrita a partir dos escritos de Nietzsche. Alguns teólogos querem cristianizar a filosofia Nietzschiana, todavia a acidez da filosofia desse pensador torna essa missão praticamente impossível.

[2] GONÇALVES, José. **Por que Caem os Valentes.** Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

[3]HENRY, Matthew. **Comentario Bíblico de Matthew Henry** — traducido y adaptado al castelano por Francisco Lacueva. 13 tomos en 1 — obra completa sin abreviar. Barcelona, Espanha: Editorial CLIE.

[4] KIDNER, Derek. **Provérbios — introdução e comentário.** São Paulo: Vida Nova.

[5] MESQUITA, Antonio Neves. **Estudo no Livro de Provérbios — princípios para uma vida feliz.** Rio de Janeiro: JUERP.

[6] WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo — poéticos.** Rio de Janeiro: Central Gospel.

[7]ASSARÉ, Patativa. **Cante Lá que eu Canto Cá — filosofia de um trovador nordestino.** 14ª edição, Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

[8] CHAMPLIN, R.N. **O Velho Testamento Interpretado Versículo por Versículo.** Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

[9] CHAMPMAN, Milo L, PURKISER, W.T *et al.* **Comentário Bíblico Beacon — vol. 3** — Jó a Cantares de Salomão. Rio de Janeiro: CPAD.

[10] RICHARDS, Lawrence, O. **Comentário Devocional da Bíblia.** Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

[11]RICHARDS, Lawrence, O. **Comentário Devocional da Bíblia.** Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

8

A Mulher Virtuosa

Pv 31.10-31

10 Mulher virtuosa, quem a achará? O seu valor muito excede
o de finas joias.11 O coração do seu marido confia nela, e não
haverá falta de ganho.12 Ela lhe faz bem e não mal, todos os
dias da sua vida.13 Busca lã e linho e de bom grado trabalha
com as mãos.14 É como o navio mercante: de longe traz o seu
pão.15 É ainda noite, e já se levanta, e dá mantimento à sua
casa e a tarefa às suas servas.16 Examina uma propriedade e
adquire-a; planta uma vinha com as rendas do seu trabalho.17
Cinge os lombos de força e fortalece os braços.18 Ela percebe
que o seu ganho é bom;a sua lâmpada não se apaga de noite.19
Estende as mãos ao fuso, mãos que pegam na roca.20 Abre a
mão ao aflito; e ainda a estende ao necessitado.21 No tocante
à sua casa, não teme a neve,pois todos andam vestidos de
lã escarlate.22 Faz para si cobertas,veste-se de linho fino e de
púrpura.23 Seu marido é estimado entre os juízes, quando se
assenta com os anciãos da terra.24 Ela faz roupas de linho fino,
e vende-as, e dá cintas aos mercadores.25 A força e a dignidade
são os seus vestidos, e, quanto ao dia de amanhã, não tem
preocupações.26 Fala com sabedoria, e a instrução da bondade
está na sua língua.27 Atende ao bom andamento da sua casa e

não come o pão da preguiça.[28] Levantam-se seus filhos e lhe chamam ditosa; seu marido a louva, dizendo:[29] Muitas mulheres procedem virtuosamente, mas tu a todas sobrepujas.[30] Enganosa é a graça, e vã, a formosura, mas a mulher que teme ao Senhor, essa será louvada.[31] Dai-lhe do fruto das suas mãos, e de público a louvarão as suas obras.

Vez por outra cito alguma poesia nos meus escritos. Sou admirador dos poetas porque eles são sensíveis à realidade da vida e conseguem expressar isso como ninguém. Davi foi rei, profeta e também poeta. Com certeza seu filho Salomão sofreu a influência benéfica dessa herança. O livro de Provérbios é de natureza sapiencial e também poética. Uma das mais belas poesias é essa registrada no capítulo 31 de Provérbios onde as qualidades de uma mulher virtuosa são exaltadas.

A Mulher Virtuosa como Esposa

Acerca da Mulher Virtuosa, Provérbios 31.11 (ARA) diz: "O coração do seu marido confia nela, e não haverá falta de ganho". Um dos pilares de todo relacionamento duradouro é a confiança. Sem confiança não existe casamento equilibrado. O texto de Provérbios destaca que o marido da mulher virtuosa confia nela. Observamos que o vocábulo hebraico *batach,* traduzido como *confiar* mantém o significado de *sentir-se seguro, estar despreocupado.*

A prática pastoral nos mostra que um dos grandes problemas enfrentados por casais está na falta de confiança por parte dos cônjuges. Em muitos casos trata-se apenas de um ciúme possessivo, mas em outros percebe-se que um dos cônjuges permitiu que intrusões externas provocasse esse sentimento. O que deve ser dito é que os cônjuges devem ser sinceros um com o outro e não admitir que se criem situações que provoquem desconfiança no outro. O melhor é detectar o problema ainda no início e pedir ajuda ao parceiro. Geralmente as mulheres são mais sensíveis no

relacionamento e percebem quando há algum elemento ameaçador ao relacionamento. Nesse caso elas dão o alerta.

A escritora Cristiane Cardoso em seu livro *A Mulher "V" — moderna à moda antiga,* comentando sobre a mulher virtuosa de Provérbios 31, destaca:

> O marido da Mulher V confia nela porque ele sabe que pode confiar. Uma mulher confiável não precisa convencer as pessoas de que podem confiar nela; o seu comportamento diário diz praticamente tudo. Você é capaz de dizer se uma pessoa é madura ou não apenas pelo seu jeito de falar. Ela tem segurança para olhar nos seus olhos enquanto fala. Pode até ser tímida, mas sempre faz aquilo que precisa ser feito; é responsável com os seus afazeres. É por isso que a Mulher V não tem necessidade de coisa alguma, e nem deixa que sua família tenha. Ela pensa em si e na sua família como se fossem um só. Se a sua família está enfrentando dificuldades financeiras, ela não fica apenas esperando que as coisas melhorem — ela providencia para a sua família.

Seus planos, seus desejos, sua própria vida não são a sua prioridade. E, por causa disso, seu marido confia nela. Ele se sente seguro por estarem ambos no mesmo barco e por ele estar não remando sozinho. Sua esposa não apenas põe as necessidades de sua família em primeiro lugar como economiza — o que, para muitas mulheres, é coisa de outro mundo.[1]

A Necessidade de Ser Admirada

O texto de Provérbios 28.29 diz: "Seu marido a louva, dizendo: Muitas mulheres procedem virtuosamente, mas tu a todas sobrepujas". A psicologia vai nos mostrar que homens e mulheres são diferentes não apenas quanto ao corpo, mas também na personalidade. Vejamos algumas dessas diferenças:

Necessidades Amorosas Primordiais de Homens e Mulheres[2]

Mulheres necessitam receber	Homem necessitam receber
1. Carinho	1. Confiança
2. Compreensão	2. Aceitação
3. Respeito	3. Apreço
4. Devoção	4. Admiração
5. Validação	5. Aprovação
	6. Encorajamento

O quadro acima revela que a mulher é bem diferente do homem em seu lado emocional. Ela precisa de afeto, amor, compreensão e carinho (1 Pe 3.7).

Aos Maridos: Formas de Demonstrar Amor e Respeito por suas Esposas

Para que possamos valorizar nossas esposas, John Gray, psicólogo e respeitado conselheiro matrimonial, mostra como os maridos devem marcar pontos com a esposa.

1. Ao chegar em casa, encontre-a antes de fazer qualquer outra coisa e dê-lhe um abraço.

2. Faça-lhe perguntas específicas sobre o dia dela que indiquem que você sabe o que ela estava planejando fazer. Por exemplo: como foi o seu dia hoje no trabalho?

3. Traga-lhe flores de surpresa, bem como em ocasiões especiais.

4. Ofereça-se para ajudar no jantar ou prepare o café da manhã.

5. Faça elogios à aparência dela.

6. Quando você se atrasar, ligue para ela e avise.

7. Ofereça-se para jogar o lixo fora.

8. Quando ela falar com você, abaixe a revista ou desligue a televisão e dê-lhe sua atenção.

9. Se ela geralmente lava a louça, ocasionalmente ofereça-se para lavar a louça, especialmente se ela estiver cansada.

10. Quando sair, pergunte se tem alguma coisa que ela quer que você compre.

11. Dê-lhe quatro abraços por dia.

12. Ligue do trabalho para perguntar como ela está ou partilhar alguma coisa que demonstre intimidade ou dizer: "Eu te amo!"

13. Diga-lhe "eu te amo" pelo menos duas vezes ao dia.

14. Faça a cama e arrume o quarto.

15. Fique do lado dela quando ela estiver aborrecida com alguém.

16. Ofereça-se para dar-lhe uma massagem nas costas, nos pescoço ou nos pés (ou todas as três).

17. Faça questão de acariciar ou ser afetuoso algumas vezes sem ser sensual.

18. Não aperte o controle remoto para canais diferentes quando ela estiver assistindo com você.

19. Mostre afeto público.

20. Seja compreensivo quando ela se atrasar ou decidir trocar de roupa.

21. Preste atenção mais nela do que nos outros em público.

22. Faça com que ela seja mais importante do que as crianças. Deixe que as crianças a vejam recebendo sua atenção primeiro e antes de tudo.

23. Compre-lhe pequenos presentes — como caixas de chocolates ou perfume.

24. Tire fotos dela em ocasiões especiais.

25. Deixe que ela veja que você carrega uma foto dela na sua carteira e atualize-a de vez em quando.

26. Escreva um recado ou faça um cartaz em ocasiões especiais como aniversários.

27. Dirija devagar e com segurança, respeitando as preferências dela. Afinal de contas, ela está impotentemente sentada no banco da frente.

28. Surpreenda-a com um bilhete de amor ou um poema.

29. Trate-a como você fazia no começo do relacionamento.

30. Ofereça-se para afiar as facas da cozinha.

31. Leia em voz alta ou recorte seções no jornal que interessariam a ela.

32. Mantenha o chão do banheiro limpo e enxugue-o logo após o banho.

33. Abra a porta para ela.

34. Quando ela preparar uma refeição, elogie sua culinária.

35. Quando estiver ouvindo-a falar, use contato visual.

36. Toque-a com sua mão algumas vezes quando conversar com ela.

37. Mostre interesse pelo que ela faz durante o dia, pelos livros que lê e pelas pessoas com quem se relaciona.

38. Se ela esteve doente de alguma forma, pergunte como ela está se sentindo.

39. Se ela estiver cansada, ofereça-se para fazer um chá para ela.

40. Apronte-se para dormir junto com ela e vá para a cama ao mesmo tempo.

41. Dê-lhe um beijo e se despeça quando você sair.

42. Ria das piadas e do humor dela.

43. Diga obrigado verbalmente quando ela faz coisas para você.

44. Observe quando ela faz o cabelo e faça um comentário reafirmador.

45. Deixe a tampa do vaso sanitário abaixada.[3]

A Mulher Virtuosa como Mãe

A mulher tem sua participação na criação de valores dos filhos, mas essa missão não é somente dela. Educar tomando por base os valores é uma missão do casal. Em seu livro *Quem Ama Educa,* o psiquiatra e educador Içami Tiba escreve sobre a "missão ética" que o casal tem em relação aos filhos:

"Quando o filho não respeita os pais e estes nada fazem, ele se sente autorizado a desrespeitá-los. Isso dá poder ao filho, desencadeando a inversão de valores.

Quando os pais fazem, mesmo por amor, os deveres do filho, são antiéticos. Quem está sendo enganado? Quem é o principal prejudicado?

Quando os pais arrumam a bagunça do filho, estão criando um folgado. Não é ético ser folgado, porque sempre há alguém sufocado debaixo dele. Se o filho joga lixo no chão e a casa está limpa, o sufocado pegou esse lixo por ele.

Falar mal da mãe ou do pai ausente, além de não agradar à criança, é prejudicial à educação ética porque gera insegurança e consequentes danos à autoestima. Além disso, prejudica a educação da criança, que absorve esse costume do "como somos". Lembre-se: quem fala mal de um para o outro, quando encontra um terceiro pode também falar mal do outro.

Evitem mentir ou dar desculpas esfarrapadas na frente da criança e muito menos pedir-lhe ajuda para esse fim. Assim, evita-se a criação de um mentiroso, um dos primeiros estágios da delinquência".[4]

A Mulher Virtuosa como Trabalhadora

"A mulher que Deus descreve em Provérbios 31", observa Jaime Kemp, "tinha serva (v. 15). Certamente, não há nada de errado em recebermos ajuda de uma pessoa. Porém, observe que ela não deixava de se envolver com o bom andamento da casa — ela controlava as atividades e a atmosfera do seu lar.

Se temos alguém que nos ajuda em casa, precisamos ter cuidado para que isso não seja uma tentação, uma porta aberta para fugirmos e deixarmos os nossos filhos e as nossas obrigações nas mãos de outra pessoa. Devemos aproveitar a ajuda que recebemos para fazer coisas "especiais" para a nossa família; para estar disponível quando os nossos filhos precisarem de nós; para procurar meios criativos de ajudar nossos maridos".[5]

Por outro lado, Lawrence Richards ao comentar sobre o lado empreendedor da Mulher Virtuosa destaca que:

> O que é surpreendente sobre a descrição de Provérbios 31 é o fato de contradizer tão vigorosamente a opinião de alguns cristãos de que uma boa esposa deve ficar em casa, ter bebês e se ocupar do trabalho de casa. Provérbios 31 nos mostra uma mulher do Antigo Testamento que é, na verdade, uma mulher de negócios, que usava ao máximo os seus talentos e as suas capacidades, e realizava o mesmo tipo de tarefas que os homens daquela sociedade realizavam.
>
> A mulher virtuosa"do Antigo Testamento não é a mulher silenciosa e subserviente que tantos cristãos imaginam, mas uma mulher decidida e realizada, cujo sucesso a revestiu "de força e glória" e que se sabe que fala "com sabedoria", pois "a lei da beneficência está na sua língua.[6]

Em seu comentário do livro de Provérbios, Antonio N. Mesquita destaca:

> Parece que o marido dessa mulher ocupava um lugar destacado junto às portas da cidade, onde eram decididos os assuntos menos graves entre o povo. Os maiores eram levados ao rei. Esse marido é estimado *entre os juízes,* pois uma mulher assim honra o seu marido em qualquer posição social. Era costume primitivo entre os orientais assentarem-se os homens de respeitabilidade à porta de entrada das cidades e ali

eram decididas queixas de uns contra os outros. Foi à porta da cidade que os anjos encontraram Ló (Gn 19.1).[7]

A Mulher Virtuosa como Serva de Deus

Comentando os versículos 30 e 31 do livro de Provérbios, o expositor bíblico William MacDonald destaca:

> Aqui o autor concorda com a afirmação do marido. De fato, algumas mulheres são graciosas, porém não tem sabedoria; são formosas, porém insensíveis; *mas a mulher que teme ao Senhor,* conforme a descrição acima, será reconhecida publicamente por sua diligência, seu caráter nobre e suas surpreendentes realizações.
>
> É bastante adequado e digno de nota que Provérbios termine exaltando a mulher idônea. Três mulheres se destacaram nesse livro: a personificação da *sabedoria* e seu convite para o banquete, a mulher imoral ou *prostituta* e, por fim, a *mulher virtuosa* (ou esposa exemplar).[8]

Em seu comentário de Provérbios 31, o expositor bíblico F. B. Mayer conclui:

> A mulher ideal, aqui retratada, é uma esposa. Ela é o apoio e a segurança do seu marido. Não somente quando chega à sua casa, ainda recém-casada, na glória e beleza de sua mocidade, não somente quando sua beleza feminina prova a admiração dele, mas, muito depois e até ao fim da vida ela lhe faz bem. Ela está sempre atarefada. É econômica na administração dos rendimentos dele. Se ele traz o dinheiro para ela, gasta-o economicamente visando o bem-estar de ambos.
> É no lar que o homem acumula forças para sua vida pública. No lar, a mulher lhe comunica a inspiração e a força que o fazem "estimado entre os juízes". Seu segredo: discreta lealdade,

sabedoria e economia inspiram crescente aprofundamento e apreciação, de modo que o homem que na primavera a escolheu dirá dela entre os flocos de neve da velhice: "Muitas mulheres procedem virtuosamente, mas *tu a todas sobrepujas*.[9]

NOTAS

[1] CARDOSO, Cristiane. **A Mulher V — moderna à moda antiga.** Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2013.

[2] Veja uma exposição completa sobre esse assunto no livro **Os Homens são de Marte e As Mulheres são de Vênus** e **Homens não Ouvem e Mulheres Falam Demais**.

[3] GRAY, John. **Os Homens São de Marte e as Mulheres são de Vênus**.

[4] TIBA, Içami. **Quem Ama Educa**. Gente: São Paulo.

[5] KEMP, Jaime. **Sua Família Pode ser Melhor.** Brasília: Palavra, 2007.

[6] RICHARDS, Lawrence. **Comentário Devocional da Bíblia**. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

[7] MESQUITA, Antonio Neves. **Estudo no Livro de Provérbios – princípios para uma vida feliz.** Rio de Janeiro: JUERP, 1979.

[8] MACDONALD, William. **Comentário Bíblico Popular — Antigo Testamento — versículo por versículo.** São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

[9] MAYER, F.B. **Comentário Bíblico F. B. Mayer.** Belo Horizonte: Betânia, 2002.

9

O Tempo para todas as Coisas

Ec. 3.1-8

[1]Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu: [2] há tempo de nascer e tempo de morrer; tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou; [3] tempo de matar e tempo de curar; tempo de derribar e tempo de edificar; [4] tempo de chorar e tempo de rir; tempo de prantear e tempo de saltar de alegria; [5] tempo de espalhar pedras e tempo de ajuntar pedras; tempo de abraçar e tempo de afastar-se de abraçar; [6] tempo de buscar e tempo de perder; tempo de guardar e tempo de deitar fora; [7] tempo de rasgar e tempo de coser; tempo de estar calado e tempo de falar; [8] tempo de amar e tempo de aborrecer; tempo de guerra e tempo de paz (Ec 3.1-8).

A nossa era já foi denominada pelos filósofos como sendo a "era do vazio" e das "incertezas". Isso tem uma explicação — com a rejeição da tradição implantada na cultura ocidental pelo cristianismo, a sociedade mergulhou num vazio sombrio e numa era de incertezas.

De repente o homem ocidental se encontrou sem valores, sem absolutos e sem a crença no Deus verdadeiro. A consequência disso tudo é percebida na relativização dos valores, visto na fragmentação da ética e rejeição de uma verdade absoluta. Não existe mais a Verdade, mas somente "verdades" e a história perde o seu sentido.

O livro de Eclesiastes mostra a experiência de alguém que também teve essa sensação. Procurando viver uma vida com intensidade, ele mergulhou profundamente em mundo contingente e sensual para somente depois descobrir que sem Deus tudo isso é perder tempo, mergulhar no vazio e correr atrás do vento.

Conhecendo o autor

Ao escrever sobre a autoria salomônica de Eclesiastes o escritor William McDonald destaca:

> A tradição judaica atribui a autoria de Eclesiastes a Salomão, e vários estudiosos cristãos ao longo dos séculos aceitaram essa interpretação até não muito tempo atrás. Essa evidência, aliada ao fato de que os argumentos linguísticos contrários à autoria salomônica têm sido seriamente desafiados por especialista em hebraico, leva-nos a optar pela autoria salomônica, conforme a sustenta o ponto de vista judaico-cristão tradicional.[1]

MacDonald ainda acrescenta os argumentos indiretos e diretos a favor da autoria salomônica de Eclesiastes:

> Uma vez que a opinião tradicional nunca foi totalmente refutada, a despeito do baixo nível de aceitação hoje em dia, entendemos ser apropriado continuar afirmando a autoria salomônica. Entre os indícios indiretos da autoria salomônica está a referência ao escritor como "filho de Davi, rei de Jerusalém" (Ec 1.1,12). Embora a palavra "filho" se refira a um descendente posterior, o termo adquire relevância quando combinado a detalhes diretos e conhecidos da biografia do rei Salomão.

> Muitos entendem a expressão "fui rei" (Ec 1.12; cf. NTLH, NVI, ARC e AR (exceto a ARA) como prova de que o escritor não era rei quando escreveu o livro e, portanto, não pode ser Salomão, uma vez que morreu ocupando o trono. Contudo, não se trata de uma inferência necessária. Salomão pode ter escrito o livro durante a velhice e haver usado a expressão em referência a seu passado.
> As referências históricas diretas em Eclesiastes se encaixam perfeitamente à vida de Salomão (e à de ninguém mais) : 1) Salomão era grande em sabedoria (1.16); 2) muito rico (2.8); 3) aproveitou a vida ao máximo; 4) tinha muitos servos (2.7); 5) ficou famoso por seus programas de construção e aprimoramentos (2.4-6).[2]

Salomão, portanto, autor de Eclesiastes, identifica-se como o "Pregador", termo que traduz o hebraico *qoheleth*. "Palavra do Pregador, filho de Davi, rei de Jerusalém" (Ec 1.1,12). A palavra "Pregador" deriva de *gahal,* um outro termo hebraico que possui o sentido de "reunião" ou "assembleia". A Septuaginta traduziu *qoheleth* pelo seu equivalente grego *ekklesia,* daí o nome *Eclesiastes.* Eclesiastes, portanto, é uma referência a alguém que fala ou discursa em uma reunião ou Assembleia — esse homem foi o sábio Salomão, que por esse tempo já estava velho e com uma visão mais realista da vida. De fato, as suas palavras, conforme registradas em Eclesiastes, embora retratem um período de declínio político, moral e econômico apontam para a única fonte de satisfação, realização e felicidade, Deus.

Data e canonicidade

Alguns intérpretes querem nos fazer crer que Eclesiastes foi escrito em meados do século III a.C. Acreditam que o livro revela a situação do contexto sócio-histórico do período interbíblico quando a Palestina estava sob o domínio do Ptolomeus. Nesse

período o centro administrativo do regime ptolomaico estava no Egito. Por outro lado, os intérpretes mais conservadores observam que esse livro é um relato dos fatos ocorridos aproximadamente 1000 a.C, período no qual o grande Salomão governava Israel. Como vimos, o próprio livro de Eclesiastes diz ser Salomão, rei de Jerusalém e filho de Davi, o autor desse livro: "Palavra do Pregador, filho de Davi, rei de Jerusalém" (Ec 1.1;12).

Propósito

Esse livro, juntamente com o livro de Provérbios, Cânticos, Jó e Salmos faz parte também do gênero literário conhecido como "Literatura Sapiencial" e também é atribuído a Salomão: "Palavra do Pregador, filho de Davi, rei de Jerusalém" (Ec 1.1). Embora tenha sido escrito pelo mesmo autor de Provérbios e mesmo pertencendo ao mesmo gênero literário, todavia o livro de Eclesiastes possui um estilo diferente. Eclesiastes assume o estilo de um discurso usado em assembleias ou templo. Alguns intérpretes acreditam que se trata de uma coletânea usada por Salomão em suas prédicas.

Ao contrário do que muitos pensam, Eclesiastes não expõe uma espécie de ceticismo ou desencanto com a vida. O livro revela a avaliação feita por alguém que teve o privilégio de viver a vida com intensidade e descobrir que a mesma é totalmente vazia se não vivida em Deus! A própria sabedoria tão ovacionada nos Provérbios é tida como tola quando usada para interesses pessoais e objetivos mesquinhos.

DISCERNINDO OS TEMPOS

A transitoriedade da vida

Um dos temas bem claro no livro de Eclesiastes é o da transitoriedade da vida. A vida é efêmera, passageira. Salomão está consciente disso: "Geração vai e geração vem; mas a terra permanece para sempre" (Ec 1.4). Sendo a vida tão curta, "que proveito tem o homem de todo o seu trabalho, com que se afadiga debaixo do sol?" (Ec 1.3).

É o que o Pregador procurará responder. Muitos procuram driblar e viver fugaz com as mais várias formas de satisfação. Há aqueles que acham que possuir muita sabedoria resolveria o problema (Ec 1.16-18; 2.12-16); enquanto outros buscam no prazer essa mesma resposta (Ec 2.1-3); ainda outros procuram compensar isso com uma vida cheia de posses (Ec 2.4-11) e por último há aqueles que buscam suas realizações no próprio trabalho (Ec 2.17-23). Tudo é vaidade! O centro de realização e satisfação não está nessas coisas.

Por sua vez a obra *The Pulpit Commentary* comenta Eclesiastes 1.4:

> *Geração vai e geração vem* — A tradução vez enfraquece a força do original, que é uma geração [que] vai e vem de uma geração. O homem é apenas um peregrino sobre a terra, ele logo passa, e os seu lugar é ocupado por outro (...) Embora a sucessão constante de gerações de homens passa, a terra permanece inalterada e imóvel. Se os homens fossem tão permanentes como é a sua morada, seu trabalho podia lucrar, mas como as coisas estão, o doloroso contraste entre os dois se faz sentir. O termo "para sempre", como o grego *eis ton aiona*, não implica necessariamente a eternidade, mas muitas vezes denota duração limitada ou condicionada, como quando o escravo é contratado para servir a um mestre "para sempre" (Êx 21,6), ou para as colinas que são chamadas de "eternas". Este versículo dá um exemplo de crescimento e decadência, em contraste com uma continuidade insensata.[3]

A eternidade de Deus

O pregador se refere a Deus cerca de 40 vezes em Eclesiastes, sempre o identificando pelo nome hebraico *helohim*, o Deus da criação. Isso é proposital visto que Salomão se refere com frequência aquilo que acontece "debaixo do sol". "Que proveito tem o homem de todo o seu trabalho, com que se afadiga debaixo do sol" (Ec 1.3,9,14; 2.18). É debaixo do sol que está a criação; é debaixo do

sol onde se encontra o homem. Mas o Pregador tem algo mais a dizer — ele quer deixar bem claro que há um contraste enorme entre a criação e o Criador, mais especificamente entre Deus e o homem. Deus é eterno, onipotente, autoexistente; enquanto o homem é mortal, transitório e limitado. Não deve, portanto, esse homem mortal se fixar apenas nas coisas dessa vida, já que o Deus eterno pôs no coração desse homem a eternidade. "Tudo fez Deus formoso no seu devido tempo; também pôs a eternidade no coração do homem, sem que este possa descobrir as obras que Deus fez desde o princípio até o fim (Ec 3.11).

O TEMPO E AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS

Na família

Nessa vida fugaz, Salomão tem uma palavra para as relações interpessoais no convívio familiar: "Vai, pois, come com alegria o teu pão e bebe gostosamente o teu vinho, pois Deus já de antemão se agrada das tuas obras. Em todo tempo sejam alvas as tuas vestes, e jamais falte o óleo sobre a tua cabeça. Goza a vida com a mulher que amas, todos os dias de tua vida fugaz, os quais Deus te deu debaixo do sol" (Ec 9.7-9, ARA).

O contexto não deixa dúvidas de que o ambiente aqui é festivo! As referências ao "pão", "vinho" (Ec 9.7), "vestes" e ao "óleo" (Ec 9.8) demonstram isso. O vinho era usado em ocasiões especiais pelos orientais (Gn 9.20; Dt 7.13; Ne 2.1; Jo 2.3; Mt 11.19), enquanto o óleo era usado também como perfume (Am 6.6; Ct 1.3; 2 Sm 14.2; Sl 104.15). É uma festa, mas é uma festa em família. Isso fica bem claro pela presença da esposa, "a mulher que amas" (Ec 9.9). É uma festa onde se usa a melhor roupa e o melhor perfume! A metáfora é bem clara para nós hoje: A família cristã, como o bom perfume de Cristo e sem necessitar recorrer ao uso de bebidas alcoólicas para se alegrar (Ef 5.18), deve viver com intensidade o relacionamento interpessoal.

Infelizmente o que encontramos em muitos lares não é esse ambiente festivo, mas uma verdadeira guerra. Todos se encontram entrincheirados e ninguém quer ceder. Há uma bela história bíblica que ilustra o que estou dizendo. Encontra-se em 1 Samuel 25.1-37. O versículo 23 diz: "Vendo, pois, Abigail a Davi, apressou-se, desceu do jumento e prostrou-se sobre o rosto diante de Davi, inclinando-se até à terra" (1 Sm 25.23).

Para salvar seu casamento Abigail, esposa de Nabal, precisou descer do jumento. Por que muitos casamentos fracassam? Porque ninguém quer descer do jumento. A pergunta que fazemos é: por que Abigail precisou descer do jumento:

1. Porque ela possuía um homem, mas não um marido (1 Sm 25.2)

2. Infelizmente os lares possuem um homem, que sabe comprar arroz e feijão para dentro de casa, mas nada sabem sobre relacionamento familiar. Estão sempre mal-humorados, não possuem afetividade com a esposa e muito menos com os filhos.

3. Porque ela possuía uma casa, mas não um lar (1 Sm 25.7)

Abigail e Nabal viviam debaixo do mesmo texto, mas isso não é garantia de que eles possuíssem um lar. Um lar é muito mais do que isso. Um lar é convívio, relacionamento, amizade, compreensão e perdão. É amor.

4. Porque ela sabia que possuía posses, mas não prosperidade (1 Sm 25.2).

Nabal era rico, possuía muitos bens, mas isso não significava que era próspero. Ter posses não significa necessariamente ter prosperidade. Alguém pode ser muito rico, mas pobre nos relacionamentos, na comunhão com Deus e pobre também dentro do lar.

5. Porque possuíam tradição religiosa, mas não comunhão com Deus (1 Sm 25.3).

O texto diz que Nabal era da casa de Calebe, uma das tribos importantes de Israel e que possuía uma tradição religiosa muito forte. Sem dúvida, Nabal e Abigail também eram religiosos, mas a forma como Nabal vivia no seu lar mostra que era somente tradição religiosa que ele possuía. Não havia comunhão com Deus. Infelizmente é isso que ocorre em muitos lares. São protestantes, vão à igreja aos domingos, mas não passa de uma tradição religiosa.

6. Porque possuíam vizinhos, mas não amigos (1 Sm 25.7,11).

O texto deixa claro que Nabal era um homem incomunicável. Era difícil lhe dirigir a palavra. Com certeza possuía vizinhos, mas não amigos.

7. Porque havia sexo, mas não intimidade (1 Sm 25.19).

O texto deixa claro que Abigail foi procurar Davi às escondidas. Por quê? Ela simplesmente não conseguia se comunicar com ele e essa falta de comunicação com certeza estava com eles no quarto de dormir. Havia sexo, mas não havia intimidade que um casal precisa para se relacionar.

8. Porque havia submissão, mas não havia amor (1 Sm 25.25).

O texto diz que Abigail se referiu a Nabal como "um filho de Belial". Quando a esposa já não consegue falar com afeto do esposo, mas com certo amargor, rancor, etc., é porque o amor já foi embora faz tempo. O casamento é apenas uma fachada.

No trabalho

O trabalho nunca deve ser um fim em si mesmo, portanto se frustra quem pensa dessa forma. Quando o trabalho, e não Deus, é o centro de tudo, então ele se transforma em fadiga (Ec 5.17).

Mas o Pregador irá mostrar que esse trabalho, quando deixa de ser um fim em si mesmo, passa a ter um sentido na nossa existência. Nesse sentido o trabalho se torna algo prazeroso e não pesaroso. "Eis o que eu vi: boa e bela coisa é comer e beber e gozar cada um do bem de todo o seu trabalho, com que se afadigou debaixo do sol, durante os poucos dias da vida que Deus lhe deu; porque esta é a sua porção. Quanto ao homem a quem Deus conferiu riquezas e bens e lhe deu poder para deles comer, e receber a sua porção, e gozar do seu trabalho, isto é dom de Deus" (Ec 5.18,19). A palavra hebraica *samach,* traduzida aqui como "gozar", possui o sentido de *regozijar, estar alegre.* O nosso local de trabalho deve ser um lugar alegre, fruto das relações interpessoais sadias.

Lemos no comentário dos Expositores da Bíblia:

> Tradicionalmente o assaltante exige: *'O seu dinheiro ou sua vida!'* O Pregador (Salomão) descreveu aqueles que preferem perder a vida do que perder o dinheiro. Podemos então ter a vida em primeiro lugar e em segundo encontrar um lugar para o dinheiro? Sim, se levarmos a vida diariamente diante de Deus e procurar saber o seu plano, até onde ele pode ser conhecido. Devemos estar dispostos a trabalhar (v.18). Uma vez que a maioria dos trabalhos era construtivo e muitas vezes criativo. Hoje muitos de nós estão envolvidos em atividade monótona, que um Salomão moderno citaria como outro exemplo de frustração. Devemos também olhar para os usos construtivos de lazer — atividade que pode não trazer muito dinheiro, mas vai trazer maior gozo, que o Pregador tem em mente. Portanto, é correto orar e olhar para o trabalho que irá produzir o suficiente para viver, podendo então desfrutar de uma boa consciência, porque são coisas que Deus nos dá para apreciar (1 Tm 6.17).[4]

ADMINISTRANDO BEM O TEMPO

Evitando o falso saber e o hedonismo

Buscar o conhecimento tem sido o alvo do homem através dos séculos. Salomão também se empreendeu nessa busca (Ec 1.17,18). A conclusão é clara: quem aumenta o conhecimento aumenta a consciência do mundo a seu redor e com isso um sentimento de impotência por não poder melhorar a natureza das coisas. A busca do conhecimento como um objeto de realização pessoal conduz à frustração. É um falso saber.

Da mesma forma a busca do prazer em si, configura-se simplesmente uma prática hedonista (Ec 2.1-3). Pode ser a busca de satisfação no álcool, drogas, sexo, etc. Tudo terminará com um sentimento de vazio e frustração. Quem beber dessa água tornará a ter sede" (Jo 4.13)

Lembro-me de um velho obreiro que pastoreou a igreja de Altos, Piauí há muitos anos. Era um pastor simples, quase analfabeto. Mas era um homem sábio. Havia naquela cidade uma jovem, não convertida ao evangelho e que pertencia à alta sociedade. Gabava-se de ser muito culta. Possuía muito conhecimento, mas não era sábia. Ela resolveu então experimentar o velho pastor. Fez-lhe então uma pergunta, achando que iria deixá-lo embaraçado.

— O senhor conhece quantas línguas?

— Pelos menos umas cinco — respondeu o velho pastor.

Admirada com a resposta, a jovem interpelou:

— Como assim?

— Conheço língua de gente, língua de porco, língua cavalo, língua de ovelha e língua de vaca — respondeu o sábio homem.

Evitando a falsa prosperidade e o ativismo

Em Eclesiastes 2.4-11, Salomão desilude quem quer buscar nos bens terrenos a razão para uma vida satisfeita. A falsa prosperidade se

revela na corrida desenfreada para acumular riquezas; para alcançar altas posições no mundo político , civil e eclesiástico; na busca por notoriedade e fama. Tudo isso, conclui o Sábio, é correr atrás do vendo.

No livro de minha autoria: *A Prosperidade a Luz da Bíblia*, citei Zygmunt Bauman. Em seu livro *Vida para Consumo — a transformação das pessoas em mercadoria,* esse sociólogo polonês, escreveu:

> Na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável. A 'subjetividade' do "sujeito", e a maior parte daquilo que essa subjetividade possibilita ao sujeito atingir, concentra-se num esforço sem fim para ela própria se tornar, e permanecer, uma mercadoria vendável. A característica mais proeminente da sociedade de consumidores — ainda que cuidadosamente disfarçada e encoberta — é a transformação dos consumidores em mercadorias; ou antes, sua dissolução no mar de mercadorias em que, para citar aquela que talvez seja a mais citada entre as muitas sugestões citáveis de Georg Simmel, os diferentes significados das coisas, e portanto, as próprias coisas, são vivenciados como imateriais', aparecendo 'num tom uniformemente monótono e cinzento' — enquanto tudo 'flutua com igual gravidade específica na corrente constante do dinheiro'. A tarefa dos consumidores, e o principal motivo que os estimula a se engajar numa incessante atividade de consumo, é sair dessa invisibilidade e imaterialidade cinza e monótona, destacando-se da massa de objetos indistinguíveis 'que flutuam com igual gravidade específica' e assim captar o olhar dos consumidores [...] Ser 'famoso' não significa nada mais (mas também nada menos!) do que aparecer nas primeiras páginas de milhares de revistas e em milhões de telas, ser visto, notado, comentado e, portanto, presumivelmente desejado por muitos — assim como sapatos,

saias ou acessórios exibidos nas revistas luxuosas e nas telas de TV, e por isso vistos, notados, comentados, desejados.[5]

Por outro lado, não menos danoso é a imersão total em um ativismo impiedoso ao qual muitos chamam de trabalho (Ec 2.17-23). Isso também é correr atrás do vento. O verdadeiro trabalho que nos realiza e produz satisfação não é aquele que nos desumaniza, transformando-nos em escravos, mas aquele onde ele é meio e não fim. Deus deve ser a razão do nosso labor diário.

Vimos que há um tempo para todas as coisas! E mais, esse tempo é extremamente precioso para não ser bem aproveitado! Por conta da transitoriedade da nossa existência, devemos saber usar bem o tempo quando buscamos o conhecimento; o lazer; uma vida próspera ou quando nos aplicamos no labor diário. Nunca devemos nos esquecer de que somente Deus é eterno e que somente Ele merece ser o centro de nossa busca.

NOTAS

[1] MACDONALD, William. **Comentário Bíblico Popular — Antigo Testamento — versículo por versículo.** São Paulo: Mundo Cristão.

[2] MACDONALD, William. Idem.

[3] SPENCE, H.D, EXELL, Josep S. *The* **Pulpit Commentary, vol. 9 — Proverbs, Ecclesiastes, Song of Solomon.** Peabody, Massachsetts. USA: Hendrickson Publishers, 2011.

[4] GAEBELEIN, Frank E. **The Expositor's Bible Commentary — Psalms, Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs.** Zondervan, USA (tradução livre do autor).

[5] GONÇALVES, José. **A Prosperidade à Luz da Bíblia.** Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

10

Cumprindo suas Obrigações Diante de Deus

Ec 5.1-6

[1]Guarda o pé, quando entrares na Casa de Deus; chegar-se
para ouvir é melhor do que oferecer sacrifícios de tolos, pois
não sabem que fazem mal. [2]Não te precipites com a tua boca,
nem o teu coração se apresse a pronunciar palavra alguma
diante de Deus; porque Deus está nos céus, e tu, na terra;
portanto, sejam poucas as tuas palavras. [3]Porque dos muitos
trabalhos vêm os sonhos, e do muito falar, palavras néscias. [4]
Quando a Deus fizeres algum voto, não tardes em cumpri-lo;
porque não se agrada de tolos. Cumpre o voto que fazes. [5]
Melhor é que não votes do que votes e não cumpras.

Nos capítulos 1— 4 do livro de Eclesiastes, Salomão já havia tratado praticamente de tudo aquilo que acontece "debaixo do sol". Ele mostrou que o conhecimento sem o temor de Deus não é sabedoria, mas estultice. Da mesma forma ele mostra que a busca pelo prazer e lazer pode ser simplesmente correr "atrás do vento", se não tiverem como fim último a adoração a Deus. Dentro ainda dessa perspectiva, a aquisição de muitos bens ou posses pode transformar um pobre em um rico, mas não em alguém próspero. Por último ele mostrou que o trabalho sem a visão de Deus como fim último é mero ativismo.

Agora Salomão, no capítulo 5 de Eclesiastes, irá falar sobre a adoração em um contexto em que se contrastam a obrigação e a devoção. Como devotos temos direitos, mas também possuímos deveres. E essas obrigações não se limitarão apenas ao mundo religioso, mas também ao universo político-social. Eclesiastes mostrará que essas obrigações serão melhores compreendidas quando vistas à luz dos os atributos de Deus, tais como: Santidade, transcendência e imanência.

Neste capítulo darei maior destaque a uma prática que é muito comum entre os pentecostais — a prática de se fazer um "voto" ou propósito em prol de determinada causa. Fiz isso também porque esse parece ser o assunto que recebe maior destaque por parte de Salomão em Eclesiastes 5.1-6.

OBRIGAÇÕES *VERSUS* DEVOÇÃO

Obrigações de natureza político-social

Há uma máxima que diz: "Primeiro a obrigação depois a devoção". Esse dualismo, que separa obrigação da devoção como se fossem duas dimensões totalmente distintas não é bíblico. A Escritura orienta-nos a priorizarmos o Reino de Deus (Mt 6.33), mas sem perdermos de vista a dimensão material da qual fazemos parte (Mt 22.21). Neste aspecto a obrigação deve ocorrer no contexto da devoção e vice-versa.

Eclesiastes também mantém essa perspectiva — "Eu te digo: observa o mandamento do rei, e isso por causa do teu juramento feito a Deus". (Ec 8.2). Há as autoridades constituídas, e como cidadãos, além de direitos, possuímos também deveres perante elas. São obrigações com as quais temos compromisso de cumprir. Por exemplo, precisamos pagar impostos (Rm 13.7), votar e ser votado, etc. Como cristãos não podemos nos eximir dessas obrigações ou deveres.

Obrigações de natureza religiosa e espiritual

Se há obrigação político-social, que são de natureza civil, por outro lado, há também as de natureza religiosa ou espiritual. Elas acontecem na dimensão do culto, da adoração e são de natureza mais devocional. A essência do culto é a adoração! De fato a palavra hebraica *shachar* mantém o sentido de *prostrar-se com deferência diante de um superior* (Gn 22.5; Êx 20.5). Salomão em Eclesiastes 5 está com isso em mente quando fala da casa de Deus como o local da adoração (Ec 5.1). Como construtor do grande Templo, Salomão sabia que aquela casa tinha como objetivo centralizar o culto e dessa forma proporcionar um dos propósitos mais sublimes do culto que é o de favorecer a unidade e promover a adoração verdadeira.

Obrigações Frente à Santidade de Deus

Reverência

Todo culto possui seu ritual e sua liturgia. Não há nada de errado nisso. A propósito, a palavra *liturgia* aparece associada ao culto na Igreja Primitiva: "Havia na igreja de Antioquia profetas e mestres: Barnabé, Simeão, por sobrenome Níger, Lúcio de Cirene, Manaém, colaço de Herodes, o tetrarca, e Saulo. E, servindo eles ao Senhor e jejuando, disse o Espírito Santo: Separai-me, agora, Barnabé e Saulo para a obra a que os tenho chamado" (At 13.1,2, ARA). A palavra *servindo (v.2)* é a tradução do termo grego *leitourgeo,* de onde vem a palavra portuguesa *liturgia.* A liturgia, portanto, também faz parte da adoração.

Salomão sabia disso e por isso adverte: "Guarda o pé, quando entrares na Casa de Deus" (Ec 5.1). Desligue o celular, tire o chiclete da boca, seja reverente! Comporte-se como um verdadeiro adorador! (Jo 4.20-24). Observe a liturgia do culto e não faça dele um local para interesses meramente pessoais. Infelizmente já presenciei casos de obreiros abandonarem o culto e até mesmo a mensagem para irem atender seus celulares! Se isso não é uma blasfêmia, no mínimo é pecado!

O culto é um espaço reservado para a adoração. Não pode se transformar na "casa de mãe Joana". É ali onde cultuamos a Deus e prestamos-lhe reverência. Então, por que não se observar a liturgia do culto? Por que não evitar a movimentação sem fim dentro da nave do templo? Por que não ensinar as crianças que no templo não é o local adequado para comer "petiscos"? Por que não desligar o celular em vez de ficar mandando torpedo para uma outra pessoa? Por que gastar um bom tempo do culto em intermináveis avisos, se alguns deles podem ser dados até um ano depois? Por que permitir o uso do púlpito como palanque eleitoral? Por que usar o púlpito para desabafar? Por que não usar o púlpito única e exclusivamente para a glória de Deus?

Obediência

A simples obediência a um conjunto de preceitos, normas e regras, sem atentar para os princípios que lhes dão fundamentação, é puro legalismo. Não vale a pena observar o preceito ou norma, é necessário atentar para o princípio por trás dele. No livro de Eclesiastes isso aparece de forma bem clara: "Guarda o pé, quando entrares na casa de Deus; Chegar-se para ouvir é melhor do que oferecer sacrifícios de tolos, pois não sabem que fazem mal" (Ec 5.1). Deus não está interessado na observância do sacrifício em si, mas na obediência aos princípios que regulamentam a sua prática. Foi exatamente isso que o profeta Samuel disse a Saul (1 Sm 15.22).

OBRIGAÇÕES FRENTE À TRANSCENDÊNCIA DE DEUS

Deus, o Criador

Todas as grandes religiões possuem noção do *sagrado* e demonstram temor e respeito diante dEle. A divindade aparece diante dos adoradores como o *totalmente outro.* No judaísmo e também no cristianismo esse conceito é mais elevado ainda, visto

existir a consciência de que esse *sagrado* trata-se do Deus verdadeiro que se revelou ao homem ao longo da história. Deus, portanto, é o Criador e se distingue das coisas criadas (Dt 4.15-20). Na teologia bíblica isso aparece como a doutrina da *transcendência de Deus* e é um dos seus atributos. Deus transcende as suas criaturas, isto é, está acima delas e por isso se distingue delas. Eclesiastes fala disso: "Deus está nos céus" (Ec 5.2). Deus está lá e você aqui! Deus pode se humanizar (Jo 1.14), mas o homem não pode se divinizar. Quem procurou ser igual a Deus foi expulso do céu (Ez 28.1,2; Is 14.12-15).

Homem, a criatura

O mesmo texto que diz "Deus está nos céus", também diz: "tu estás na terra" (Ec 5.2). Deus está no céu, o homem está na terra! Deus é o Criador, o homem é a criatura. É uma obrigação nossa saber que Deus é Deus e o homem é homem! Devemos ter muito cuidado para não nos transformarmos em heróis e supercrentes. Seria bom sempre nos lembrarmos de que estamos aqui "na terra". E mais, não apenas estamos aqui, mas somos feitos do mesmo material: "Temos, porém, este tesouro em vãos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós" (2 Co 4.7, veja Gn 2.7). Não há dúvidas de que essa conscientização nos levaria a sermos mais cuidadosos com nossas obrigações diante de Deus.

Obrigações Diante da Imanência de Deus

Deus presente — não estamos sozinhos!

O atributo da *imanência divina* mostra-nos que Deus, mesmo não podendo ser confundido com as suas criaturas, todavia pode se relacionar com elas. Deus cuida da sua criação. Isso significa que o nosso Deus não é um Deus distante, que após criar o mundo se ausentou dele! Pelo contrário, Ele é um Deus presente! No capítulo 5 de Eclesiastes, Salomão está falando do culto a

Deus e mostra como Ele se identifica com o mesmo, aprovando -o ou reprovando-o: "porque [Deus] não se agrada de tolos" (Ec 5.4). Essa mesma verdade é mostrada no Novo Testamento (2 Co 6.16). Essa proximidade de Deus deveria nos fazer melhores crentes, melhores cidadãos.

Deus de promessas — o valor das orações e votos

Tudo o que foi dito antes culminará numa das mais belas verdades bíblicas — Deus não apenas se faz presente, mas também prometeu nos abençoar atendendo nossas orações e realizando os nossos desejos. Isso acontecerá quando orarmos de acordo com sua vontade (Jr 29.12,13; Jo 14.13,14). Os judeus sabiam dessa verdade e por isso não somente oravam a Deus, como também se empenhavam através de votos (Nm 30.3-16; Dt 23.21-23). Não há dúvidas de que o livro de Eclesiastes tem em mente essas passagens bíblicas quando adverte: "Quando a Deus fizeres algum voto, não tardes em cumpri-lo; porque não se agrada de tolos. Cumpre o voto que fazes. *Melhor é que não votes do que votes e não cumpras".* (Ec 5.4,5, ARA). Em o Novo Testamento não encontramos um preceito concernente à prática do voto, mas o seu princípio permanece válido. Fazer compromisso ou propósito diante de Deus e cumpri-los é uma verdade que ultrapassa gerações.

O valor das orações e votos — uma análise contextualizada dessas práticas

Há algum tempo postei no meu blog um artigo sobre "voto" que escrevi para um periódico da CPAD. Visto que esse material literário tem ajudado muitos a dirimir suas dúvidas sobre essa prática, irei reproduzi-lo aqui.

Observei que essa é uma das postagens mais visitadas do blog com mais de 15 mil acessos. Recebi muitos e-mails de internautas que leram a postagem.

Publicarei um deles, resguardando a identidade da autora:

> A Paz do Senhor Pr. José Gonçalves. Sou adolescente de 16 anos, já fiz por diversas vezes "votos" com Deus. Só que eu nunca consigo cumpri-los. Mas a dúvida que me fez buscar a internet é: Nós podemos fazer um voto com Deus assim que concedida a graça? Um voto não cumprido, quais as consequências? Na Bíblia, tem uma passagem que diz mais ou menos assim (nem me lembro onde nem as palavras certas, mas tenho certeza que o Pr. sabe onde se encontra) o tempo da ignorância, Deus não leva em conta. Se eu fiz votos, antes de receber a bênção desejada (porque não fui devidamente orientada) e por motivos de fraqueza não as cumpri, Deus vai cobrar de mim? Agradeço muito se o Pr. responder esse meu comentário, pois estou muito angustiada. A Paz do Senhor.

Pois bem, vamos começar com um texto bíblico que faz alusão direta ao voto:

> Fez também Jacó um voto, dizendo: Se Deus for comigo, e me guardar nesta jornada que empreendo, me der pão para comer e roupa que me vista, de maneira que eu volte em paz, para a casa de meu pai, então, o Senhor será o meu Deus; e a pedra, que erigi por coluna, será a casa de Deus; e de tudo quanto me concederes, certamente eu te pagarei o dízimo (Gn 28.20-22, ARA).

Há alguns anos, eu acompanhava um pastor em uma visita a um outro colega obreiro de uma cidade vizinha a nossa. Ali chegando, enquanto aguardávamos a hora do almoço, os pastores presentes aproveitavam o tempo com assuntos informais. As conversas giravam em torno da vida da igreja. Não sendo ainda um obreiro com funções pastorais, apenas observava de "fora" aquele saudável debate. Pois bem, a certa altura daquele debate teológico, um dos pastores pôs no centro das discussões a falta de vitalidade espiritual na vida de muitos crentes. Ele achava que uma espécie de apatia parecia dominar a vida de muitos cristãos. Observou que essa

"mornidão" sempre existiu, mas que na época presente a situação parecia ter crescido em escala geométrica. Era algo com proporções nunca vista. Em palavras mais simples, a percentagem de crentes frios na presente dispensação da Igreja, era de longe superior a de outros tempos. Qual a razão para isso? Era a pergunta que todos os presentes sentiram-se forçados a fazer naquele momento.

Observei que dentre os pastores presentes, muitas explicações consistentes foram dadas, mas jamais me esquecerei daquela que um dos obreiros deu naquele momento. Na sua fala simples, porém sem ser simplista, ele disse que esse esfriamento ocorre por conta da falta de compromisso com Deus por parte de muitos crentes. Destacou no final de seu argumento a prática bíblica do voto como algo que estava sendo esquecido. Acrescentando em seguida que muitos crentes hoje desconhecem até mesmo o que seja um pacto com Deus. Sob muitos aspectos, destacou que o voto na cultura bíblica revelava propósitos específicos da vida dos crentes. Embora já se tenham passado muitos anos, todavia nunca me esqueci daquela cena. Ela me marcou. Ao se referir ao voto como algo a ser observado em nossos dias, aquele obreiro fez-me refletir sobre a validade dessa prática bíblica. Todavia estou consciente, em razão do atual contexto da fé evangélica brasileira, das reações contrárias que podem surgir. Em um contexto em que se loteia o céu; em que ainda outros fazem barganha da fé, é compreensível que surjam vozes discordantes da observância de determinadas práticas ou princípios bíblicos. Isso pode parecer legalismo. Todavia não tenho a menor dúvida da validade do voto.

A propósito, William Masselink destaca algumas razões que justificam a prática do voto a Deus em nossos dias.

1. O voto é um promessa feita a Deus.

O que pode ser uma expressão de gratidão por algum favor outorgado, ou uma promessa no sentido de manifestar gratidão por algumas bênçãos desejadas, caso Deus ache por bem outorgá-las.

Neste aspecto o voto bíblico não pode ser confundido com a "promessa" católica, uma vez que esta é feita a um "santo", enquanto aquele só poderia ser feito a Deus.

2. A Bíblia contém muitas injunções sobre a observância do voto.

Não deve, portanto, o voto ser visto como uma barganha. Uma espécie de "toma lá dá cá". O voto deve ser feito como uma expressão de devoção piedosa do crente a Deus. O Dr. Clyde T. Francisco ao se referir ao voto de Jacó, observa que "algumas pessoas têm criticado este ato como tentativa típica de uma barganha com Deus, mas ele estava longe disso. Jacó não pediu fama nem riquezas. Tudo o que ele desejou foi pão e roupa, até poder voltar. Este fato, por si mesmo, nos informa que essencialmente ele não era uma pessoa egoísta." A passagem de Gênesis 28.20-22 é a primeira referência bíblica sobre a prática do voto. Mas como bem observou o rabino Meir Matzliah Melamed, "em todas os tempos tanto na alegria como no sofrimento o homem sentiu a necessidade de estender seu coração a Deus por meio de votos e promessas. Mas afinal o que é, portanto, um voto? William Gesenius, renomado hebraísta, nos dá a definição para a palavra hebraica *nadar,* traduzida como "votar". Gesenius diz que um voto significa: "Prometer voluntariamente fazer ou dar alguma coisa". Gesenius ainda observa que a expressão mais completa *nadar neder*, é traduzida literalmente e de forma redundante como "votar um voto" (Jz 11.39; 2 Sm 15.8). O voto, portanto, é uma promessa que alguém assume perante a divindade. No conceito dado, fica em destaque que quando alguém quer fazer algum voto, deve fazê-lo voluntariamente. Todos os intérpretes fazem questão de destacar a voluntariedade do voto. W. Massilink observa que um voto "significa uma obrigação ou promessa voluntária feita a Deus".

De fato a voluntariedade é um elemento essencial para que um ato se configure como moral. Em outras palavras, só seremos responsabilizados por aqueles atos que praticarmos voluntariamente.

"mornidão" sempre existiu, mas que na época presente a situação parecia ter crescido em escala geométrica. Era algo com proporções nunca vista. Em palavras mais simples, a percentagem de crentes frios na presente dispensação da Igreja, era de longe superior a de outros tempos. Qual a razão para isso? Era a pergunta que todos os presentes sentiram-se forçados a fazer naquele momento.

Observei que dentre os pastores presentes, muitas explicações consistentes foram dadas, mas jamais me esquecerei daquela que um dos obreiros deu naquele momento. Na sua fala simples, porém sem ser simplista, ele disse que esse esfriamento ocorre por conta da falta de compromisso com Deus por parte de muitos crentes. Destacou no final de seu argumento a prática bíblica do voto como algo que estava sendo esquecido. Acrescentando em seguida que muitos crentes hoje desconhecem até mesmo o que seja um pacto com Deus. Sob muitos aspectos, destacou que o voto na cultura bíblica revelava propósitos específicos da vida dos crentes. Embora já se tenham passado muitos anos, todavia nunca me esqueci daquela cena. Ela me marcou. Ao se referir ao voto como algo a ser observado em nossos dias, aquele obreiro fez-me refletir sobre a validade dessa prática bíblica. Todavia estou consciente, em razão do atual contexto da fé evangélica brasileira, das reações contrárias que podem surgir. Em um contexto em que se loteia o céu; em que ainda outros fazem barganha da fé, é compreensível que surjam vozes discordantes da observância de determinadas práticas ou princípios bíblicos. Isso pode parecer legalismo. Todavia não tenho a menor dúvida da validade do voto.

A propósito, William Masselink destaca algumas razões que justificam a prática do voto a Deus em nossos dias.

1. O voto é um promessa feita a Deus.

O que pode ser uma expressão de gratidão por algum favor outorgado, ou uma promessa no sentido de manifestar gratidão por algumas bênçãos desejadas, caso Deus ache por bem outorgá-las.

Neste aspecto o voto bíblico não pode ser confundido com a "promessa" católica, uma vez que esta é feita a um "santo", enquanto aquele só poderia ser feito a Deus.

2. A Bíblia contém muitas injunções sobre a observância do voto.

Não deve, portanto, o voto ser visto como uma barganha. Uma espécie de "toma lá dá cá". O voto deve ser feito como uma expressão de devoção piedosa do crente a Deus. O Dr. Clyde T. Francisco ao se referir ao voto de Jacó, observa que "algumas pessoas têm criticado este ato como tentativa típica de uma barganha com Deus, mas ele estava longe disso. Jacó não pediu fama nem riquezas. Tudo o que ele desejou foi pão e roupa, até poder voltar. Este fato, por si mesmo, nos informa que essencialmente ele não era uma pessoa egoísta." A passagem de Gênesis 28.20-22 é a primeira referência bíblica sobre a prática do voto. Mas como bem observou o rabino Meir Matzliah Melamed, "em todas os tempos tanto na alegria como no sofrimento o homem sentiu a necessidade de estender seu coração a Deus por meio de votos e promessas. Mas afinal o que é, portanto, um voto? William Gesenius, renomado hebraísta, nos dá a definição para a palavra hebraica *nadar,* traduzida como "votar". Gesenius diz que um voto significa: "Prometer voluntariamente fazer ou dar alguma coisa". Gesenius ainda observa que a expressão mais completa *nadar neder*, é traduzida literalmente e de forma redundante como "votar um voto" (Jz 11.39; 2 Sm 15.8). O voto, portanto, é uma promessa que alguém assume perante a divindade. No conceito dado, fica em destaque que quando alguém quer fazer algum voto, deve fazê-lo voluntariamente. Todos os intérpretes fazem questão de destacar a voluntariedade do voto. W. Massilink observa que um voto "significa uma obrigação ou promessa voluntária feita a Deus".

De fato a voluntariedade é um elemento essencial para que um ato se configure como moral. Em outras palavras, só seremos responsabilizados por aqueles atos que praticarmos voluntariamente.

No caso do voto bíblico, ninguém era obrigado a fazê-lo. "Abstendo-te de fazer o voto, não haverá pecado em ti" (Dt 23.22). Por outro lado, uma vez feito o voto, havia a responsabilidade de cumpri-lo. "Quando fizeres algum voto ao Senhor, teu Deus, não tardarás em cumpri-lo; porque o Senhor teu Deus, certamente, o requererá de ti, e em ti haverá pecado" (Dt 23.21); "Quando a Deus fizeres algum voto, não tardes em cumpri-lo; porque não se agrada de tolos. Cumpre o voto que fazes" (Ec 5.4). Antes de se fazer um voto é necessário ter consciência do compromisso que estamos assumindo. Poderei cumprir esse voto? Lembro-me que um irmão me procurou certa vez. Ele demonstrava estar insatisfeito com o líder da congregação da qual ele fazia parte. Querendo saber a razão do seu descontentamento, descobri que era algo relacionado a um voto que ele havia feito. Ele votara a Deus dizendo que se o Senhor lhe desse vitória em algo que pedira, então em cumprimento do voto feito realizaria um culto semanal em sua casa. Sempre às terças-feiras. Tendo alcançado o favor do Senhor, aquele irmão viu-se em dificuldades para cumprir seu voto. O dirigente da congregação disse-lhe, com razão, que ele não deveria ter feito um voto que dependesse de terceiros para que pudesse ser cumprido. A igreja tinha a sua própria agenda e não poderia viver em função do voto daquele irmão. A questão não é, portanto, simplesmente votar, mas o que estamos votando e de que maneira cumpriremos os nossos votos.

O caso de Jefté é bem conhecido (Jz 11.30,35-36,39). Os versículos citados deixam claro que Jefté não tencionava que sua filha fosse o objeto de cumprimento de seu voto precipitado. "Fez Jefté um voto ao Senhor e disse: Se, com efeito, me entregares os filhos de Amom nas minhas mãos, quem primeiro da porta da minha casa me sair ao encontro, voltando eu vitorioso dos filhos de Amom, esse será do Senhor, e eu o oferecerei em holocausto"(Jz 11.30,31). Todavia a forma vaga e precipitada como fez o seu voto foi a causa do seu posterior lamento. "Quando a viu, rasgou as suas vestes e disse:

Ah! Filha minha, tu me prostras por completo; tu passaste a ser a causa da minha calamidade, porquanto fiz voto ao Senhor e não tornarei atrás (Jz 11.35). Por último, convém observar que de acordo com as Escrituras não podemos oferecer como voto ao Senhor aquilo que já lhe pertence ou que por Ele é proibido. Por exemplo: o dízimo já é do Senhor, não poderei fazer um voto tencionando pagá-lo com ele (Ml 3.10). Aquilo que é fruto de alguma coisa impura ou abominável também não pode ser objeto de voto (Dt 23.18). O voto, portanto, deve ser visto como uma forma de manifestação da graça de Deus, e com a qual Ele quer nos abençoar.

Neste capítulo abordamos as palavras do sábio Salomão no contexto da adoração bíblica. Ficamos logo conscientes de que não há adoração verdadeira que não leve em conta as obrigações diante de Deus e dos homens. Se quisermos viver uma vida espiritual plena devemos estar conscientes das implicações que a acompanham. De nada adianta termos templos suntuosos, ministrações eloquentes e cantores famosos se não estamos cumprindo com as obrigações que uma verdadeira adoração requer.

11

A Paciência Divina e o Fim dos Ímpios

Ec 9.1-6

[1] Deveras me apliquei a todas estas coisas para claramente
entender tudo isto: que os justos, e os sábios, e os seus feitos
estão nas mãos de Deus; e, se é amor ou se é ódio que está
à sua espera, não o sabe o homem. Tudo lhe está oculto no
futuro. [2] Tudo sucede igualmente a todos: o mesmo sucede
ao justo e ao perverso; ao bom, ao puro e ao impuro; tanto
ao que sacrifica como ao que não sacrifica; ao bom como
ao pecador; ao que jura como ao que teme o juramento. [3]
Este é o mal que há em tudo quanto se faz debaixo do sol:
a todos sucede o mesmo; também o coração dos homens
está cheio de maldade, nele há desvarios enquanto vivem;
depois, rumo aos mortos. [4] Para aquele que está entre os
vivos há esperança; porque mais vale um cão vivo do que
um leão morto. [5] Porque os vivos sabem que hão de morrer,
mas os mortos não sabem coisa nenhuma, nem tampouco
terão eles recompensa, porque a sua memória jaz no esque-
cimento. [6] Amor, ódio e inveja para eles já pereceram; para
sempre não têm eles parte em coisa alguma do que se faz
debaixo do sol.

Um tema recorrente abordado pelo sábio Salomão em Eclesiastes é o da aparente prosperidade dos maus. No livro dos Salmos, Davi, pai de Salomão, aborda essa questão com a pergunta: "Por que os justos sofrem e prosperam os ímpios?" (Sl 73). Em Eclesiastes o autor observa que os injustos e os néscios parecem levar vantagem sobre os justos e sábios debaixo do sol. E quando nessa arena nivela a ambos é para constatar que o mesmo fim parece suceder a ambos.

Essa também tem sido a constatação feita por cristãos piedosos ao longo da história, o que mostra a atualidade das palavras de Salomão. Mas como Salomão, os cristãos piedosos chegaram à conclusão de que a justiça é sempre melhor do que a injustiça e é preferível ser sábio do que estulto. E isso por uma razão bem simples — seremos medidos pela régua da eternidade e não pelas contingências da vida.

Os Paradoxos da Vida

Os justos sofrem injustiça

Uma das duras realidades experimentadas pelo rei Davi — a constatação de que os justos sofrem, também foi sentida pelo seu filho, Salomão. Davi, em tom de lamento, exclamou: "Pois de contínuo sou afligido, a cada manhã castigado" (Sl 73. 14). Mas não era assim com os perversos: "Eis que são estes os ímpios; e, sempre tranqüilos, aumentam suas riquezas" (Sl 73.12). Salomão também lutou contra o pessimismo quando contemplou essa paradoxal realidade: "Assim também vi os perversos receberem sepultura e entrarem no repouso, ao passo que os que frequentavam o lugar santo foram esquecidos na cidade onde fizeram o bem; também isto é vaidade" (Ec 8.10).

Na arena da vida o justo sofre (Sl 73.1-28; Fl 1.29). A. W. Tozer, escritor norte-americano, costumava dizer que esse mundo está mais para campo de batalha do que para palco de diversão.

O crente fiel e em comunhão com Deus deve estar consciente de que os revezes dessa vida não são indicadores de julgamento divino sobre ele. Também não são prova de uma fé fraca (2 Co 2.4; Cl 1.24; 2 Tm 1.8).

Os maus prosperam em seus caminhos

Por outro lado, tanto Davi como seu filho Salomão constataram que os ímpios prosperam! Davi exclamou: "Com efeito, Deus é bom para com Israel, para com os de coração limpo. Quanto a mim, porém, quase me resvalaram os pés; pouco faltou para que se desviassem os meus passos. Pois eu invejava os arrogantes, ao ver a prosperidade dos perversos" (Sl 73.1-3). Salomão como bom observador também viu isso: "Tudo isto vi nos dias da minha vaidade: há justo que perece na sua justiça, e há perverso que prolonga os seus dias na sua perversidade" (Ec 7.15).

Mas o que significa prosperar? Para respondermos a esta importante pergunta faz-se necessário esclarecermos alguns conceitos importantes. A razão para isto está na confusão que se faz com o conceito do que seja "prosperidade". Na teologia neopentecostal ser "próspero" significa "ter posses", e "bênção" significa "sucesso". Partindo desse princípio, algumas anomalias teológicas passam a reger a vida do cristão. Neste contexto a ideia que se tem de um pastor bem-sucedido, por exemplo, é de alguém que está se "dando bem" ou que é possuidor de muitos bens.

Dentro desse contexto a teologia da cruz foi suplantada pelo desejo de consumo. Basta ver as dezenas de programas de televisão vendendo *a granel* promessas de prosperidade financeiras. Dentro dessa ótica, um pastor bem-sucedido é alguém que não mora de aluguel e que possui, no mínimo, um carro do ano para andar. Mas isso está longe do que seja a prosperidade bíblica. Precisamos deixar bem claro que Deus quer que seus filhos sejam prósperos, mas isso não pode ser confundido simplesmente com aquisição de "posses" ou "bens". Nem tampouco a bênção do Senhor pode

ser confundida simplesmente com sucesso. Alguém pode possuir muitos bens, ter muitas posses, e ainda assim não ser uma pessoa próspera. Por outro lado, uma pessoa pode ser abençoada por Deus sem, contudo, ter aquele "sucesso" que o mundo tanto aplaude. Vejamos o Salmo 73, em que essas diferenças conceituais se tornam bem claras para nós. No versículo 3 nós lemos: " Pois eu invejava os arrogantes, ao ver a prosperidade dos perversos" (ARA). E no versículo 12 está escrito: "Eis que estes são os ímpios, e prosperam no mundo; aumentam em riquezas" (ARC). A palavra prosperidade neste último texto traduz o termo hebraico *shalew*, derivado de *shala*, e significa "tranquilo", "próspero". O contexto desse Salmo 73 deixa claro que o autor ficou perturbado com a aparente prosperidade dos incrédulos. Como isso podia acontecer, se aqueles que temiam a Deus pareciam viver em dificuldades?

Quando ainda se propunha a entender essa aparente contradição da vida, o salmista encontra a chave que solucionará o problema. "Até que entrei no santuário de Deus; então, entendi eu o fim deles. Certamente, tu os pusestes em lugares escorregadios; tu os lanças em destruição" (vv.17,18). Ele descobriu que os ímpios têm posse, mas não prosperidade; os ímpios desfrutam de sucessos, mas não de bênçãos divinas. Para o salmista, a prosperidade era mais uma questão de "ser" do que de "ter". Ser amigo de Deus é muito mais importante do que aquilo que Ele pode nos dar. "Todavia, estou de contínuo contigo, tu me seguraste pela mão direita. Guiar-me-ás com o teu conselho e, depois, me receberás em glória" (Sl 73.23,24).

É esse, precisamente, o conceito de prosperidade no Novo Testamento. Ao escrever aos crentes de Corinto, Paulo diz: "No primeiro dia da semana, cada um de vós ponha de parte o que puder ajuntar, conforme a sua prosperidade (Gr *Euodoo*), para que se não façam coletas quando eu chegar" (1 Co 16.2). Para ele, cada cristão possuía a sua prosperidade. Com certeza, ali havia cristãos com mais bens do que outros, mas todos eram prósperos em Cristo.[1]

Fica, portanto, estabelecido que a espiritualidade de alguém não pode ser medida pelo que tem, mas pelo que é. A régua da eternidade nos medirá tomando como critério a fidelidade e não a prosperidade. A prosperidade bíblica vem como resultado de um relacionamento sadio com Deus (Sl 73.17,27,28) e independe de alguém ter posses ou não. Os ímpios têm posses, mas não prosperidade.

A REALIDADE DO PRESENTE E A INCERTEZA DO FUTURO

O mesmo fim — a realidade da morte

Há uma chave que é importantíssima para entendermos a mensagem de Eclesiastes. Ela se encontra nos capítulos 2.10; 3.22; 5.17-19 e 9.9: "Esta é a tua porção nesta vida debaixo do sol". É debaixo do sol que expressamos nossa existência e é debaixo do sol que constatamos nossa finitude! A certeza da morte é uma verdade implacável, tanto para o piedoso como para o pecador! A sentença já foi decretada e é para todos (Hb 9.27). "Este é o mal que há em tudo quanto se faz debaixo do sol: a todos sucede o mesmo; também o coração dos homens está cheio de maldade, nele há desvarios enquanto vivem; depois, rumo aos mortos" (Ec 9.3). Com a realidade da morte tão presente, o futuro parece incerto: "Tudo lhe está oculto no futuro" (Ec 1.1). Se a nossa esperança se limitasse apenas a esta vida seríamos os mais infelizes dos homens (1 Co 15.19).

Destinos diferentes — A certeza da vida eterna

Já vimos que o sábio Salomão escreveu Eclesiastes sob a perspectiva daqueles que se encontravam "debaixo do sol". Já que a sua análise é puramente existencial, ele se limita a observar a vida do lado de cá e não do lado de lá. Somos seres de duas dimensões e trilhamos por destinos diferentes. Quem está do lado de lá, na

eternidade, não participa das coisas de cá, do que é puramente existencial. Neste aspecto "os mortos não sabem de coisa alguma" (Ec 9.5), não porque estão inconscientes, mas porque pertencem a uma outra dimensão. Pertencem a um outro mundo (Ap 6.9; 2 Co 5.8) onde nem mesmo o sol será mais necessário: "A cidade não precisa do sol" (Ap 21.13; Ap 22.5). Em vez de negar a realidade de um outro mundo, onde a alma é imortal, Eclesiastes (9.5) apenas confirma a sua trajetória nesta vida. É a revelação do Novo Testamento quem jorrará mais luz sobre essa trajetória do lado de lá (Fl 1.23; Lc 16.19-31; 2 Co 5.8; Ap 6.9).

Em Lucas 16.19-31, Jesus conta a história do rico e Lázaro. É uma história do outro mundo!

> Ora, havia certo homem rico que se vestia de púrpura e de linho finíssimo e que, todos os dias, se regalava esplendidamente. [20] Havia também certo mendigo, chamado Lázaro, coberto de chagas, que jazia à porta daquele; [21] e desejava alimentar-se das migalhas que caíam da mesa do rico; e até os cães vinham lamber-lhe as úlceras. [22] Aconteceu morrer o mendigo e ser levado pelos anjos para o seio de Abraão; morreu também o rico e foi sepultado. [23] No inferno, estando em tormentos, levantou os olhos e viu ao longe a Abraão e Lázaro no seu seio. [24] Então, clamando, disse: Pai Abraão, tem misericórdia de mim! E manda a Lázaro que molhe em água a ponta do dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama. [25] Disse, porém, Abraão: Filho, lembra-te de que recebeste os teus bens em tua vida, e Lázaro igualmente, os males; agora, porém, aqui, ele está consolado; tu, em tormentos. [26] E, além de tudo, está posto um grande abismo entre nós e vós, de sorte que os que querem passar daqui para vós outros não podem, nem os de lá passar para nós. [27] Então, replicou: Pai, eu te imploro que o mandes à minha casa paterna, [28] porque tenho cinco irmãos; para que lhes dê testemunho, a fim de não virem também para este lugar de tormento. [29] Respondeu Abraão: Eles têm Moisés e os Profetas; ouçam-nos. [30] Mas ele insistiu: Não, pai Abraão; se alguém dentre os mortos for ter com eles, arrepender-se-ão. [31]

> Abraão, porém, lhe respondeu: Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco se deixarão persuadir, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos.

Lembro-me que em 1988, quando eu era ainda um jovem seminarista, o meu professor de homilética pregou um sermão baseado nesse texto: *Um Clamor Vindo do Inferno.* O esboço dessa passagem geralmente é como segue: 1) O inferno é um lugar além túmulo; 2) O inferno é um lugar de lembranças; 3) O inferno é um lugar de conhecimento; 4) O inferno é um lugar de separação; 5) O inferno é um lugar de tormentos.

Que a vida segue além-túmulo é uma verdade inconteste no Novo Testamento. Já li muita coisa sobre a vida pós-morte. Em seu *Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo,* R.N. Champlin, PhD em manuscritos gregos do Novo Testamento, narra uma porção delas. O livro *Eles Viram o Inferno,* escrito por médicos que acompanharam pacientes terminais, também é assustador. Alguns pacientes que foram dados clinicamente como mortos e que foram ressuscitados artificialmente e voltaram contando histórias aterrorizantes de um inferno de fogo. O mesmo foi narrado por John Lenox em seu livro *Quarenta e Oito Horas no Inferno.*

Mas há um desses livros que me deixou impactado pelo seu relato sobre a vida pós-morte. Trata-se do livro *Por Que Creio,* de autoria do Dr. James Kennedy. Os que conhecem o Dr. Kennedy sabem que ele é um dos mais respeitados eruditos norte-americanos. É um homem sem misticismo algum na sua crença, mas que em seu livro pôs um capítulo intitulado: *Por que creio no inferno.*

Pois bem, nesse livro o Dr Kennedy conta uma dessas histórias que nos deixam pensativo. O livro narra a entrevista que o Dr. Kennedy teve com um ex-ateu que se converteu à fé cristã. A razão da conversão desse ateu foi uma experiência de quase morte que ele teve e durante a qual disse ter ido ao Inferno. Perguntado como era esse lugar, o ex-ateu contou que o sofrimento ali

era indescritível. Exemplificou dizendo que certa vez sofreu um acidente em uma linha férrea, sendo arrastado por vários metros. Experimentou uma dor terrível naquele acidente, mas segundo disse, a dor que sofrera no inferno era infinitamente maior. Disse também que quando era ainda jovem sofreu queimaduras no corpo e que a dor provocada pelas mesmas foram terríveis. Mas narrou que isso não podia se comparar ao que vivenciou no inferno.

O Dr Kennedy narra que toda vez que aquele homem contava essa história aterradora, ele começava a suar, passava mal e desmaiava! O inferno é realmente terrível, mas nós, pelo sangue de Jesus, escapamos dele!

A Imprevisibilidade da Vida

As contingências da vida

Possivelmente nenhum outro texto detalhe a imprevisibilidade e contingência da vida como este: "Vi ainda debaixo do sol que não é dos ligeiros o prêmio, nem dos valentes, a vitória, nem tampouco dos sábios, o pão, nem ainda dos prudentes, a riqueza, nem dos inteligentes, o favor; porém tudo depende do tempo e do acaso. [12] Pois o homem não sabe a sua hora. Como os peixes que se apanham com a rede traiçoeira e como os passarinhos que se prendem com o laço, assim se enredam também os filhos dos homens no tempo da calamidade, quando cai de repente sobre eles" (Ec 9.11,12).

A vida é imprevisível! Totalmente contingencial! Ricos e pobres, brancos e negros, estão sujeitos às suas vicissitudes. Terremotos, furacões, secas, desempregos, etc., ocorrem não somente em países habitados por pecadores, mas também por crentes piedosos. "A vida é incerta" observa Ed René Kivitz "e de vez em quando somos nós suas vítimas. A imprecisão entre o que fazemos e o que colhemos pode transformar em fatalidade o que sempre teve cara de sucesso. Quem se prepara, estuda e se esforça consegue sempre as melhores posições, certo? Nem

sempre, diria o Eclesiastes. Mas não adianta nada se preparar, estudar e se esforçar? Sim, adianta bastante, mas não é suficiente para garantir o sucesso e o conforto merecido. Que o digam os professores universitários".[2]

Habitamos em um mundo caído. Todavia o Senhor se faz presente no meio das intempéries da vida (Sl 46.1; 91.15).

Aproveitando a vida

O que fazer então ao saber que a vida possui os seus dissabores? Mergulhar em um pessimismo sombrio ou se tornar indiferente a tudo isso? Muitos se deprimem quando a calamidade chega e ainda outros se tornam amargos e se isolam. Salomão, mais do que qualquer outro, sabia que debaixo do sol a vida não era fácil e nem se parecia nem um pouco justa. Mas não a negou nem fugiu da sua realidade. Pelo contrário, aconselhou que em meio às imprevisibilidades da vida devemos nos preocupar em viver aquilo que nos foi tocado como porção: "Vai, pois, come com alegria o teu pão (...) goza a vida com a mulher que amas, todos os dias de tua vida fugaz, os quais Deus te deu debaixo do sol; porque esta é a tua porção nesta vida pelo trabalho com que te afadigaste debaixo do sol" (Ec 9.7,9, ARA).

VIVENDO POR UM IDEAL

A morte dos ideais

As palavras de Salomão em Eclesiastes 9.14,15, mostram uma cultura para a qual já não existem mais ideais: "Houve uma pequena cidade em que havia poucos homens; veio contra ela um grande rei, sitiou-a e levantou contra ela grandes baluartes. Encontrou-se nela um homem pobre, porém sábio, que a livrou pela sua sabedoria; contudo, ninguém se lembrou mais daquele pobre" (Ec 9.14,15).

O pobre agiu com sabedoria e idealismo, mas foi esquecido! Parece até mesmo que o Sábio fazia uma leitura da nossa cultura.

Nesse ponto, Eclesiastes demonstra ser mais atual do que nunca. A nossa cultura contemporânea ou pós-moderna também não tem mais ideais. Como bem observou Antonio Cruz, teólogo espanhol, ela não se fundamenta mais em nada, visto não possuir certezas absolutas. Tornou as pessoas individualistas e narcisistas, preocupadas consigo mesmas e não com o outro.

Vivendo por uma causa

Mesmo mostrando que as boas ações de alguém não tenham o merecido reconhecimento de outrem, ainda assim Salomão acredita que devemos viver por uma causa. "Então, disse eu: melhor é a sabedoria do que a força, ainda que a sabedoria do pobre é desprezada, e as suas palavras não são ouvidas. As palavras dos sábios, ouvidas em silêncio, valem mais do que os gritos de quem governa entre tolos. Melhor é a sabedoria do que as armas de guerra, mas um só pecador destrói muitas coisas boas" (Ec 9.16-18, ARA).

O expositor bíblico Michael A. Eaton destaca que: "A inversão contida no versículo 16 é verdadeira, no sentido em que os governantes são capazes de se fazer ouvir, enquanto a sabedoria corre o risco de perder-se em meio ao clamor. O contraste tríplice (*palavras...gritos, sábios...quem governa...em silêncio...entre tolos*) enfatiza a tese. *Quem governa* não se refere exclusivamente ao rei, mas a qualquer que pertença às classes governantes (*cf.* 2 Cr 23.20; Pv 22.7). Equilibrando-se *sábios* com *quem governa,* o autor indica que a autoridade não está, necessariamente, do mesmo lado da sabedoria. *Gritos* parece referir-se, aqui, aos berros de autoconfiança de um "governador distrital" local. Ao seu lado há um bando de bajuladores vociferantes que exercem péssima influência. Há mais esperança de sabedoria nas palavras ouvidas *em silêncio* (ligado à confiança em Is 30.15, e à alegria, em 4.6). Dessa forma, a sabedoria nem sempre prevalecerá; a gritaria, a verbosidade e o poder poderão triunfar contra ela. A sabedoria não dispõe de garantias embutidas".[3]

Acreditar em valores morais e espirituais e procurar viver à altura deles em meio a uma sociedade relativista e vazia de idealismo não tem garantia nenhuma de algum reconhecimento. Todavia ainda assim vale a pena viver por um ideal. Mais do que qualquer outro, o cristão sabe que nesta vida há causas pelas quais vale a pena lutar (Ef 3.14; At 20.24; 2 Tm 4.7).

Debaixo do sol a vida se mostra como ela é. Às vezes parece totalmente sem sentido, e em muitas outras, cheia de paradoxos. Mas é a vida e precisa ser vivida. Salomão não somente observou essa dura realidade, mas também a experimentou. Para não cairmos em um pessimismo impiedoso e nem tampouco em um indiferentismo frio, devemos então viver a vida a partir da perspectiva da eternidade. É a partir daí que tomaremos consciência de que há uma causa digna pela qual lutar e assim evitaremos cair nas malhas do pessimismo.

Notas

[1] GONÇALVES, José. **Defendendo o Verdadeiro Evangelho.** Rio de Janeiro: CPAD, 2009.

[2] KIVITZ, Ed René. **O Livro mais Mal-Humorado da Bíblia – acidez da via e a sabedoria do Eclesiastes.** São Paulo: Mundo Cristão, 2009.

[3] EATON, Michael A, CARR, G. Lloyd. **Eclesiastes e Cantares — introdução e comentário.** São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

12

Lança o teu Pão sobre as Águas

Ec 11.1-10

[1]Lança o teu pão sobre as águas, porque depois de muitos dias o acharás. [2] Reparte com sete e ainda com oito, porque não sabes que mal sobrevirá à terra. [3] Estando as nuvens cheias, derramam aguaceiro sobre a terra; caindo a árvore para o sul ou para o norte, no lugar em que cair, aí ficará. [4] Quem somente observa o vento nunca semeará, e o que olha para as nuvens nunca segará. [5] Assim como tu não sabes qual o caminho do vento, nem como se formam os ossos no ventre da mulher grávida, assim também não sabes as obras de Deus, que faz todas as coisas. [6] Semeia pela manhã a tua semente e à tarde não repouses a mão, porque não sabes qual prosperará; se esta, se aquela ou se ambas igualmente serão boas. [7] Doce é a luz, e agradável aos olhos, ver o sol. [8] Ainda que o homem viva muitos anos, regozije-se em todos eles; contudo, deve lembrar-se de que há dias de trevas, porque serão muitos. Tudo quanto sucede é vaidade. [9]Alegra-te, jovem, na tua juventude, e recreie-se o teu coração nos dias da tua mocidade; anda pelos caminhos que satisfazem ao teu coração e agradam aos teus olhos; sabe, porém, que de todas estas coisas Deus te pedirá contas. [10] Afasta, pois,

> do teu coração o desgosto e remove da tua carne a dor, porque a juventude e a primavera da vida são vaidade.

Nos capítulos anteriores, o livro de Eclesiastes mostrou a realidade nua e crua da vida. O livro mostra que debaixo do sol a vida se apresenta de forma totalmente imprevisível, cheia de altos e baixos, e muitas vezes fora de uma explicação lógico-racional. É assim que se observa na análise perplexa que Salomão faz das injustiças sofridas pelo justo e prosperidade que acompanha o perverso.

E aí, o que fazer diante de tudo isso? Ficar inerte ou se lançar no horizonte e enfrentar a vida como ela é? Salomão escolhe essa segunda opção e conclama seus ouvintes a fazer o mesmo. Mais reflexivo e agora mais consciente da realidade da vida, sabendo que ela pode se tornar um grande vazio, ele põe Deus no centro de suas reflexões. Irá mostrar que Deus é o ator principal nesse grande cenário da fé e que sem Ele a vida é totalmente sem propósito e vazia.

Vivendo com Propósito

Tomando uma atitude

"Lança o teu pão sobre as águas, porque depois de muitos dias o acharás" (Ec 11.1). No início desse texto Salomão exorta seus leitores sobre a necessidade de se tomar uma atitude na vida e os convida a lançar o pão sobre as águas. A palavra hebraica traduzida como lançar é shalah e mantém o sentido na língua original de: enviar, mandar embora, deixar ir. O sábio está dizendo: vá, não fique aí parado! Viva a vida com propósito! Viva a vida com uma atitude.

O treinador de líderes John Maxwell comenta:

"A pessoa comum em geral espera por alguém que a motive. Ela percebe que as circunstâncias são responsáveis pelo modo como pensa. Entretanto o que vem primeiro — a atitude ou as circunstâncias?

É de fato uma questão como a do "ovo e da galinha". Na verdade, não importa o que vem primeiro. Não importa o que aconteceu a você ontem, hoje é você que escolhe sua atitude.

O psicólogo Victor Frankl acreditava que "a última de nossas liberdades humanas é escolher nossa atitude não importa a circunstância". Ele conhecia a veracidade dessa afirmação. Frankl sobreviveu à prisão em um campo de extermínio nazista e durante o cativeiro não permitiu que sua atitude decaísse. Se ele pôde manter uma atitude benéfica, você também pode".[1]

John Maxwell destaca três razões por que devemos assumir uma atitude diante da vida:

1. Nossa atitude determina nossas ações.

2. Nossos seguidores são um espelho de nossa atitude.

3. Manter uma boa atitude é mais fácil do que readquiri-la.

Por outro lado, um outro sentido dessa palavra usada no hebraico bíblico é do envio missionário. Podemos ver isso por meio dos vários exemplos que a palavra *enviar* (hb. *Shalah*) possui. Por exemplo, a Escritura mostra que é Deus quem envia os homens como seus embaixadores ou representantes seus numa missão oficial (Is 6.8; Jr 1,7; Ez 2.34; Jz 6.8). Dessa forma, tanto Moisés como Gideão foram representantes de Deus nas missões que lhes foram entregues (Êx 4.28; Dt 34.11; Jz 6.14). De igual modo o Messias seria enviado na mais sublime das missões — salvar o pecador (Is 61.1).[2]

Evitando a passividade

Se por um lado devemos assumir uma atitude diante da vida, por outro lado forçosamente não devemos ser passivos diante da mesma. Salomão destaca que *quem somente observa o vento nunca semeará* (Ec 11.4). Somente observar, contemplar e admirar não é suficiente. Se em um primeiro plano as palavras do sábio significam que deve

haver empreendedorismo quer através de uma missão comercial, quer através de uma missão espiritual, em um segundo plano elas demonstram a necessidade da generosidade com o próximo. "Lançar pão", portanto, significa ser condescendente com as necessidades dos pobres e menos favorecidos. É fazer alguma coisa e não somente contemplar o infortúnio do outro. É trazer o pão de longe para alimentar os famintos (Pv 31.14). Significa ser generoso! Em o Novo Testamento encontramos a preocupação da igreja para com os menos favorecidos (Gl 2.10).

Steven K. Scott (2008, p.88,89) destaca que:

> Os psicólogos dizem que as duas maiores motivações da vida são o desejo de ganhar e o medo de perder. Salomão (Pv 11.24,25) nos garante que a generosidade age diretamente sobre os dois. Se você pudesse ter uma varinha de condão que garantisse suas necessidades materiais para toda a vida e uma prosperidade cada vez maior, quanto ela valeria? Salomão coloca essa varinha nas suas mãos: tudo o que você precisa fazer é se tornar uma pessoa generosa. O que Salomão quer dizer quando fala de generosidade? Ele diz que generoso é aquele que dá uma parte do que tem para suprir as necessidades do próximo, e que o faz sem esperar receber nada em troca. Embora ele fale do aspecto financeiro e material, a generosidade não se limita a isso. Ser generoso significa estar voltado para as necessidades dos outros, sejam elas quais forem.[3]

O Novo Testamento também destaca essa verdade. Vemos isso com toda força na carta de Paulo ao filipenses. No meu livro A Prosperidade à Luz da Bíblia destaquei esse fato: "E peço isto: que a vossa caridade abunde mais e mais em ciência e em todo o conhecimento" (Fp 1.9). A palavra 'caridade' nesse texto é a tradução da palavra grega ágape, cujo significado básico é amor. Todavia o termo grego pode ser traduzido também como benevolência e boa

vontade. Ao traduzir ágape por caridade nessa passagem bíblica, a tradução ARC põe em destaque o caráter generoso dos filipenses. Caridade aqui tem como sinônimo generosidade e não significa de forma alguma que alguém é salvo pelas obras (Ef 2.8). Os filipenses haviam se sensibilizado com a situação de carência do apóstolo e por isso resolveram ajudá-lo (Fp 4.15). O modelo de prosperidade pregado por Paulo soa muito diferente daquele que é adotado hoje. Prosperidade no atual contexto significa 'independência'. É por isso que vemos os constantes apelos como 'venha conquistar sua independência financeira'. Paulo era próspero e feliz, mas dependeu da ajuda de seus irmãos e demonstrou satisfação por isso".[4]

Vivendo com Dinamismo

Vivendo o presente — o movimento do vento e das nuvens

Vimos que no livro de Provérbios que Salomão se valia com muita frequência de uma linguagem metafórica para melhor compartilhar suas ideias. Percebemos isso quando ele usou o exemplo do trabalho das formigas para contrastar com a vida do preguiçoso (Pv 6.6). No livro de Eclesiastes, também encontramos esse recurso estilístico nas palavras do sábio: "Quem somente observa o vento nunca semeará, e o que olha para as nuvens nunca segará" (Ec 11.4).

Muitos intérpretes da Bíblia observam que a ideia aqui é a de *movimento e imprevisibilidade.* O vento está se movimentando o tempo todo e as nuvens são imprevisíveis em seu movimento. É uma metáfora da vida que está em constante movimento e que não pode deixar de ser vivida por causa da sua imprevisibilidade! É o tempo presente no qual se vive e que exige uma tomada de decisão diante dos desafios que ele impõe. Ficar olhando para a vida e se queixar sem tomar uma atitude frente aos seus desafios assemelha-se àquele que apenas olha o vento e as nuvens. Ver a vida passar e passa batido pela vida!

Ed Rene Kivitz observou com muita propriedade:

> Apesar de tudo, ele nos aconselha a arriscar, mesmo em um mundo incontrolável e cheio de incertezas. Seu primeiro conselho é "investir". "Quem não arrisca não petisca", diz o nosso ditado. Na versão de Eclesiastes, "atire o seu pão sobre as águas, e depois de muitos dias você tornará a encontrá-lo (11.1).[5]

Vivendo do passado — a imobilidade da árvore caída

"Estando as nuvens cheias, derramam aguaceiro sobre a terra; caindo a árvore para o sul ou para o norte, no lugar em que cair, aí ficará" (Ec 11.3). Sentido toda a força dessa metáfora, o escritor Derek Kidner destaca que a metáfora nuvem revela também que os fenômenos meteorológicos têm suas próprias leis e tempos, e não os nossos. Observa ainda que na metáfora da árvore caída aprendemos que a mesma não consultou a conveniência de ninguém para que pudesse tombar.

A árvore caiu e onde tombou ficou! Está totalmente imóvel e não há mais nada a fazer! A vida também é imprevisível e cheia de contingências. Ela não é feita somente de momentos bons, pelo contrário, há aqueles que são extremamente desagradáveis. E aí, o que fazer? Ficar preso a uma experiência passada sobre a qual nada mais se pode fazer ou enfrentar a vida desse ponto para frente? Ficar preso ao passado é assemelhar-se à árvore que tombou e sobre a qual nada mais pode ser feito.

VIVENDO COM FÉ E ESPERANÇA

Plantando a semente

O sábio Salomão já havia orientado em Eclesiastes 11.1 o "lançar", agora ele pede o "semear". A metáfora tem por objetivo reforçar o que ele já dissera no início desse capítulo, usando a figura de um navio enviado em uma missão comercial. Agora ele usa a figura de um

agricultor para dar vida ao seu argumento: "Semeia pela manhã a tua semente e à tarde não repouses a mão, porque não sabes qual prosperará; se esta, se aquela ou se ambas igualmente serão boas" (Ec 11.6).

R.N.Champlin destaca:

> Um agricultor tem de ser ativo pela *manhã* e à *noite,* semeando e efetuando os atos normais envolvidos na agricultura. O que o agricultor fizer pode dar certo; todas as suas esperanças podem estar de acordo com aquilo que Deus já determinou, mas também podem discordar. Seja como for, ele continua trabalhando e esperando pelo melhor. O labor humano é vão (v.8; Ec 1.3), mas precisamos continuar cumprindo nossa parte, deixando todas as coisas nas mãos de Deus.[6]

O destaque aqui é a arte de semear! Assim como é preciso "lançar" também é necessário "semear". Lançar e semear requer ação! É preciso plantar a semente, pois só colhe quem planta! (2 Co 9.6; Gl 6.7). Muitas vezes o solo da vida é duro, seco e arenoso e por isso semear se torna um trabalho árduo e difícil. Muitos desistem de semear porque as condições não são favoráveis. Desistem logo diante das primeiras dificuldades que a vida lhes impõe. Lawrence Richards sintetiza: "Embora ninguém possa controlar o futuro (v. 3), é melhor se preparar para ele, tão cuidadosamente quanto possível".7

Germinando a semente

Vimos que podemos semear, mas não podemos fazer a semente germinar: "Não repouses a mão, porque não sabes qual prosperará; se esta, se aquela ou se ambas igualmente serão boas" (Ec 11.6). A atividade de semear, plantar é uma operação de risco e exige fé de quem semeia ou planta. Pode ser que a semente plantada não germine e tudo que o semeador semeou tenha sido em vão. Mas era um risco que ele precisava correr.

Não há dúvida de que Salomão via a vida como um grande campo e com ele uma grande variedade de solos. Com certeza havia muitos solos nos quais fosse não atrativo semear, mas o agricultor só saberia que a semente germinaria se semeasse. O que dependeria também do clima. Era, portanto, preciso fé, perseverança e esperança. Uma bela metáfora da lei da sementeira espiritual. De nada adianta ficarmos observando o caos social e não tomarmos nenhuma atitude. É necessário que façamos a nossa parte semeando a genuína Palavra de Deus nesse solo duro e pedregoso (Lc 8.5-15).

"Levante-se, plante a sua semente em diversos lugares", escreve Ed René Kivitz, "diversifique, pois você não sabe quase nada: "assim como você não conhece o caminho do vento, nem como o corpo é formado no ventre de uma mulher, também não pode compreender as obras de Deus, o Criador de todas as coisas" (11.5). Por isso, mexa-se, movimente-se, recicle, aprenda, cresça, trabalhe! O Eclesiastes nos chama para o trabalho sem ilusões: ainda que o aleatório atravesse o curso das coisas e faça uma bagunça nas expectativas e probabilidades, trabalhe".[8]

VIVENDO COM RESPONSABILIDADE

Fazendo escolhas responsáveis

A sua exortação a um viver com propósito alcança agora de uma forma específica àqueles estão no alvorecer da vida, os jovens. Mas como vem fazendo durante todo o livro de Eclesiastes, Salomão não nega o lado alegre da vida: "Alegra-te, jovem, na tua juventude, e recreie-se o teu coração nos dias da tua mocidade; anda pelos caminhos que satisfazem ao teu coração e agradam aos teus olhos" (Ec 11.9). O jovem é convidado a viver a vida com intensidade e responsabilidade. Isso inclui fazer de Deus e das coisas que o agradam o centro de satisfação de sua vida, pois tudo o que Deus fez foi para o nosso aprazimento (1 Tm 6.17).

Em seu comentário de Eclesiastes o expositor bíblico Derek Kidner destaca:

> Enquanto isso o versículo 9 nos faz lembrar de um outro aspecto da alegria: sua relação com aquilo que é certo. À primeira vista este lembrete do julgamento parece uma espada de Damocles pendurada sobre a nossa cabeça, para roubar da festa todo o seu sabor. Talvez seja verdade, mas apenas se a nossa alegria for uma paródia da verdadeira alegria. *Os caminhos que satisfazem ao teu coração e agradam aos teus olhos,* ou, em outras palavras, a verdadeira liberdade, deve ter um alvo que valha a pena alcançar, um "muito bem"! que desejamos ouvir para ter satisfação. Caso contrário, a trivialidade ou, o que é pior ainda, o vício assume a direção. Seja qual for a conotação que a palavra "playboy" tenha para nós, sabemos que é uma pessoa que não relaciona sua vida com coisa alguma que seja exigente, e muito menos com os valores externos; é uma pessoa miserável. Assim este versículo, ao insistir que nossos caminhos interessam a Deus e são, portanto, significativos em toda a sua extensão, não rouba alegria alguma, mas apenas acaba com o vazio.[9]

Assumindo as consequências

Esse viver alegre, mas de forma responsável tem uma razão de ser — nossas ações têm consequências. É isso o que o sábio diz: "sabe, porém, que de todas estas coisas Deus te pedirá contas. Afasta, pois, do teu coração o desgosto e remove da tua carne a dor, porque a juventude e a primavera da vida são vaidade" (Ec 11.9,10, ARA). Viver a vida com intensidade está longe do viver desregrado, onde é dado vazão aos instintos numa espécie de "vale tudo". Não, não é isso! É viver sabendo que nossas ações gerarão consequências. Consequências que quem vive na primavera da vida não costuma lembrar nem medir. Viva a vida, mas viva para Deus e dessa forma não lamentará quando chegar a velhice.

O expositor bíblico Antonio N. de Mesquita destaca:

> "Aqui está, seu moço, sua mica, a existência de um *mas*... Não é apenas gozar a vida sem freios para a juventude. Deus vai pedir contas do modo como os olhos se alegram e de como o coração se regozija. Nada ficará por julgar. Isto, entretanto, é o que a mocidade menos conhece. Julgam os moços que o tempo e os gozos são privilégios seus. São, *mas*...todos devem ser controlados. Quantos velhotes estão agora correndo para consultórios especializados, em busca daquilo que botaram fora nos dias da mocidade! A gerontologia está fazendo estudos acurados para devolver aos velhos um pouco do que tinham na mocidade e lhes falta agora; isso, porém, parece miragem. Basta que se saiba dos desgastes da idade, que vai arrastando na sua corrida os vigores da juventude, os quais não voltam mais, nem à custa de pílulas nem de injeções. O que passou, passou. Entretanto, o deve ser um peso tremendo é o moço verificar que prematuramente se desgastou e nada reservou para os dias futuros. É a visitação de Deus.[10]

O capítulo 11 de Eclesiastes é um convite à ação. É uma resposta contra a mesmice. É um convite a um mergulho na fé que assume riscos, já que o mundo à nossa frente é um terreno desconhecido. É, portanto, um "lançar-se" e "semear". É também um "alegrar-se" com as maravilhas com as quais a vida nos presenteou. Mas também é um "afastar-se". Afastar-se daquilo que promete produzir adrenalina, mas que ao final prova ser extremamente amargoso.

A conclusão do capítulo 11 de Eclesiastes é vista por Addison G. Wright como "uma unidade que se equipara ao poema de abertura (1.2-11), Cóelet destaca seu conselho sobre a felicidade e dá a ele uma sétima e final expressão: a vida é doce e a pessoa deve regozijar-se nela enquanto é jovem e capacitada, e (como

um incentivo ao júbilo) deve-se recordar que a vida avançada e a morte se encontram logo adiante (vv. 7,8). O tema da alegria é desenvolvido nos (vv. 9,10) e os da idade avançada e da morte são desenvolvidos nos (vv. 12.1,8) e em três partes marcadas pela palavra "antes" nos (vv. 1,3,6). *Caminhos do teu coração... visão dos teus olhos:* não um convite ao hedonismo; ver comentário em 2.4. Nem um convite à imoralidade egoísta, como o restante do verso indica".[11]

Notas

[1] MAXWELL, John. **As 21 Indispensáveis Qualidades de um Líder — Siga-as e as Pessoas o Seguirão.** São Paulo: Mundo Cristão.

[2] Veja a obra: **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento.** São Paulo: Vida Nova.

[3] SCOTT, Steven. **Salomão, O Homem Mais Rico que já Existiu — a Sabedoria da Bíblia para uma Vida Plena e Bem-sucedida.** Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

[4] GONÇALVES, José. **A Prosperidade à Luz da Bíblia.** Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

[5] KIVITZ, Ed René. **O Livro Mais Mal-Humorado da Bíblia — a acidez da Vida e a Sabedoria de Eclesiastes.** São Paulo: Mundo Cristão.

[6] CHMPLIN, **O Velho Testamento Interpretado Versículo por Versículo.** Rio de Janeiro: CPAD.

[7] RICHARDS, Lawrence. **Comentario Devocional da Bíblia.** Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

[8] KIVITZ, Ed René. **O Livro Mais Mal-Humorado da Bíblia — a Acidez da Vida e a Sabedoria do Eclesiastes.** São Paulo: Mundo Cristão.

[9] KIDNER, Derek. **A Mensagem de Eclesiastes.** São Paulo: ABU Editora,1998.

[10] MESQUITA, A. Neves. **Estudo nos Livros de Eclesiastes e Cantares de Salomão.** Rio de Janeiro: JUERP, 1980.

[11] WRIGHT, Addison G. *in:* **Comentário Bíblico São Jerônimo — Antigo Testamento.** São Paulo: Paulus, 2007.

13

Tema a Deus em todo o Tempo

Ec 12.1-14

[1] Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade, antes
que venham os maus dias, e cheguem os anos dos quais di-
rás: Não tenho neles prazer; [2] antes que se escureçam o sol, a
lua e as estrelas tremerem os guardas da casa, os teus braços,
e se curvarem os homens outrora fortes, as tuas pernas, e
cessarem os teus moedores da boca, por já serem poucos, e
se escurecerem os teus olhos nas janelas; [4] e os teus lábios,
quais portas da rua, se fecharem; no dia em que não puderes
falar em alta voz, te levantares à voz das aves, e todas as har-
monias, filhas da música, te diminuírem; [5] como também
quando temeres o que é alto, e te espantares no caminho, e
te embranqueceres, como floresce a amendoeira, e o gafa-
nhoto te for um peso, e te perecer o apetite; porque vais à
casa eterna, e os pranteadores andem rodeando pela praça;
[6] antes que se rompa o fio de prata, e se despedace o copo
de ouro, e se quebre o cântaro junto à fonte, e se desfaça a
roda junto ao poço, [7] e o pó volte à terra, como o era, e o
espírito volte a Deus, do esplendor da tua vida, e tornem

a vir as nuvens depois do aguaceiro; [3] no dia em que que o deu. [8] Vaidade de vaidade, diz o Pregador, tudo é vaidade. [9] O Pregador, além de sábio, ainda ensinou ao povo o conhecimento; e, atentando e esquadrinhando, compôs muitos provérbios. [10] Procurou o Pregador achar palavras agradáveis e escrever com retidão palavras de verdade. [11] As palavras dos sábios são como aguilhões, e como pregos bem fixados as sentenças coligidas, dadas pelo único Pastor. [12] Demais, filho meu, atenta: não há limite para fazer livros, e o muito estudar é enfado da carne. [13] De tudo o que se tem ouvido, a suma é: Teme a Deus e guarda os seus mandamentos; porque isto é o dever de todo homem. [14] Porque Deus há de trazer a juízo todas as obras, até as que estão escondidas, quer sejam boas, quer sejam más.

OLHANDO PELO RETROVISOR

Salomão chega agora ao final das suas reflexões sobre o viver debaixo do sol. Como era de se esperar, ele faz um contraste com vívidas palavras sobre a vida e seus diferentes momentos. São estágios bem definidos: Juventude e velhice; alegria e tristeza; vida e morte; presente e futuro; o temporal e o eterno.

O texto deixa-nos a sensação de que a sua reflexão é feita de trás para frente, do fim para o começo. Ele fala da juventude, mas é a partir de uma análise nua e crua da velhice. Fala da vida, mas é com os olhos fitos na morte; ele fala do presente, mas é a partir do futuro; fala da vida, mas é a partir da morte; fala do temporal, mas seus olhos estão voltados para o eterno; fala da criatura, mas seu alvo é o Criador; fala do nosso aprazimento aqui, mas sem perder de vista o julgamento final.

Aprendamos, pois, como esse entendimento nos ajuda na construção de uma fé sadia e fundamentada no temor do Senhor.

Uma Verdade que não Pode Ser Esquecida

A criatura

O livro de Eclesiastes inicia o capítulo 12 com uma exortação: "Lembra-te do teu Criador". Uma das doutrinas bem definidas na Bíblia é a da criação por Deus de todas as espécies. Deus é o criador, e o homem como um dos seres viventes é a criatura (Gn 2.7). Mas o texto aqui não está interessado em provar a existência de Deus, para Salomão, que era teísta e escreveu para teístas também, esse era um fato bem definido. O que o sábio quer é que seus leitores não se esqueçam das suas temporalidades, que são homens e como tais não se passam de criaturas. O hebraico reforça mais ainda essa necessidade de ter isso bem definido em mente quando usa o termo zakar, que além de lembrar, significa também recordar, trazer à mente, fazer um memorial. A ideia é: lembre-se, ponha isso na sua mente e se possível faça um memorial, mas não se esqueça que você é uma criatura e que possui um Criador.

"Finalmente estamos prontos", observa o comentarista bíblico Derek Kidner, "se a nossa intenção tem sido essa, para olhar além das vaidades terrenas para Deus, que nos fez para si. O título Criador foi bem escolhido, fazendo-nos lembrar a partir de passagens anteriores no livro, que só Deus vê o padrão da existência como um todo (3.11), que nós estragamos a obra de suas mãos com as nossas "astúcias" (7.29) e que a sua criatividade é contínua e inescrutável (11.5). A nossa parte, lembra-te dele, não é um ato perfunctório ou puramente mental: é deixar de lado a nossa pretensão à autossuficiência, entregando-nos a Ele. Isto é o mínimo que as Escrituras exigem do homem em seu orgulho ou em situações extremas. No seu sentido melhor e mais forte, a lembrança pode ser uma questão de fidelidade apaixonada, uma lealdade tão intensa quanto a do salmista para com sua terra natal: "Apegue-se me a língua ao paladar, se me não lembrar de ti, se não preferir eu Jerusalém à minha maior alegria".

"Quando a lembrança significa tudo isto", continua Kidner, "não pode haver meias medidas ou contemporização. A juventude e o todo da vida não são suficientes para extravasá-la. É neste espírito que de novo somos instados a enfrentar nossa mortalidade. Desta última vez o trecho é mais demorado. Ao mesmo tempo é uma das mais belas sequências de figuras de palavras deste mestre da linguagem, uma realização suprema de sua dupla ambição: achar "palavras agradáveis" e "palavras de verdade" (v.10).[1]

O Criador

Na reflexão de Salomão, Deus aparece do começo ao fim. Em Eclesiastes 12.1, ele fala de Deus como o Criador e em Eclesiastes 12.13, ele mostra Deus como o supremo Juiz. Deus está desde o começo até ao fim! A ideia que o hebraico *bará',* traduzido como *criar,* passa é o de *moldar e formar a partir do nada.* É a mesma palavra usada em Gênesis 1.1, quando diz que *"no princípio criou (hb. bará') Deus os céus e a terra".* Foi Deus quem criou, moldou e deu forma a criatura a quem Ele chamou de homem! E mais, criou a partir do nada! Sem Deus o homem é um nada! Forçosamente esse fato nos remete a enxergarmos o homem como a criatura, Deus como o Criador; o homem como ser temporal, Deus como o ser eterno! Esse fato nos ajuda também a encarar a vida com mais humildade e prudência.

Em seu excelente livro *Quem é Deus — elementos de teologia filosófica,* o teólogo Battista Mondin comenta:

> Para o homem, Deus é tudo: sua causa primeira seu fim último, a fonte de sua vida, a luz da sua inteligência, a chama da sua esperança, o objeto do seu amor. Por isso, o homem jamais deve cessar de buscá-lo com todas as forças do espírito, da mente, da vontade, em todos os instantes da sua vida. De fato, "os homens sempre procuram Deus, talvez nos ídolos, nos líderes políticos, no fragor do terrorismo, nos

ídolos da música ou do esporte. Procuram alguma coisa de essencial, mesmo sem sabê-lo. Buscam a divindade (...)

[...] Deus não pode ser tratado como uma moda, como não podem ser vistos como moda os átomos e as moléculas, a energia atômica e solar, a vida humana, a existência pessoal, o céu e a terra, o homem e o mundo. Com Deus está em jogo toda a nossa existência, presente e futura, a maneira de entender a vida, nosso projeto de humanização, os valores fundamentais aos quais confiamos a realização de nós mesmos. A realidade de Deus não nos é estranha; aliás, é a mais importante que existe; ela delimita o horizonte dos nossos pensamentos, das nossas ações, dos nossos afetos, dos nossos desejos, do nosso próprio ser. Como (e mais do que) o ar que respiramos, a água que bebemos, a luz que nos ilumina. Deus não pode ser uma moda. Ele é a realidade primeira, fundamental, onipresente e onicompreensiva, que nos tira do nada com um puríssimo ato de amor, e com igual amor nos mantém no ser. É para Deus, pois, que corre espontâneo e insistente o nosso pensamento; para ele corre incansavelmente, como "a corça para a nascente da água.[2]

Os Lados Presente e Futuro da Vida

Eterna juventude

Senhor, o tempo foge aos saltos, aos arrancos,
Vai-se o brilho do olhar, vêm os cabelos brancos.
A mocidade passa e, sem que se pressinta,
A velhice depois é uma fogueira extinta...
O tempo esmaga o corpo, aperta a fronte, encurva
A coluna de prata e torna a baça e turva
A nitidez azul do espaço indefinido...
O olhar, indagador, misterioso, atrevido,
Que alcança a curva ideal da imensidão que embriaga

É como um círio aceso e que depois se apaga...
Não quero envelhecer, quero esta agilidade
Em sublime, perpétua, heroica mocidade...
Quero voltar, Senhor, ao meu desembaraço
Que sorvia num salto a vertigem do espaço.
Revivescer! Ressuscitar! Felicidade!
Sentir recuperada a antiga agilidade...
Romper com a manhã sem preconceitos falsos
O cabelo revolto, os pezinhos descalços...
O corpo é como o bronze — o tempo, num momento
Transforma, desfigura o altivo monumento!
Senhor, cuida de mim, Esperança Imortal,
Quero revivescer na vida espiritual,
Quero ressuscitar, sepultar o homem velho,
E ser um porta-voz da nova do evangelho...
Satisfaz esta sede imensa de verdade,
Transforma numa glória a minha mocidade...
Deus do Bem e do Amor, da Paz e da Virtude,
Conserva para sempre a minha juventude!

(Gióa Júnior, São Paulo)[3]

Salomão, portanto, discorrerá sobre a mocidade, da juventude se valendo de várias figuras que retratam com vivacidade esse estágio da vida. O alvo é mostrar a nossa finitude e com isso nos fazer enxergar quão frágeis somos diante da vida. "Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade" (Ec 12.1). Em Eclesiastes 11.9, ele já havia falado da juventude como uma fase de "recreação", de "satisfação" e "primavera". Todas essas metáforas criam uma imagem de exuberância que é característica da juventude. Na juventude, portanto, ninguém costuma se preocupar com lembranças, fazer memorial, guardar a história. Daí a exortação da necessidade de termos um referencial na vida e andarmos sempre com os olhos fitos nele. Em o Novo Testamento o autor sagrado mostra quem é esse referencial (Hb 12.2).

A velhice

Se a juventude é vista como um estágio onde se começa a viver a vida com toda a sua intensidade, a velhice aparece como um estágio final onde nada disso parece fazer mais sentido. Aqueles corpos fortes, cheios de vigor, agora estão alquebrados pelos anos e dando sinais claros que estão parando. O sábio não doura pílula, mas mostra de uma forma metafórica como a velhice é bem diferente da juventude. O prazer já não será aquele de antes, o sol não terá mais aquele mesmo esplendor, braços, pernas e dentes já não serão tão fortes, os olhos já não enxergam tão bem, a voz se torna fraca e os ouvidos já não escutam com precisão, o apetite já não é mais o mesmo e os cabelos já embranqueceram. Enfim, é um vaso frágil e sujeito a quebrar a qualquer instante!

Lançando mais luz sobre este texto, o *Comentário Bíblico Vida Nova* sublinha:

> A redução da luz (2a) se refere a diminuição da capacidade de se alegrar. O retorno das nuvens (2b) se refere à sucessão de perplexidades, quando a velhice se aproxima. *Guardas da casa* é uma referência aos braços; *os homens outrora fortes*, as pernas; os *moedores da boca,* aos dentes; *os teus olhos nas janelas* é uma referência à visão (3). O versículo 4 faz várias referências à audição debilitada, ao envolvimento reduzido com o mundo exterior e ao sono irregular. O verso 5 (deixando a representação um pouco de lado) fala do medo de altura. *Como floresce a amendoeira* é uma alusão ao cabelo embranquecendo. *Gafanhoto* retrata o andar desajeitado. *Perecer o apetite* significa que o desejo sexual diminuiu. A morte (*a casa eterna)* e o pranto vêm em seguida. O verso 6 apresenta duas figuras da morte: em uma, um *copo de ouro* está preso ao *fio de prata;* a morte rompe a corrente. A segunda figura é a de um *cântaro* quebrado *junto à fonte.* A morte ocorre quando a roda se desfaz, o cântaro se quebra, e as águas da

vida não são mais renovadas. O versículo 7 dispensa o recurso as figuras.[4]

AS DIMENSÕES DA EXISTÊNCIA HUMANA

Corporal

Tudo o que vivemos na vida, suas alegrias como as suas tristezas, seus acertos como também seus erros, seu presente como seu passado, só são possíveis em razão da existência de nossa dimensão corporal. Possuímos um corpo e Salomão chama a atenção para esse fato: "E o pó volte à terra, como o era" (Ec 12.7a). Esse texto mostra que o nosso corpo está sujeito às limitações do espaço e do tempo. Aqui debaixo do sol não deveríamos nos esquecer de que nosso corpo possui essa dimensão temporal. A propósito, a física define nosso corpo sendo um estado limitado da matéria. Nosso corpo possui limites! Por isso o que seremos amanhã depende muito do que fazemos com o nosso corpo agora.

A Escritura não vê nosso corpo como sendo algo mau ou ruim. Não, pelo contrário, a Bíblia mostra que a nossa dimensão temporal é tão importante quanto a espiritual (1 Co 6.19,20). Devemos, pois, cuidar do nosso corpo e fazer uso dele para a glória de Deus.

A real importância da dimensão corporal do homem não tem sido bem entendida na nossa cultura ocidental. Isso se deve à influência da cultura grega que herdamos. Para os gregos, que se valiam de métodos metafísicos nas suas análises antropológicas, a parte mais importante do homem era a sua alma e não o seu corpo. Para eles, a alma seria a mais perfeita, portanto, a causa da existência e não o corpo que seria o seu efeito. Todavia os judeus, tendo em Filo de Alexandria o seu expoente maior, e o cristianismo paulino já viam o homem nas dimensões: somática (corpo); psíquica (alma) e espiritual (espírito).

O filósofo Battista Mondin mostra a importância da nossa dimensão corporal, pois sem um corpo:

- Não podemos nos alimentar.
- Não podemos nos reproduzir.
-Não podemos aprender.
-Não podemos nos comunicar.
-Não podemos nos divertir.

Ele destaca ainda que é mediante o corpo que o homem é um ser social. Os fantasmas nos assustam porque não tem corpo. É mediante o corpo que o homem é um ser no mundo.[5]

Valorizemos e, portanto, cuidemos do nosso corpo!

Espiritual e psíquica

Se por um lado possuímos uma dimensão corporal, por outro Eclesiastes 12.7 revala também que possuímos uma outra dimensão — a espiritual: "E o espírito volte a Deus, que o deu" (Ec 12.7b). Aqui são duas dimensões, mas não independentes uma da outra. O homem é um ser integral, constituído de espírito, alma e corpo (1 Ts 5.23). Salomão omite em Eclesiastes 12.7 a parte psíquica, porque já falou dela com exaustão em todo o livro de Eclesiastes, especialmente no capítulo 12.1-6. O hebraico *ruach* é traduzido como *vento, fôlego, hálito* e *espírito*. O contexto desse capítulo, que faz um contraste entre o temporal e o eterno, não deixa dúvida de que esse termo significa "espírito" como a parte imaterial da qual o homem é constituído (1 Ts 5.23; 2 Co 5.8; Fp 1.23). Assim como cuidamos da nossa parte matéria devemos também cuidar da espiritual (2 Co 7.1; 1 Tm 4.8).

Se por um lado corremos o risco de negligenciar a nossa dimensão corpórea, por outro corremos o risco de superestimar a dimensão espiritual. Há cristãos que espiritualizam tudo! Caem numa passividade mental extremamente perigosa. Um outro dia um amigo pastor contou-me uma história cômica, mas que na verdade revela o erro onde muitos crentes estão caindo. Há na sua

igreja um irmão que dizia não fazer nada sem Deus mandar. Não usava sua razão para nada, caiu numa total passividade mental. Meu colega observou que a situação chegou ao extremo quando certo dia recebeu uma ligação daquele irmão. Ainda não eram seis horas da manhã quando aquele irmão ligou perguntando ao pastor se poderia ir ao banheiro!

Como pastor também já pastoreei crentes assim. Nos casos que acompanhei pude constatar nesse irmão um tipo de esquizofrenia profunda que necessitava urgentemente de tratamento. São pessoas que começam a dialogar com uma voz interior e que passam a ser totalmente dependentes dos comandos dado por essa voz. Acreditam que essa voz seja Deus, mas na verdade trata-se de um distúrbio mental que precisa ser tratado com oração e medicamentos.

Prestando contas de tudo

Guardando o mandamento

Após falar da brevidade da vida e da necessidade de se buscar em Deus um sentido para a mesma, o sábio conclui: "De tudo o que se tem ouvido, a suma é: Teme a Deus e guarda os seus mandamentos; porque isto é o dever de todo homem" (Ec 12.13). Há duas coisas que precisam ser sublinhadas nesse conselho. A primeira é que a vida é dinâmica, mas precisa de regras, normas ou mandamentos para ser vivida. É um chamado à observância da Palavra de Deus. Essa Palavra, ou mandamento, (hb. *mitsvah*) é constituída de preceitos, que são fundamentados em princípios. Para nosso próprio bem, devemos observar a sua letra e também o seu espírito. Em segundo lugar, o sábio diz que é um *dever* nosso guardar essa Palavra ou mandamento. Dever é algo que está acima da minha vontade ou desejos. Posso não gostar de remédios, mas para o bem da minha saúde preciso tomar o medicamento receitado. Posso não ter a mínima vontade de pagar impostos, mas se não o fizer vou arcar com as consequências. Se Deus mandou devemos obedecer.

Aguardando o julgamento

As últimas palavras de Eclesiastes, são: "Porque Deus há de trazer a juízo todas as obras, até as que estão escondidas, quer sejam boas, quer sejam más" (Ec 12.14). São palavras de advertências sobre o julgamento a que todos nós estamos sujeitos. Nossas obras e nossas ações serão medidas. Para Deus os valores são bem definidos, há aquilo que será sempre certo e aquilo que será sempre errado. Há as obras boas e as obras más. O termo hebraico *mishpat* usado aqui possui o sentido jurídico de *tomada de decisão.* Chegará o dia em que o Justo Juiz decidirá o nosso destino (Rm 14.10,12). Não são palavras intimidatórias, mas palavras que nos chamam a viver com responsabilidade diante dos homens e de Deus.

A vida, pois, é um contraste entre a alegria e tristeza; juventude e velhice; vida e morte; passado e futuro. Não há como fugir da realidade da vida. Sabendo, pois, que a nossa vida debaixo do sol é tão fugaz, cabe a nós procurar viver da melhor maneira possível esse dom do Criador. Salomão, em sua sabedoria, nos deixa a receita: tema a Deus em todo o tempo.

Notas

[1] KIDNER, Derek. **A Mensagem de Eclesiastes.** São Paulo: ABU Editora, 1998.

[2] MONDIN, Battista. **Quem é Deus — Elementos de Teologia Filosófica.** São Paulo: Paulus, 2005.

[3] JÚNIOR, Gióia. **Orações do Cotidiano — os melhores poemas de Gióia Júnior.** São Paulo: Mundo Cristão, 1995.

[4] CARSON, D.A. **Comentário Bíblico Vida Nova.** São Paulo: Vida Nova, 2009.

[5] MONDIN, Battista. **O Homem, Quem é Ele? — Elementos de Antropologia Filosófica.** São Paulo: Paulinas, 1980.

Sábios Conselhos para um Viver Vitorioso

Provérbios e Eclesiastes são livros atuais. As palavras sábias inseridas nestes livros servem como alento para os desafios diários do século 21. Questões como desequilíbrio, vícios, tristeza, inveja, problemas financeiros, entre outras podem ser encontradas nas palavras proferidas pelos sábios de Israel. Nesta obra, portanto, o autor faz uma abordagem prática e relevante destes dois livros a fim de inserir a verdade das Escrituras na vida das pessoas. Muito mais do que livros que gerem estímulo intelectual, Provérbios e Eclesiastes são obras que devem e podem ser praticadas. Haverá, conforme declara *Sábios Conselhos para um Viver Vitorioso*, aplicabilidade da sabedoria às constantes pressões da vida cotidiana.

ISBN 852631086-0
9 788526 310865